



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS

Departamento de História

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Orientador : Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez

A Cerâmica Decorada do *Mundo Baiões/Santa Luzia*



VOLUME 1

Jessica Levy Reprezas, 31116

Lisboa, Fevereiro de 2010

Jessica Levy Reprezas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado em Arqueologia orientada pelo Prof. Doutor João Carlos de
Senna-Martinez

A Cerâmica Decorada do Mundo Baiões / Santa Luzia

Jessica Levy Reprezas, 31116

Lisboa, Fevereiro de 2010

“Saído de um tribunal onde se ouviram versões contraditórias do mesmo acontecimento, o senhor Valéry disse :

- A única hipótese da verdade sobreviver é multiplicá-la. Se a verdade é uma única, e a mentira pode ser todos os biliões de possibilidades que restam, então, descobrir a verdade será quase impossível : um acaso milagroso; e a mentira, pelo contrário, aparecerá sempre, em todo o lado (...).

- O que é preciso é ter tantas verdades como mentiras – disse o senhor Valéry (...).

- ... ou então... – e o senhor Valéry não conseguiu deixar de fazer um sorriso irónico (...) ... ou então (...) é necessário ter uma única hipótese para a mentira.

O senhor Valéry regressou de tal forma contente com as conclusões que tirara da sessão de tribunal, que só quando viu que as chaves não entravam na fechadura se apercebeu de que estava em frente à casa errada.

- Cá está – murmurou o senhor Valéry – se todas estas casas fossem minhas, com a excepção de uma, provavelmente não me tinha enganado. Seria mesmo muito azar enganar-me.

E com esta pensamento na cabeça o senhor Valéry, sem se aperceber, estava, de novo, em frente a uma porta errada.

(...)

E de tanto forçar a chave numa fechadura errada o senhor Valéry acabou por parti-la, o que muito o irritou.

Felizmente tinha sempre consigo uma segunda chave. E para não falhar de novo concentrou-se totalmente na tarefa, esquecendo, assim, por momentos, os seus raciocínios.

E desta vez a porta abriu-se.”

(Gonçalo M. Tavares, *O Senhor Valéry*)

Agradecimentos

A chegada a bom porto do trabalho que ora se apresenta deve-se, em primeiro lugar, à presença e ao incentivo constantes do Professor João Carlos de Senna-Martinez, que orientou, motivou e colaborou em tudo o que pôde, sempre disponível para discutir, para explicar, voltar a explicar, e ainda tornar a explicar uma outra vez; para emprestar e recomendar bibliografia, para “aturar” o caos de cacos, folhas e livros instalado no seu gabinete. A ele lhe devo o gosto pela Idade Bronze e pelas paisagens beirãs.

À Elsa, com quem discuti todos os passos à frente e atrás deste trabalho, com quem partilhei dias intermináveis de trabalho de gabinete, idas à biblioteca, bibliografia e ideias. Mas sobretudo pela sua amizade, sempre crescente e surpreendente, que me foi absolutamente vital para não desistir.

Ao Alexandre Canha, colega e amigo, por me ter apresentado Canedotes e me ter cedido todos os dados do sítio, e por partilhar comigo o gosto pelos cacos decorados do Bronze Final.

À Catarina Jardim, amiga dos bancos da escola, que aceitou o desafio de fotografar materiais arqueológicos.

À minha irmã Bianca, a quem devo o aspecto gráfico da capa; e ao meu irmão Marco, pela preciosa ajuda a corrigir o inglês.

À Xana, a diplomata com quem posso discutir Arqueologia, pela leitura atenta do trabalho, mas sobretudo por ter sido minha amiga.

Aos colegas da Faculdade de Letras, nomeadamente a Catarina Alves, cujos desenhos dos sítios da plataforma do Mondengo, elaborados ao longo dos anos, me foram indispensáveis.

À minha Mãe, pelo apoio incondicional ao meu progresso académico, e que sempre acreditou, mesmo quando duvidou. Foi ela quem leu, na recta final, todo o meu trabalho, e a partir de Tripoli, foi enviando as correcções ao texto.

A toda a minha família – pais, padrasto, irmãos, sobrinhos, sogros. Cada um, à sua maneira, ajudou a manter a normalidade na minha vida.

E ao André. Pelo que investiu e sacrificou para me permitir a conclusão deste trabalho.

Resumo

A cerâmica decorada do denominado “Mundo Baiões/Santa Luzia” caracteriza-se pela utilização sistemática da técnica de incisão pós-cozedura, o que constitui a sua especificidade por excelência. Ela encontra-se centrada na região da Beira Alta, ocorrendo apenas de forma residual nas áreas envolventes, no mesmo período crono-cultural. Foram ensaiadas, no entanto, nos povoados estudados, outras técnicas decorativas, ainda que com menor expressão, como a decoração brunida, numa modalidade “local” a que alguns autores atribuem a designação de “sulcos brunidos”, e para a qual propomos uma precedência cronológica relativamente as versões meridionais, nomeadamente andaluzas, bem como a excisão e o boquique, que atestam relações estabelecidas com outras regiões, nomeadamente a Meseta Norte, durante o Bronze Final.

Os motivos decorativos organizam-se em esquemas variados, baseados em elementos simples de cariz geometrizar angular (os motivos com linhas curvas são praticamente inexistentes). Os resultados obtidos parecem apontar para a prevalência de determinados motivos em detrimento de outros, nalguns povoados, o que nos leva a supor que a decoração cerâmica induz ‘personalidade’ aos recipientes, materializando identidades que podemos relacionar, de forma conjectural, com as unidades familiares que habitariam os povoados estudados. Genericamente, a cerâmica decorada do Bronze Final da Beira Alta parece cristalizar, de uma forma própria e renovada, uma tendência decorativa de matriz geometrizar, de base triangular, que se vem afirmando nos comportamentos decorativos seguramente desde o Calcolítico.

Palavras-chave: Bronze Final; “Grupo Baiões/Santa Luzia”; cerâmica decorada.

Abstract

The decorated pottery of the “Baiões/Santa Luzia” cultural group is marked by the systematic usage of the ‘*post-firing*’ incision technique, which constitutes its fundamental characteristic. This technique is mainly found in the *Beira Alta* region of Portugal, although it can also be found in neighbouring regions during the Late Bronze Age. Other techniques were tried, such as the burnished decoration, in a “local mode”, that some authors call ‘*burnished furrows*’, that we consider prior than its meridian versions from Andaluzia. We can also find fragments decorated with the excision technique, or *boquique*, that proves relations were established between Beira Alta and other territories, such as *Meseta Norte*, during the Late Bronze Age.

The decorative motifs are organized in various patterns, based on simple geometrical angular elements (curved lines are practically inexistent). The results of the study seem to demonstrate that some motifs are more common than others in each Hamlet, showing that the decorated pottery could function as personalisation elements of a society, in relation to the expanded familiar groups in the study. In general terms, the decorated pottery of the “Baiões/Santa Luzia” cultural group confirms that in an original and innovative manner, a tendency for the geometrical pottery decorations which comes from the decorative tendencies of the Chalcolithic period.

Key-words: Late Bronze Age; “Baiões/Santa Luzia” cultural group; decorated pottery.

ÍNDICE

1. Introdução.....	8
2. Enquadramento geográfico da área de estudo.....	11
3. A decoração cerâmica enquanto objecto de estudo.....	15
3.1. Problemática.....	15
3.2. Metodologia.....	18
4. Breves considerações sobre o “Mundo Baiões Santa Luzia”	27
5. Os sítios e os conjuntos artefactuais estudados.....	32
5.1. Introdução.....	32
5.2. A problemática da cronometria.....	33
5.3. Os sítios escavados.....	36
5.3.1. O Cabeço do Crasto de São Romão.....	36
5.3.2. O Outeiro dos Castelos de Beijós.....	53
5.4. As recolhas de superfície.....	56
5.4.1. O Castro de São Cosme.....	56
5.4.2. A Malcata.....	60
5.4.3. O Alto da Cavada.....	62
5.4.4. O Cabeço do Cucão.....	67
5.4.5. O Castro da Senhora do Bom Sucesso.....	69
5.5. Os dados da cerâmica decorada de outros povoados do Bronze Final da Beira Alta.....	73
5.5.1. Canedotes.....	73
5.5.2. O Castro da Senhora da Guia.....	85
5.5.3. O Castro de Santa Luzia.....	91
6. A Beira Alta e os outros espaços regionais do Bronze Final – aspectos da cerâmica decorada.....	95
7. Conclusões.....	110
8. Bibliografia.....	115

1 INTRODUÇÃO

“As any (...) archaeologist knows, style is easily confounded with function.” “To get around this, I needed to map a guaranteed non-functional trait. The pottery decorations looked like my best hope.”

(Sampson, 1988)

O presente trabalho resulta de um desafio que nos foi colocado pelo Professor Doutor Senna Martinez; face à impossibilidade, em tempo útil, de recolher dados novos relativos ao Bronze Final da Beira Alta, poderíamos utilizar dados preexistentes, à luz de uma nova agenda.

Os trabalhos arqueológicos que resultam da análise de um acervo material concreto, com procedimentos de gabinete específicos e incontornáveis (neste caso fragmentos cerâmicos decorados) correm sempre o risco de se tornarem monótonos, na interminável apresentação de dados brutos, que são, no entanto, indispensáveis para a transmissão e construção de conhecimento. Tentámos, tanto quanto possível, não perder de vista o prisma interpretativo e transformar todos os dados obtidos em informação relevante.

Inicialmente, quando definimos um tema e um objecto de estudo, equacionámos um número megalómano de objectivos teóricos, que passavam pela descrição cuidada e exaustiva da cerâmica decorada da Beira Alta do Calcolítico e da I Idade do Bronze, fazendo a ponte para o Bronze Final, e a partir dele, lançarmo-nos na formulação de modelos estilísticos que queríamos reencontrar nas comunidades pré-romanas, colaborando na definição das suas fronteiras. O trabalho foi, de forma orgânica, quase inconsciente, tomando proporções realistas e exequíveis, resultando naquilo que ora se apresenta.

Foi com receio que incorporámos, no grupo de povoados que elegemos para trabalhar, materiais resultantes de recolhas de superfície; as condicionantes

múltiplas que resultam deste tipo de recolhas, a inexistência de proveniências estratigráficas para esses materiais, e a enorme discrepância do volume de materiais, relativamente aos sítios escavados, levou-nos a duvidar da utilidade de os incluir no nosso trabalho estes sítios. Os resultados obtidos foram surpreendentes, reforçando a nossa crença no potencial informativo destas recolhas, desde que efectuadas de forma aleatória, tornando a nossa amostragem geograficamente mais abrangente, ainda que necessariamente truncada.

O estudo de um grupo minoritário dentro dos conjuntos cerâmicos, neste caso de um grupo “de excepção”, também nos preocupou. Isolámos uma problemática na expectativa de produzir dados novos, correndo o risco de não os encontrar. O desenrolar do trabalho também nos confirmou que a escala de análise de um assunto, em arqueologia, é absolutamente determinante nos resultados que obtemos; quanto mais apertamos a malha, mais informação retemos.

O trabalho organiza-se, formalmente, em sete capítulos, para além desta introdução. O segundo capítulo prende-se com a definição da área de estudo, nomeadamente com a descrição sumária das suas características geográficas. O terceiro capítulo resulta da reflexão sobre a cerâmica decorada enquanto objecto de estudo, o seu potencial e as suas limitações, no qual enquadrámos também a metodologia adoptada nos vários momentos deste trabalho; as questões relacionadas com a análise macroscópica dos fragmentos cerâmicos (campos e variáveis do inventário), com especial relevância para as diferenças entre as técnicas decorativas, uma vez que é em torno delas que todo o trabalho gravita; e com um conjunto de outras preocupações metodológicas com as quais nos debatemos ao longo do trabalho.

O quarto capítulo faz o enquadramento teórico prévio à apresentação dos dados, reflectindo brevemente sobre o mundo “Baiões / Santa Luzia”.

O quinto capítulo abre com uma breve descrição dos povoados em estudo, caracterizando o tipo de povoamento instalado no momento cronológico em questão, dotando os materiais apresentados de “contexto”. No ponto 5.2 propusémo-nos a compilar os dados cronométricos relativos à Beira Alta, resultantes da sua recalibração, resultados a partir dos quais construímos uma nova discussão com base na problemática da cerâmica decorada. São, seguidamente, apresentados os dados brutos relativos aos conjuntos cerâmicos estudados. Apresentam-se separadamente materiais exumados em escavação (ponto 5.3) e aqueles que foram obtidos em prospecção (ponto 5.4), por recolha de superfície. Apresentam-se ainda dados relativos a outros povoados do Bronze Final da Beira Alta, com os quais procurámos definir o melhor possível o horizonte da olaria decorada deste momento cronocultural, estabelecendo paralelos e marcando as diferenças.

O sexto capítulo coloca o Bronze Final em perspectiva, na Beira Alta, procurando sumariar as principais roturas e as principais continuidades nos comportamentos decorativos das comunidades que a povoaram, a partir do Calcolítico. Procurámos também recolher o máximo de informação possível relativamente a outras áreas regionais, no mesmo momento cronológico, enquadrando a Beira Alta no contexto peninsular, com especial relevância para a Beira Interior e para espaços meridionais, em virtude da discussão que se proporcionou em torno da decoração brunida.

No último capítulo esquematiza-se uma resenha das principais conclusões obtidas ao longo do trabalho.

2 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DA ÁREA DE ESTUDO

“A Beira Alta é um vasto planalto rodeado de montanhas.” (Ribeiro, 1995)

O conjunto de povoados seleccionados para estudo inserem-se naquilo que consideramos uma *área regional coeva* – a Beira Alta. Uma área regional é, *grosso-modo*, definida por um conjunto de nexos ambientais – climatérios, geológicos/geográficos, ecossistémicos – comuns, que consubstanciam um ‘território’, no sentido lato do termo. Consideramos que, em grande medida, estas condições possuem um cariz condicionante do comportamento das sociedades, tanto mais quanto mais próxima é a sua relação com o meio e os recursos. Por outro lado, acreditamos que a escolha de um espaço não resulta tão somente de uma equação simplista, baseada no aproveitamento dos recursos disponíveis com o menor esforço possível. Sabemos que a ocupação humana da Beira Alta remonta, pelo menos, ao Neolítico Antigo; as sociedades do Bronze Final, que evoluem em continuidade, teriam já uma relação antiga com o espaço, enraizada em comportamentos culturais específicos.

Assim, cremos ser de importância primordial uma aproximação tão rigorosa quanto possível à área de estudo, do ponto de vista natural e geográfico – reconstituir um “espaço cénico” onde possamos dar vida às sociedades humanas. A observação da topografia e da litografia de uma região - elementos físicos de extrema perenidade - permitem-nos uma leitura relativamente segura do espaço, como base de trabalho para pensar as estratégias de implantação do povoamento, de obtenção de recursos, da dinâmica de movimento dessas comunidades no território (canais preferenciais de trânsito, etc). Por outro lado, o clima e o coberto vegetal configuram uma área de estudo mais sensível e mais passível de alterações significativas no tempo.

Todos os povoados que apresentamos para análise já foram previamente publicados noutros âmbitos. Procuraremos, assim, caracterizar de forma sumária o

nosso espaço, num exercício de síntese de tudo aquilo que já foi escrito sobre o assunto.

A Beira Alta, maior província portuguesa, pode ser subdivida em duas regiões muito distintas – a “beira trasmontana”, que desde já excluimos da nossa análise e a “verdadeira beira alta”, ou a Beira do distrito de Viseu (a que teremos de acrescentar alguns espaços menores compreendidos nos Distritos da Guarda e Coimbra) (Ribeiro, 1995). Configura uma extensa área planáltica, definida por acidentes geográficos e linhas de água importantes. É limitada a Sul pela Cordilheira Central, a Ocidente pelo Maciço Marginal (Serras do Caramulo, Montemuro e pelo maciço da Gralheira), a leste pelo planalto da Nave, e a Norte pelos interflúvios com a bacia do Douro (que não constituem, no entanto, limites absolutos) (Senna-Martinez, 1989).

Geomorfologicamente, podemos subdividir o território em duas zonas – as superfícies de aplanamento (o planalto da Nave e a plataforma do Mondego), e os acidentes geográficos (as serras do Caramulo, Gralheira e Montemuro) (Pedro, 1995, p. 6-10).

Do ponto de vista geológico, a região é dominada por granitos de idade hercínica, com diferenças texturais e mineralógicas significativas. São ainda importantes as litologias xistenses ante ordovícicas e filões de quartzo, também bastante expressivos (Canha, 2002). Os granitos, pela sua extrema impermeabilidade, são responsáveis por uma altíssima concentração de água à superfície. Por outro lado, a sua desagregação nas camadas húmosas torna-as extremamente ácidas, o que, por um lado, torna mais precárias as condições agrícolas, e, por outro, transforma o registo arqueológico orgânico virtualmente inexistente na região. Os solos são pouco espessos, em virtude dos altos índices de erosão, muitas vezes ausentes (Canha, 2002).

Climatericamente, estamos numa área de influência das massas de ar atlânticas, clima “marítimo de transição”. A região conhece níveis pluviométricos significativos (Racional de Torthwaite Super-Húmido), em virtude desta humidade oceânica condensada (chuvas de relevo), facto que, aliado às condições geológicas já referidas, proporciona excedentes hídricos anuais de alguma importância. (Ribeiro,

1940). De facto, estes altos índices de humidade constituem a “tónica da paisagem”; paisagem de penedos musgosos, arredondados, erodidos, paisagem verdejante de lameiros, polvilhada de inúmeras linhas de água, lembrando, em grande medida, o baixo Minho.

No tocante ao coberto vegetal, ele é algo contrastante, de acordo com altitude e o regime pluviométrico, opondo as vertentes e fundos de vales, mais arborizados e verdejantes, ao planalto. É considerada zona fitoecológica SA.MA (subatlântica / mediterrâneo-atlântica), com presença significativa de bétula celtiberica (vidoeiro), *castanea sativa* (castanheiro), *pinus pinaster* (pinheiro bravo), *pinus pinea* (pinheiro manso), *quercus pyrenaica* (carvalho negral), *quercus robur* (carvalho roble / alvarinho), *quercus suber* (sobreiro) e *taxus baccata* (teixo). Acima dos 900m, a vegetação é esparsa, apesar das recentes tentativas de arborização, apenas com espécies rasteiras e arbustivas (Saez, *et al*, 2000).

O território é bastante rico do ponto de vista mineralógico, sobretudo em estanho e volfrâmio, sendo que as zonas mais ricas correspondem às que apresentam maior concentração de povoados proto-históricos (Pedro, 1995, p.6-10). A par da subsistência da comunidade, da sua segurança e de outros factores culturais e sociais que nos ultrapassam, a exploração de recursos mineralógicos seria certamente uma preocupação na estratégia de povoamento do Bronze Final; a produção metalúrgica está atestada, ainda que à pequena escala, para praticamente todos os povoados, nomeadamente para o Cabeço o Crasto e São Romão (Figueiredo, *et al*, 2010).

Estamos, desde já, perante condições ecossistémicas favoráveis a uma economia agro-pastoril – terras altas, de carácter planáltico, com boas pastagens.

Resumimos, assim as características genéricas do vasto território que é a Beira Alta, nos dias de hoje.

Reconstituir os paleoambientes resulta tarefa menos fácil. Para a Beira Alta, os estudos paleoambientais são relativamente escassos; existem perfis palinológicos analisados, nomeadamente sobre as turfeiras da Serra da Estrela, da Serra da Freita

(paleosolo do monumento 2 da Lameira da Travessa) e sobre o povoado de Canedotes, ocupação do Bronze Final sito na bacia do Alto Paiva (Saez, *et al*, 2000). Assim, e apesar dos dois primeiros casos dizerem respeito a ambientes serranos, as conclusões de todo eles são, em grande medida, coevas. Utilizando o povoado de Canedotes como exemplo (uma vez que diz especificamente respeito a um povoado do Bronze Final inserido na nossa área de estudo), ele revela-nos duas “biozonas” prévias ao Bronze Final, já com sintomas de antropização do espaço (cobertura arbórea excessivamente dispersa, provavelmente resultante da abertura de prados), ainda que no povoado não existam vestígios materiais que precedam o Bronze Final, sendo que na segunda biozona surgem espécies como a artemisia e a azinheira, a testemunhar um clima mais seco e quente (mais hostil). Na terceira biozona observamos o desaparecimento destas espécies indicadoras de um clima mais seco, sintoma de ligeiras alterações climáticas favoráveis, permanência de indicadores de uso do fogo, agora de forma mais expressiva (presença sistemática de um fungo – *chaetomium* – que se desenvolve após os incêndios), e o aparecimento, pela primeira vez, de *cerealia*, sugerindo uma produção local, adstrita ao povoado. A todas estas biozonas é transversal o *quercus suber* enquanto espécie predominante, ainda que, na altura, esteja testemunhada a primeira ocorrência de *pinus pinea*, atestando a sua origem natural (Saez, *et al*, 2000).

Em conclusão, a paisagem é, hoje, aparentemente distinta desta do Bronze Final. Hoje a paisagem é marcada pelos eucaliptais e pelos pinheiros, e já não pelos *quercus*, árvores de folha caduca e crescimento lento, com muito maior capacidade de retenção de humidade. Por outro lado, e apesar de atestadas ligeiras flutuações climáticas durante a Pré História das sociedades camponesas, o Bronze Final aparenta ter conhecido um clima mais favorável à ocupação humana, sendo que é também um momento de maior aceleração dos processos de antropização do território.

3 O POTENCIAL DA CERÂMICA DECORADA ENQUANTO OBJECTO DE ESTUDO

3.1. Problemática

A escolha da problemática da decoração como tema central desta dissertação partiu do pressuposto de que isolar uma problemática produz resultados mais refinados sobre ela, e permite alargar as variáveis da abordagem. Sabíamos, empiricamente, que tratar um conjunto minoritário proporcionar-nos-ia a leitura da decoração a um nível que facilmente passaria despercebido num trabalho de cariz generalista ou monográfico. Por outro lado, procurámos obter um *corpus* de dados concreto a partir do qual poderíamos estabelecer analogias com outras áreas regionais, procurando aprofundar, indirectamente, as semelhanças e dissemelhanças sociais do mosaico cultural do Bronze Final (sendo este, apesar de tudo, um objectivo periférico). *“Para caracterizar um processo cultural, será necessário dissecar (...) o que cada sociedade tem de específico e único”* (Jorge, 1986).

A decoração de recipientes cerâmicos traduz sempre, embora indirectamente, um comportamento social. *“(...) a relativa monotonia dos motivos executados (...) sugere a interiorização de uma regra cultural.”* (Diniz, 2003). Diagnosticar o lugar deste comportamento na estrutura social do Bronze Final da Beira Alta foi sem dúvida o nosso objectivo último, de que ficámos certamente muito distantes. Alguns autores, como Hodder (2003), acreditam que a decoração nos recipientes cerâmicos materializa e cristaliza uma mensagem, podendo estar associados a uma utilização específica desses recipientes; a uma actividade concreta. No entanto, não é descartável a hipótese de uma mesma mensagem poder surgir plasmada em objectos muito diferentes, sendo a decoração cerâmica uma dessas manifestações. (Valera, 2006). Sem arriscar outro tipo de interpretações, a cerâmica de fabrico manual é por definição, e apesar de repetir uma norma interiorizada, um objecto de que dificilmente se retira o cunho pessoal; o oleiro “comunica à

plasticidade da matéria-prima”, permitindo-nos diagnosticar a sua perícia, o seu *know-how* (Lopes, 1993, p.40).

A esta ideia vaga de que à decoração estará associado algum tipo de significado penetra as preocupações de vários autores, que, de formas diversas, não mais vão acrescentando do que essa mesma impressão.

Debatemo-nos com um certo “vazio” metodológico, uma vez que são raros os trabalhos académicos que se cingem exclusivamente à decoração cerâmica. Preocuparam-nos as limitações da abordagem, e a possibilidade de chegarmos a um beco sem saída.

“A definição de sistemas decorativos, que decorre de uma análise conjunta de técnicas, motivos e localização das decorações, exige um necessário grau de abstracção, uma vez que a identificação de recorrências implica, em busca da(s) norma(s) subjacentes, a secundarização da diversidade empiricamente detectável. No limite, poder-se-ia caracterizar o padrão, ou os padrões, culturalmente instituídos, e isolar produções periféricas(...)” (Diniz, 2003)

A variabilidade dentro da aparente monotonia das gramáticas decorativas do mundo Baiões / Santa Luzia permitiu-nos, de facto, aferir recorrências, “padrões instituídos”, e detectar aquilo que com elevado grau de probabilidade constituiriam excepções à regra. Os agrupamentos estatísticos permitem-nos detectar variabilidade estilística entre-povoados, o que induz uma nova variável na compreensão da diferenciação cultural à micro-escala. Os povoados do Bronze Final da Beira Alta são tradicionalmente organizados em função das suas dimensões, na qual assenta uma ideia de hierarquia intestina. No que diz respeito ao comportamento “estilístico”, toda a região vista à luz do “verniz” homogeneizante dos seus padrões repetitivos e geometrizes. Assim, e apesar de pouco mais se poder concluir sobre o assunto, o estudo da cerâmica decorada funciona como um outro prisma de abordagem à distribuição cultural das comunidades no espaço e no tempo.

No entanto, aquilo que consideramos significativo dentro da variabilidade é, como afirma Hodder, absolutamente arbitrário. O que importa isolar como variável? Qual a “dimensão relevante” da variabilidade? A opção de distinguirmos, por exemplo, a orientação das linhas paralelas que preenchem as sequências de triângulos pendentes foi tomada de forma consciente, presumindo tratar-se de uma variável significativa. Por outro lado, não o fizemos, por exemplo, para a espessura dos traços incisos, ou para uma infinidade de variáveis que resultam das características do utensílio específico utilizado, e da mestria do oleiro. O prolongamento das linhas que formam triângulos nos vértices, formando “cruzes”, poderia também ser considerado uma variação dos motivos isolados. O sentido da forma e o significado do símbolo são matérias que por si só poderiam servir de mote para uma longa discussão.

Num outro nexos de abordagem, a decoração pode ser entendida na relação dos grupos com os outros.

“In passing it should also be noted that style theory predicts that group-signals (via decorative motifs) will be expressed more emphatically under conditions of stress and competition for resources.” (...) it is intuitively reasonable to suppose that “emblemic” style (that is, group-signature style) production slackens off when the pressures of contact are reduced or dissolved.” (Sampson, 1988)

Poderá, ao arqueólogo, resultar impossível o reconhecimento do sentido último da iconografia pré-histórica; no entanto, apercebemo-nos de alguns padrões de utilização da decoração nas relações sociais estabelecidas entre grupos.

Sabemos, por exemplo, que as sociedades do Bronze Final do norte europeu utilizaram os símbolos decorativos como “ligante” entre unidades políticas separadas geograficamente. Em comunidades de cariz familiar, o ‘estilo’ poderá ser utilizado como modo de “marcação” de objectos de elite, contribuindo para a manutenção das redes de trocas. As alianças entre grupos regionais, apesar de ainda não politicamente centralizadas, serão certamente alicerçadas e organizadas em torno de uma intensa interacção cerimonial (Earle, 2002, p.163-164), sobretudo num

momento, como é o Bronze Final, de incremento dos processos de interacção social à escala supra-regional. (Bettencourt, 2000.p.110).

Assim, os sistemas simbólicos, e concretamente a decoração cerâmica, participará, a um tempo, da hierarquia interna dos grupos, e da afirmação da sua singularidade perante os outros.

3.2. Metodologia

O estudo do acervo cerâmico em questão passou por dois momentos fundamentais. Uma vez que utilizámos fragmentos já estudados noutros âmbitos, oriundos de várias escavações, passámos por uma primeira fase de recuperação / realocação das colecções, tarefa, em muitos momentos, árdua. O passo seguinte foi a triagem dos fragmentos decorados dos demais. Neste momento, deparámo-nos com o primeiro problema metodológico – para fazer esta triagem, havia que definir previamente aquilo que consideraríamos *decoração* do resto. A fronteira entre decoração, elementos de prensão e tratamentos de superfície é, por vezes, pouco clara, pelo que tivémos de definir previamente estes parâmetros no sentido de orientar a triagem. Assim, excluímos do panorama decorativo todos os elementos de prensão (nomeadamente mamilos, conscientes de que, nalguns casos, aplicações mamilares de pouco relevo dificilmente cumpririam uma função prática); mantendo na amostra apenas as aplicações plásticas sem aparente utilidade (cordões plásticos)¹; excluímos também todos os tratamentos de superfície, nomeadamente o cepillo². Decidimos, por fim, excluí-lo; o cepillo cumpriria sempre uma finalidade prática (quer como técnica de alisamento das superfícies externas, quer conferindo

¹ Afirmamo-lo com reservas, uma vez que as aplicações plásticas que não cumprem funções de prensão poderiam funcionar como reforço estrutural da parede dos recipientes, como parece sugerir o recipiente de armazenagem da Bouça do Frade, todo ele cordado.

² Na maior parte dos casos, o cepillo é uma escovagem aleatória da superfície dos recipientes, mas encontramos, por vezes, exemplos de uma escovagem cuidada, com orientações intencionais, o que nos causou alguma angústia do momento de considerá-la ou não um gesto estético. Ela é, inclusivamente, introduzida nos inventários como *decoração a cepillo*.

rugosidade às superfícies internas) apesar de, em determinados momentos, apresentar padrões. Mantivemos, no universo dos fragmentos decorados, todos aqueles dotados de motivos / aplicações de cariz unicamente estético.

Para alguns dos conjuntos (nomeadamente as recolhas de superfície) já tínhamos desenhos e inventário efectuados, que apenas tivemos de localizar, organizar e rever. Refizemos alguns desenhos, fizemos outros de raiz, com a preciosa ajuda de algumas colegas. Por exigências da nossa matriz, e, em última análise, em nome do rigor do nosso estudo, quisemos rever todos os fragmentos decorados, pelo que todos os conjuntos triados foram novamente inventariados por nós. Introduzir os dados dos fragmentos cerâmicos num inventário, apesar de também este ser um processo longo e monótono, foi, assim, apenas o culminar de um trabalho longo e moroso de organização do espólio.

A normativa do inventário respeitou, *grosso modo*, os campos presentes na matriz da tese de doutoramento de Senna-Martinez (1989), onde estão, em grande medida, já estudados conjuntos significativos do Cabeço do Crasto de São Romão e do Outeiros dos Castelos de Beijós, e os dados de superfície dos Castros de São Cosme, Cabeço do Cucão e Nossa Senhora do Bom Sucesso; mas também alguns critérios definidos por Raquel Vilaça (1995) e Séronnie-Vivien (1982). Construimos, em conjunto com a colega de Mestrado Elsa Luís, uma nova matriz de análise cerâmica. Em relação aos descritores dos fragmentos, no que concerne à forma, à pasta, ao tratamento de superfície e às decorações, as alterações induzidas respeitam sobretudo uma lógica de simplificação, de “retrocesso” na sua matematização; isto é, conscientes de que abdicámos de alguma “auto suficiência” da matriz, ao codificá-la, atribuindo numerais às variantes qualitativas dos fragmentos, tornámo-la, a nosso ver, mais inteligível para o leitor, mais simples de consultar. Por outro lado, as ferramentas informáticas hoje disponíveis permitem uma perfeita gestão de campos qualitativos.

Assim, o cabeçalho está dividido em grandes grupos analíticos, sub-divididos :

- 1) Identificação do fragmento – nº de inventário (o original e o atribuído por nós); Campanha; Unidade Estratigráfica; Descrição (que parte do recipiente representa – bordo, colo, bojo, fundo, asa..)
- 2) Medidas - No que diz respeito às medições dos fragmentos eliminámos alguns campos após constatarmos que eram supérfluos para o nosso caso de estudo. Em casos muito raros obtivemos reconstituição gráfica total dos recipiente; neste sentido, não resulta informação útil para a estatística a confrontação da maior parte dos índices contemplados nos campos de Senna-Martinez. Assim, mantivemos apenas aqueles que nos pareceram mais significativos para efeitos de comparação, no contexto da nossa amostra, nomeadamente:

O diâmetro interno máximo (D)

O diâmetro interno da boca do recipiente (dbo)

O diâmetro interno mínimo do colo ou gargalo (dm)

O diâmetro externo da base (dba)

O diâmetro exterior da carena (dc)

A altura total do recipiente (H)

A espessura máxima das paredes do recipiente (E)

A espessura máxima do lábio / bordo (el)

3) Bordo

3.1. Orientação - direito / redondo / espessado externamente / espessado internamente / biespessado / em bisel interno / em bisel externo / em bisel duplo

3.2. Orientação - direito / invertido / exvertido

4) Perfil do Fundo

- 4) Elementos de prensão – técnica de aplicação; perfil
- 5) Forma - neste campo mantivemos a tipologia proposta por Senna-Martinez para o Mundo Baiões Santa Luzia
- 6) Análise de pastas
 - 5.1. Elementos não plásticos – frequência (muito frequente, frequente, pouco frequente) e calibre (classe 1 – 1 a 3mm classe 2 – 2 a 3mm, classe 3 – 5 a 7mm, classe 4 – <7mm)
 - 5.2. consistência – compacta, média, friável
 - 5.3. textura – homogénea, xistosa, vacuolar, granular
 - 5.4. cozedura – oxidante, redutora, re/ox (redutora com arrefecimento oxidante), ox/re (oxidante com arrefecimento redutor)

6) Tratamentos de superfície (alisamento, cepillo, espatulado, brunimento)

6.1. superfície interna

6.2. superfície externa

Alisamento – todos os actos de regularização das superfícies do recipiente que não as restantes; isto é , todas as acções induzidas à superfície do recipiente no sentido de a tornar mais homogénea que não por escovagem, por brunimento ou espatulagem.

Cepillo – alisamento por escovagem, provocando um efeito visual muito característico.

Espatulado – alisamento da superfície do recipiente com recurso a uma espátula, induzindo nela um brilho facetado.

Brunimento – alisamento por atrito; superfície esfregada por um objecto duro, polindo-o de forma a produzir um brilho metálico no recipiente. Este tratamento de superfície surge em vários graus (ou qualidades).

No campo dos tratamentos de superfície eliminámos alguns descritores intermédios, nomeadamente nos tratamentos de superfície – definimos, assim, os seguintes campos:

7) Estado de Conservação – bom, médio, corroído

8) Decoração

8.1. superfície interna – técnica e motivo

8.2. superfície externa – técnica e motivo

8.3. lábio – técnica e motivo

9) Observações complementares.

Para terminar apresentação da Matriz, resta descrever as características essenciais de cada técnica decorativa. Optámos, no descritor das técnicas, por especificar o seu “sub-tipo” (por exemplo – puncionamento e não impressão, apesar da decoração a punção ser, em si, uma decoração impressa) para efeitos de simplificação da estatística.

Assim, entendemos por decoração incisa toda aquela que implica o arrastamento, num gesto contínuo, de um determinado instrumento, por norma aguçado. Ela pode ser efectuada antes da cozedura, provocando linhas negativas na superfície do recipiente, de que geralmente resulta um pequeno rebordo, resultante da acumulação de argila; efectuada pós cozedura, provocando um efeito estético totalmente diferente – resulta num efeito “riscado”, fazendo estalar a superfície do recipiente.

As impressões resultam da aplicação de um determinado padrão num só gesto – ungulações, digitações, puncionamento (incluindo o que Alexandre Canha (2002) define como “entalhaduras” no bordo, expressão de que nos socorremos adiante). Incluímos também nesta categoria o estampilhado; apesar de se tratar de uma decoração totalmente diferente, resulta da indução de um motivo num só gesto, resultando numa impressão estampilhada.

A decoração brunida reveste-se de características particulares; apesar de decorrer do arrastamento de um determinado utensílio sobre a pasta já sem

plasticidade, não resulta de um gesto contínuo, mas sim da “esfregagem” de um utensílio de ponta romba, criando um sulco brilhante.

O passo seguinte à introdução dos dados em matriz, foi, necessariamente, o seu tratamento estatístico. E neste ponto deparámo-nos novamente com dúvidas do foro metodológico, após consulta de alguma bibliografia onde foram tratados conjuntos cronológica e geograficamente coevos com o nosso. Fomos confrontados com uma miríade de abordagens metodológicas que prejudicam, em grande medida, a comparação eficaz de dados, o que nos levou a equacionar a modalidade estatística a aplicar ao nosso conjunto.

A forma mais comum de organizar materiais exumados de uma estação arqueológica parte de uma primeira triagem, feita em campo, onde todos os fragmentos indiferenciáveis são apartados e englobados no grande saco dos “bojos.” Apenas aos materiais dotados de forma identificável lhes é conferido número de inventário, passando a integrar a listagem a partir da qual o estudo de uma determinada escavação se vai basear. É apenas com esta selecção prévia que podemos orientar o nosso trabalho de aferição do número mínimo de recipientes individualizáveis, calculado sobretudo a partir do número de bordos inventariados, mas também de conjuntos de fragmentos associados que constituem um recipiente individualizável, resultante num valor numérico que é o único perfeitamente seguro que temos. No entanto, para a análise de pastas, quer-se uma visão global das tendências de fabrico, o que nos leva a reequacionar esta selecção prévia.

Na linha do que é defendido por Alexandre Canha (2002) na sua dissertação de mestrado, sabemos que um recipiente pode fragmentar-se em cinco, dez, ou trinta cacos, pelo que a contabilidade universal dos fragmentos exumados constituirá sempre um risco. Numa mesma estação arqueológica, os materiais estarão sujeitos aos mesmos fenómenos deposicionais, e fragmentar-se-ão de forma “homogénea”. No entanto, e a título exemplificativo, sabemos que os fragmentos encontrados num contexto de “lixreira” estarão provavelmente mais fragmentados do que outros encontrados em contextos domésticos abandonados, situações deposicionais que podem coexistir num mesmo sítio arqueológico. Por outro lado,

enquanto para a cerâmica lisa contabilizamos apenas os bordos para o número mínimo de recipientes, uma vez que dificilmente conseguiremos isolar um bojo dos restantes, o mesmo não se passa com a cerâmica decorada, em que, a partir dos padrões decorativos, conseguimos isolar um maior número mínimo de recipientes individualizáveis. Neste sentido, acreditamos também que este método sobrevaloriza os conjuntos cerâmicos minoritários, nomeadamente a cerâmica decorada (Canha, 2002). No limite, citamos o exemplo de Mariana Diniz, na sua dissertação de doutoramento – enquanto, na contagem global dos fragmentos cerâmicos exumados na Valada do Mato, os decorados representam 8,7% do conjunto, na contagem dos bordos, os decorados passam a representar 55% do conjunto. Se, por um lado, este resultado nos diz que a maioria da decoração seria implantada genericamente na zona superior dos recipientes, próxima do bordo, a discrepância dos resultados provoca-nos alguma angústia, apesar destes resultados serem sempre meramente exemplificativos das predominâncias e das exceções.

Os materiais do Cabeço do Crasto de São Romão e todos os restantes povoados da Bacia do Mondego, publicados por Senna Martinnez e agora revistos por nós, foram comparados entre si à luz do número mínimo de recipientes individualizáveis. Recontar todos os bojós exumados ao longo de vários anos de escavações seria tarefa absolutamente inexecutável para aquilo a que nos propomos fazer, pelo que nos basearemos apenas nas peças inventariadas. Neste sentido, sabemos, *a priori*, que temos um conjunto de cerâmica decorada sobrevalorizado relativamente ao das cerâmicas lisas, se contabilizarmos todos os bordos dotados de padrões isolados dos restantes. Ao contabilizar apenas os bordos decorados, incorremos numa outra imprecisão - sabemos, como será apresentado adiante, que os recipientes dotados de decoração no bordo / lábio são maioritariamente recipientes de cozinha, logo, pastas cerâmicas com as características típicas deste tipo de recipientes; os bordos decorados constituem também a larga maioria da nossa amostra. Assim, restringir a análise de pastas ao número mínimo de recipientes decorados a partir da contabilidade dos bordos resulta em dados “comprometidos”, no que diz respeito à análise de pastas.

Não procuramos com isto defender um ou outro modelo metodológico; apresentamos apenas as nossas reflexões resultantes das decisões que tivemos de tomar à medida que as dúvidas foram surgindo. Entendemos que, para um estudo de cariz universal da cerâmica de um sítio, o número mínimo de recipientes individualizáveis é claramente uma ferramenta útil; já num conjunto com as características do nosso, muito específico, as dúvidas despontam. Gostaríamos, no futuro, de ter oportunidade de rever toda a cerâmica do Cabeço do Crasto de São Romão para efectuar uma contabilidade universal, no sentido de aferir o desvio padrão entre ambas as soluções metodológicas, e se, de facto, esse desvio padrão existe.

Assim, em conclusão, e no que ao nosso estudo diz respeito, estas questões são periféricas, uma vez que estudamos um “grupo minoritário” dentro do universo cerâmico. Para compreender o valor estatístico da cerâmica decorada nos povoados em estudo, e tendo em conta o que é acima descrito, tivemos de o fazer através da contagem do número mínimo de recipientes individualizáveis.

No que diz respeito à análise de pastas, ela restringe-se à cerâmica decorada, pelo que não constitui ferramenta estatística dentro do universo do povoado, mas apenas entre si, dentro do grupo das cerâmicas decoradas, a fim de compreender tendências e associações. Se, dentro de cada povoado, ela serve para aferir tendências de fabrico desse “grupo minoritário”, entre estações arqueológicas os exercícios comparativos incidem sobretudo nos sistemas decorativos propriamente ditos.

À medida que fomos progredindo no trabalho, apercebemo-nos da enorme discrepância de amostra entre povoados. Estas diferenças tornaram-se incontornáveis, pelo que tivemos de rever a abordagem inicial – tínhamos como objectivo inicial tratar de forma homogénea, mas individual, cada conjunto, de modo a que pudéssemos comparar conjuntos independentes e com o mesmo valor comparativo. A decisão, que nos parece agora óbvia, de tornar o Cabeço do Crasto de São Romão o “núcleo duro” da abordagem, resultou da constatação de que a densidade dos dados obtidos não era comparável com de outros sítios, nomeadamente com as recolhas de superfície. Assim, O Cabeço do Crasto de São

Romão tornou-se naturalmente a plataforma giratória de todo o trabalho, a partir do qual estabelecemos pontes com os restantes povoados.

Não foi nosso objectivo, na dissertação que ora apresentamos, resolver os problemas relacionados com a origem e o rastreio crono geográfico das técnicas e dos padrões decorativos que caracterizam o nosso objecto de estudo – esse seria, porventura, assunto para um outro trabalho – embora tenhamos procurado sintetizar o que se sabe sobre o assunto. Com este trabalho procurámos, acima de tudo, observar ao microscópio as *nuances* nos comportamentos decorativos, e daí retirar as ilações possíveis.

4 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNDO “BAIÕES / SANTA LUZIA”

O mundo Baiões / Santa Luzia ilustra, indubitavelmente, os alvares de uma estrutura de povoamento complexa na Beira Alta, consubstanciada em lugares centrais aparentemente distribuídos de forma homogénea no território, em torno dos quais gravitam outros de menores dimensões.³ Podemos conjecturar que, por esta altura, os sistemas culturais começam a cristalizar na paisagem, e a dar origem aos grandes grupos étnicos que perdurarão na diacronia; por outras palavras, é o período de formação das identidades regionais; das “eticidades” (Senna-Martinez, 1999) Os dados existentes, apesar dos ritmos diferenciados de desenvolvimento, parecem apontar para um movimento de ocupação que ocorre entre os séculos XIV – XI a.C. (Senna-Martinez, 1999). O último quartel do 2º milénio é, aliás, o período que baliza globalmente a instalação do Bronze Final no espaço peninsular.

O termo “Mundo Baiões/Santa Luzia” é forjado por Monsenhor Celso Tavares da Silva, quando associa pela primeira vez a cultura material de ambos os povoados – Castro da Senhora da Guia e Santa Luzia. Apesar de muito discutido e rebatido, não nos choca a sua generalização, como tantos outros utilizados para denominar culturas arqueológicas regionalmente demarcadas, e que se associam historicamente ao seu sítio primogénito, como por exemplo a cerâmica trasmontana “tipo Penha”, hábito que tem vindo a ser considerado “reductor e insuficiente (...) na medida em que elas não só abarcam a totalidade dos testemunhos conhecidos, como não correspondem, na maioria dos casos, a nenhuma realidade cultural consistente” (Jorge, 1986, p.17, *apud* Silva & Santos, 1989, p.63). Do nosso ponto de vista, o maior risco de adoptar este tipo de terminologias prende-se com o facto delas assumirem uma determinada característica da cultura material como

³ A escolha dos locais de assentamento parece depender em boa parte da capacidade de controlo visual da região envolvente, independentemente da cota a que se situam. No entanto, os dados parecem demonstrar haver, durante o Bronze Final, uma tendência para a instalação de povoados entre os 400 e os 799m de altitude (Pedro, 1995, p. 37).

determinante, utilizando-a como “fóssil-director” no rastreio de hipotéticos grupos culturais coevos. O Bronze Final da Beira Alta não se restringe, como é evidente, a estes dois povoados, nem tão pouco existem provas de que tenham funcionado como centros organizadores da região (apesar de serem, até à data, os dois povoados com maior área útil estimada⁴) (Senna-Martinez, 1995, p.129). Às circunstâncias pioneiras da sua descoberta, acresce o extraordinário espólio metálico exumado do chamado “depósito de fundidor de Baiões”; o reconhecimento dos paralelos morfológicos e estilísticos entre ambos os povoados constitui, para a “história” do período e da região, um primeiro passo na delimitação e caracterização da identidade regional que aqui se formula.

Conhecida pelo seu conservadorismo no tocante à sua cultura material (nas formas e na tecnologia), a Beira Alta vai produzir, no Bronze Final, um conjunto tipológico muito específico, original no que concerne às formas, aos acabamentos e às decorações, assente num fundo tecnológico coevo com todo o espaço beirão. Como já tivémos oportunidade de comentar no nosso relatório de Seminário, redigido no âmbito da conclusão da licenciatura em Arqueologia; da mesma forma que, no Neolítico da Beira Alta “os nexos de perenidade, e até de uma certa estaticidade morfológica, convivem com a “moda megalítica”, o mesmo pudemos afirmar relativamente ao “pacote” do Bronze Final; vai conviver com as estruturas tecnológicas e estéticas prévias.

Não podemos descartar da equação a importância que certamente terão tido os contactos supra regionais no quotidiano destas populações, plasmada nas próprias características da cultura material. A presença de “influências de carácter exógeno” atesta que, “mais que uma finisterra, esta zona geográfica foi eixo de comunicação e pólo de interesses e atracção.” (Silva, 1986, p. 315). A sofisticação tecnológica patente na produção cerâmica, e também na metalurgia, explica-se em grande medida através destas influências atlânticas e mediterrânicas que terão

⁴ Entendemos que as dimensões comparadas entre povoados podem, de facto estabelecer uma possível hierarquia entre si, mas que, por si só, não é suficiente para determinar quais os povoados “dominantes”.

comprovadamente chegado, de forma directa ou indirecta, a zonas extremamente interiores (Lopes, 1991).⁵ De facto, a abundância de recursos metalúrgicos da região poderá ter potenciado estes contactos, bem como a prática da transumância. Existem, neste quadro, formas transversais a todo o território peninsular no Bronze Final, nomeadamente peças metálicas, mas também formas cerâmicas, como as taças geminadas, e as formas carenadas, de um modo geral. (Cardoso, 2005).

Falar do mundo Baiões / Santa Luzia obriga-nos necessariamente a um esclarecimento do conceito; destrinçar o grupo cultural em todas as suas dimensões das características da cerâmica propriamente ditas. *“A definição baseia-se numa série de características, nomeadamente: uma pretensa uniformidade ao nível do espólio metálico (...), num tipo de povoamento específico em habitats de cumeada (...) e na cerâmica (...)”* (Canha, 2002, p. 276). Apesar da disparidade de opiniões, ele caracteriza-se, em grande medida, pelas características específicas do mundo decorativo, nomeadamente pela utilização de decoração nas paredes dos recipientes por incisão pós-cozedura. Em última instância, a decoração dos recipientes cerâmicos participa activamente, se não assumindo o “papel principal”, na definição de um grupo cultural específico.

Raquel Vilaça considera a técnica em si a corporização da “cerâmica de Baiões”, admitindo a existência de “um centro regional de produção de cerâmicas finas de inquestionável personalidade”, admitindo a um tempo o carácter técnico e estilístico do grupo cerâmico, enquanto outros investigadores, como Alexandre Canha, reduzem este conjunto para um tipo formal específico, sendo mais rígido nos pré-requisitos desta tipo cerâmico. Canha, relativamente à decoração incisa pós cozedura, distingue *“duas variantes com base no suporte”* (Canha, 2002, p. 221); um primeiro que engloba as pastas de fabrico mediano ou grosseiro, e um segundo onde as decorações são aplicadas sobre superfícies cuidadas, com acabamentos de

⁵ Estes contactos, apesar da dificuldade em compreendermos o ritmo e a frequência destes fluxos, estão diagnosticados pela presença de determinados tipos cerâmicos, nomeadamente de modalidades decorativas, típicas de outros contextos culturais e geográficos, e cujas características se fundem com as idiossincrasias locais. Estas questões encontram-se desenvolvidas na apresentação dos dados comparativos.

qualidade, sendo este último grupo aquele que Alexandre Canha considera a decoração “tipo Baiões” por excelência. Já Susana Oliveira Jorge contempla também as incisões finas feitas em pasta crua, o que alargaria o âmbito geográfico da decoração ao Minho, Galiza e Trás os Montes (Vilaça, 1995). Consideramos, na linha de pensamento de Raquel Vilaça, a técnica decorativa por incisão pós-cozedura ela própria definidora de um conjunto artefactual específico, acantonado a uma área regional específica, embora surja num conjunto formal muito diversificado.

É consensual que o núcleo duro deste grupo cerâmico é, genericamente, a Beira Alta, onde encontramos em abundância cerâmica incisa pós-cozedura, sobretudo sobre cerâmicas do ‘grupo 1’⁶, com representações exclusivamente geométricas (apenas com duas exceções, presentes no Castro de São Romão), sobre cujas organizações procuramos aqui trazer alguma luz. A técnica surge, embora residualmente, também na Beira Baixa, e noutras regiões peninsulares, conjugadas com outras modalidades decorativas.

A origem desta técnica decorativa constitui um problema por resolver; ela surge num estado de plena maturidade, e terá um tempo de vida bastante curto (Vilaça, 1995)⁷. Estão documentadas cerâmicas incisas pós-cozedura em alguns focos neolíticos de âmbito mediterrânico (Vilaça, 1995) o que não significa, no caso

⁶ Senna-Martinez divide a olaria do Mundo Baiões/Santa Luzia em dois grandes grupos; genericamente, o grupo 1 sendo o da “olaria fina” (pastas finas, bem depuradas, com ecassos elementos não plásticos, acabamentos maioritariamente brunidos, onde predominam taças de tipologia e dimensões variadas, representando cerca de 40% das produções; e o grupo 2, o grupo dos recipientes de pastas mais grosseiras, com abundantes elementos não plásticos, e de grandes dimensões (de armazenagem ou de cozinha). Estes dados resultam da análise conjunta de materiais oriundos do Crasto de São Romão, do Buraco da Moura de São Romão, do Outeiro dos Castelos de Beijós, do Cabeço do Cucão e da Malcata.

⁷ Com a segunda metade no séc. VI a.C., dá-se um colapso generalizado dos sítios de habitat do Bronze Final da Beira Alta, com a subsequente redefinição de equilíbrios (Senna-Martinez, 1995, p.122). Com o fim do “Mundo Baiões/Santa Luzia” desaparecem também as características que definem a sua olaria. Armando Silva atribui o “grupo 1” a um fabrico de cariz local, de tradição autóctone, e o “grupo 2” “representativo da influência dos povos de Campos de Urnas(...), enriquecendo-se com novas formas e apurando o fabrico, conforme é manifesto nos conjuntos de cerâmica “tipo “Baiões/Santa Luzia”(...” (Silva, 1986, p. 122), correlação essa que é, hoje, insustentável.

específico da Beira Alta, que esta técnica conheça origens tão antigas ou, tão pouco, tenha viajado do Mediterrâneo.

A emergência deste mundo em crescente complexificação coincide, cronologicamente, com a Beira Baixa, onde o povoamento hierarquizado também surge pela mesma altura (finais do 2º milénio); povoados estruturados com áreas funcionais identificadas, nomeadamente a moagem e a produção metalúrgica, em praticamente todos os povoados do Bronze Final (Vilaça, 2005). Encontramo-nos, aparentemente, perante uma homogeneidade evolutiva ao nível macro regional. A diferenciação étnica vai ser feita, aparentemente, à micro escala, e vamos também encontrá-la plasmada nas decorações dos recipientes, assunto sobre o qual nos debruçamos. Vamos, aqui sim, encontrar diferenças significativas entre regiões, e, eventualmente, de povoado para povoado.

5 OS SÍTIOS E OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS ESTUDADOS

5.1. Introdução

Como já afirmámos, uma das questões nucleares para o entendimento do Bronze Final na Beira Alta prende-se com o “*súbito desabrochar (...) de povoados com nítidas preocupações de controlo do espaço envolvente e implantados em pontos da paisagem onde não encontramos qualquer ocupação anterior*” (Senna-Martinez, 1995, p.119). Esta característica configura uma das linhas directrizes do povoamento do Bronze Final da Beira Alta – o despontar de sítios bem destacados na paisagem, com preocupações claras de domínio do território envolvente, nomeadamente pelas características do seu posicionamento geográfico, organizados de forma aparentemente regular na paisagem, numa malha intercalada de povoados centrais (de grandes dimensões), de pequenas e médias dimensões.

Sítio	Dimensões aproximadas	Área útil aproximada
<i>Castro da Senhora da Guia</i>	165mx95m	15675m ²
<i>Castro de Santa Luzia</i>	160mx90m	14400m ²
<i>Cabeço do Crasto de São Romão</i>	125mx40m	5000m ²
<i>Castro da Senhora do Bom Sucesso</i>	130mx40m	5200m ²
<i>Castro de São Cosme</i>	140mx40m	5600m ²
<i>Outeiro dos Castelos de Beijós</i>	140mx45m	6300m ²
<i>Cabeço do Cucão</i>	2mx5mx3m	30m ²
<i>Malcata</i>	Círculo c/r=4m	50m ²

(Tabela adaptada de Senna-Martinez, 1995, p.121)

Assim, reconhecemos que apenas o Castro da Nossa Senhora da Gui e Santa Luzia representam sítios de grandes dimensões, enquanto a maioria se enquadra na categoria mediana. Apenas o Cabeço do Cucão e a Malcata compreendem áreas inferiores a 50m². A estes últimos sítios foi atribuída a provável função de “atalaias” dos outros, ou de zonas subsidiárias de outros povoados para desenvolvimento de actividades específicas. (Senna-Martinez, 1995, p. 122).

Por outro lado, ao nível da estrutura interna dos povoados, não existe nenhum vestígio de hierarquização aparente das unidades domésticas, nem nas suas dimensões nem nos conteúdos (dispersão interna de materiais). Assim, as habitações / edifícios dos povoados têm dimensões aproximadas e são, normalmente, estruturas circulares ou sub-circulares construídas com recurso a materiais perecíveis (cabanas, rastreadas a partir das suas estruturas negativas – buracos de poste, e/ou dos restos das estruturas horizontais que as compunham – pisos, lareiras), sendo as estruturas pétreas (muros, alicerces) bastante raras.

5.2. A problemática da cronometria

O capítulo que se segue tornou-se incontornável para sustentar toda a discussão em torno dos dados obtidos, nomeadamente perante o delicado problema da hipotética origem e difusão da decoração brunida. Recolhemos todas as datas radiocarbónicas em formato *before present* (BP) dos povoados da Beira Alta, com o intuito de construir uma base de trabalho sólida a partir da qual pudémos tecer considerações e discutir os dados. Achámos também pertinente a compreensão da lógica cronológica interna dos povoados da Beira Alta, na tentativa de aferir lógicas de transmissão / evolução dos padrões decorativos.

As médias ponderadas obtidas para os vários povoados foram, nalguns casos, calculadas selectivamente. Para o Cabeço do Crasto de São Romão, por exemplo, a soma de probabilidades é feita para um conjunto de datações coevas que marcam a primeira ocupação do sítio, sendo que a última, isoladamente, marca um segundo momento de ocupação, prolongando a vigência do sítio para além do ano 1000 a.C. Noutra situação (Santa Luzia), optámos por apresentar duas somas de probabilidades, uma do total das datações e outra de apenas apenas duas, provocando variações significativas sobretudo na data terminal obtida após recalibragem; a fiabilidade das datações isoladas não nos permitiu, no entanto, descartar nenhuma delas, mas pensamos ser mais credível a primeira soma de probabilidades, com duas datações, tendo em conta o elevadíssimo intervalo de erro, na ordem dos 100/180 anos, das duas últimas. No caso do Outeiro dos Castelos

de Beijós, à semelhança do Cabeço do Crasto de São Romão, somou-se probabilidades com as duas primeiras datas, que dizem respeito à fase mais antiga de ocupação do povoado, e a última, isoladamente, diz respeito à mais recente; o que, apesar de ter proporcionado uma data extremamente recente, aponta para a ocupação continuada do povoado durante todo Bronze Final.

Assim, observando os dados, podemos colocar genericamente a instalação da maioria dos povoados entre os séculos XIV e XI a.C., com uma probabilidade elevada de se situarem em momentos anteriores ao séc. XI; algures entre o início (Cabeço do Crasto de São Romão, no final do XIII, e Canedotes, no início do XIV) e o final do século (Outeiro dos Castelos de Beijós e Santa Luzia), com uma única excepção para a Nossa Senhora da Guia. De facto, a informação fornecida pelas datações radiocarbónicas recentemente obtidas por Raquel Vilaça, e apesar das dúvidas relativamente à sua proveniência estratigráfica, apresenta-se bastante homogénea, balizando a ocupação do povoado entre meados do séc. X e o VIII a.C. Esta dado permite-nos reflectir um pouco mais sobre a tese defendida por Senna-Martinez (2005), que se questiona sobre a disparidade dos dados relativos à metalurgia entre Baiões e o resto dos povoados do Bronze Final da Beira Alta, relacionando-a com a instalação, no séc. VIII, da feitoria fenícia de Santa Olaia (Arruda, 2000, *apud* Senna-Martinez, 2005). Pensamos que a sua instalação materializa as relações de trocas entre o sul e as beiras, que já se processariam certamente em momentos anteriores ao século VIII.

A tendência, analisando as somas de probabilidades obtidas, de *terminus* de ocupação dos povoados, ultrapassa na maior parte dos casos a barreira do milénio, sendo que Canedotes, Beijós, Santa Luzia e São Romão apresentam datas em torno do séc. VIII e Beijós do séc. VI a.C.

Assim, e concluindo, podemos considerar o último quartel do II^o milénio como o período de vigência primordial dos povoados, prolongando-se pela primeira metade do primeiro milénio. Já Baiões surge como um povoado ocupado durante um período relativamente curto, de cerca de dois séculos, num momento bastante

tardio do Bronze Final, isto se as datas obtidas reflectirem, de facto, a totalidade da sua diacronia de ocupação.

Identificação	Proveniência	Laboratório	Data BP	Calibragem $2\sigma^8$	Bibliografia
São Romão	[105]	ICEN-198	2970±35	1312-1055	Senna-Martinez, 2002
São Romão	[16]	ICEN-197	2910±35	1215-1003	Senna-Martinez, 2002
<i>Soma de probabilidades n=2 – 1295-1009 cal AC</i>					
São Romão	[25]	ICEN-824	2680±80	1044-747	Senna-Martinez, 2002
Beijós	[21]	SAC-1566	2930±60	1315-973	Senna-Martinez, 2002
Beijós	[46]	SAC-1539	2960±45	1315-1022	Senna-Martinez, 2002
<i>Soma de probabilidades n=2 – 1314-1000 cal AC</i>					
Beijós	[25]	SAC-1524	2610±60	906-541	Senna-Martinez, 2002
Santa Luzia	-	ICEN-489	2960±60	1323-1008	Pedro, 1995
Santa Luzia	-	ICEN-486	2960±60	1323-1008	Pedro, 1995
<i>Soma de probabilidades n=2 – 1322-1007 cal AC</i>					
Santa Luzia	-	ICEN-487	2810±100	1224-802	Pedro, 1995
Santa Luzia	-	ICEN-405	2920±180	1539-769	Pedro, 1995
<i>Soma de probabilidades n=4 – 1394-811 cal AC</i>					
Baiões	-	GrA-29095	2745±45	979-812	Vilaça, 2009
Baiões	-	GrA-29097	2680±40	906-796	Vilaça, 2009
Baiões	-	GrA-29098	2650±35	863-787	Vilaça, 2009
Baiões	-	GrN-7484	2650±130	1089-409	Vilaça, 2009
<i>Soma de probabilidades n=3 – 936-788 cal AC</i>					
Canedotes	IA/2B	GrN-24051	2720±60	1000-798	Canha, 2002
Canedotes	IA/2B	GrN-24052	2870±170	1503-752	Canha, 2002
Canedotes	IA/2B	GrN-24843	2860±140	1406-799	Canha, 2002
Canedotes	IA/2B	GrN-24844	2660±60	947-754	Canha, 2002
Canedotes	IA/2B	GrN-24845	2750±100	1214-763	Canha, 2002
<i>Soma de probabilidades n=5 – 1386-762 cal AC</i>					
Canedotes	IA/2B	GrN-25827	2745±45	980-812	Canha, 2002

⁸ Calibrações feitas em Janeiro de 2010, através do programa Calib 6.0.

5.3. Os sítios escavados

5.3.1. O Cabeço do Crasto de São Romão (CSR)

5.3.1.1. Introdução

Este povoado situa-se na encosta noroeste da Serra da Estrela, na confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, entre as povoações da Senhora do Desterro e da Lapa dos Dinheiros, à cota máxima de 888m, com as seguintes coordenadas – 236.850/380.250 GAUSS, na Folha 212 da Carta Militar Portuguesa.

O cabeço é maioritariamente constituído por granitos, gozando de total controlo da paisagem envolvente, dominando quase a totalidade da bacia do Mondego.

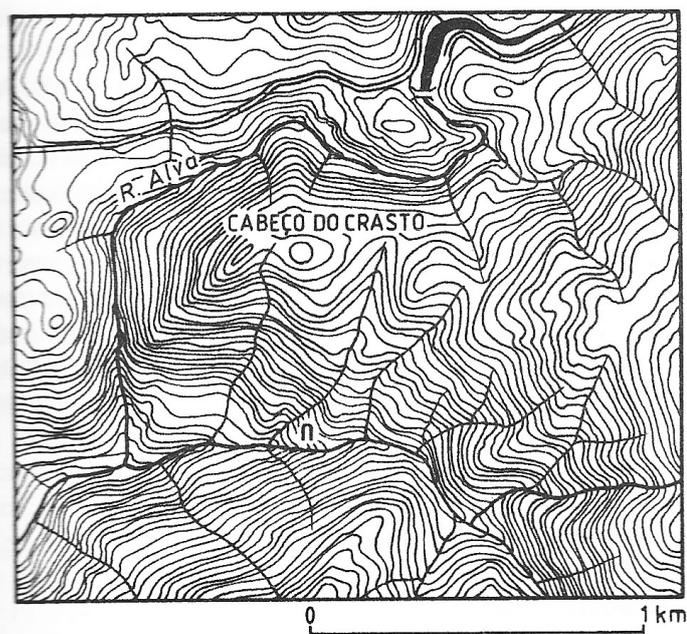


Imagem retirada de Senna-Martinez, 1989 (com base na Carta Militar Portuguesa)

5.3.1.2. Historial do sítio arqueológico

O sítio arqueológico do Cabeço do Crasto de São Romão, em Seia, é pela primeira vez identificado por Martins Sarmiento, que lhe atribui valor arqueológico e o incorpora no universo da “cultura castreja”. É já no contexto dos trabalhos do programa PEABMAM que são identificados materiais dispersos de cronologia mais

antiga, atribuíveis ao Bronze Final, para além da ocupação romana. São levadas a cabo seis campanhas de intervenção no sítio, sendo que cinco delas dirigidas para a ocupação do Bronze Final, entre 1983 e 1987, dirigidas pelo Professor Senna Martinez. (Senna-Martinez, 1989, p. 191).

5.3.1.3. Características do povoado

O povoado é delimitado por duas estruturas delimitadoras do espaço, que marcam os dois “momentos extremos” de ocupação do cabeço (Senna-Martinez, 2000), e, porventura, os mais paradigmáticos; o Bronze Final e a ocupação romana. As plataformas atribuídas ao Bronze Final, aproveitam a geologia da elevação oeste do cabeço, “reforçando as condições naturais de defesa do local”, delimitando um pequeno recinto muralhado.

O povoado foi escavado em três sectores distintos (A, B e C), sendo que o primeiro se traduz, do ponto de vista estratigráfico, em duas realidades distintas : unidades estratigráficas coevas com o primeiro complexo defensivo do povoado, nomeadamente plataformas artificiais de granito alterado (socialcos), e os respectivos enchimentos; e unidades estratigráficas associadas a complexos de habitat, integrando um importante conjunto de estruturas negativas (fossas e buracos de poste) e positivas (muros), que configuram duas unidades domésticas dotadas de estruturas de combustão (lareiras), uma das quais de planta aproximadamente rectangular. (Senna-Martinez, 2000).

No sector B foram escavadas UE's subjacentes ao derrube da muralha romana, tendo sido recolhidos materiais atribuíveis ao Bronze Final mas sem estruturas associadas (Fabião & Guerra, 1997).

O Sector C revelou também um conjunto de UE's que constituem outro ambiente doméstico, com uma lareira e uma fossa escavada no granito alterado (Senna-Martinez, 2000).

5.3.1.4. O conjunto cerâmico – fragmentos decorados

Foram exumados, no Cabeço do Crasto de São Romão, em contextos primários atribuídos ao Bronze Final, um total de 510 fragmentos decorados. Como já foi justificado no capítulo de apresentação da metodologia que pautou o nosso trabalho, não conhecemos o número total de fragmentos exumados, pelo que não podemos equacionar o valor representativo real destes 510 fragmentos no universo cerâmico recuperado no povoado⁹. Desta forma, orientámos as relações estatísticas através da contabilidade do número mínimo de recipientes individualizáveis, ou fragmentos dotados de bordo. Assim, num total de 2490 bordos recuperados, 313 são decorados, representando 12,6% do conjunto. Como expomos adiante, mais de metade do conjunto dos fragmentos estudados são fragmentos com decoração no lábio, à unha ou a punção (bordos denteados), o que, certamente, inflacionará estes resultados estatísticos.

- **As Pastas**

Os fragmentos decorados do Cabeço do Crasto de São Romão apresentam alguma homogeneidade no que diz respeito às suas características de fabrico¹⁰. São pastas resistentes, maioritariamente compactas (86% dos casos, *vide* Fig. 4 dos anexos), de textura xistosa (96% dos casos), e cozedura maioritariamente redutora (76% dos casos, seguida da cozedura redutora com arrefecimento oxidante).

As diferenças significativas nas pastas dos fragmentos decorados prendem-se com a sua qualidade, nomeadamente com a quantidade e calibre dos elementos não

⁹ Contudo, por informação pessoal, que agradecemos (Senna-Martinez), os fragmentos recuperados contam-se na ordem das dezenas de milhar.

¹⁰ Neste caso, apresentamos os resultados estatísticos totais (510 fragmentos) da observação macroscópica levada a cabo.

plásticos adicionados, classe de dados que pode ser cruzada com a espessura das paredes e o diâmetro calculado dos bordos¹¹.

Apesar da maioria dos recipientes dotados de decoração possuírem paredes com espessura igual ou superior a 5mm, e em sentido inverso, a grande maioria dos fragmentos decorados apresenta elementos não plásticos (e.n.p.) de calibre 1 ou 2 (pequenos ou médios) (246 fragmentos), sendo a sua presença ‘directamente proporcional’ ao seu calibre; isto é, por norma, quando mais significativa é a presença de e.n.p. nas pastas, de maior calibre são esses mesmos componentes mineralógicos. Esta tendência confirma-se na globalidade, sendo uma característica de fabrico universal, e não específica da cerâmica decorada.

- **As características morfológicas e tecnológicas do conjunto**

Existe, comprovadamente, uma predominância de recipientes dotados de decoração cujas paredes têm espessura igual ou superior a 5mm. Este facto deve-se, como se verá adiante, à clara primazia dos ‘bordos denteados’ no conjunto (283 fragmentos). O campo mais representativo que segue é o dos ‘bojos’, ou seja, na pança dos recipientes. Em muitos casos as dimensões dos fragmentos não permitem que tal se afirme com segurança, pelo que admitimos que a decoração nos ‘bojos’ se encontra em zona indeterminada dos recipientes (103 fragmentos)¹². Seguidamente, a zona mais representada é a região do colo (bordos dotados de colo, 64 fragmentos), seguidos dos bordos dotados de arranques de asa (21 fragmentos). As restantes ocorrências não são estatisticamente expressivas. Daqui podemos concluir que, por norma, a decoração destes recipientes se desenvolve na *zona superior* dos

¹¹ Os resultados aqui apresentados corroboram, grosso modo, os dados apresentados por Senna-Martinez na sua tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e sumariados na nota de rodapé nº 2.

¹² Mais uma vez, as circunstâncias do nosso estudo não permitiram nenhum avanço significativo no que concerne às hipotéticas relações entre padrões e formas específicas. Aquilo que foi inicialmente um objectivo teórico desta dissertação, foi rapidamente descartado, uma vez que apenas para 13 fragmentos possuímos atribuição de tipo, o que impede, num conjunto de 510 fragmentos, a construção de um modelo minimamente fiável para o efeito.

recipientes; por outras palavras, a decoração surge maioritariamente associada ao bordo dos recipientes, desenvolvendo-se no lábio propriamente dito, ou entre a linha de bordo e a linha de colo.

O conjunto de fragmentos decorados do Cabeço do Crasto de São Romão está, na sua grande maioria, em bom estado de conservação, pelo que as observações respeitantes aos tratamentos de superfície e às técnicas decorativas compreendem um elevado grau de fiabilidade. Neste campo, as associações mais relevantes far-se-ão adiante, quando apresentadas em associação com as gramáticas decorativas predominantes. Apresentamos aqui apenas as características genéricas que ilustram o conjunto, e as opções metodológicas que tomámos nalguns casos.

O tratamento de superfície mais comum nas paredes externas do recipiente é o alisamento simples (210 fragmentos, 41,2% do conjunto), seguido do brunimento (100 fragmentos, 20% do conjunto), em seguida encontramos o *cepillo* (86 fragmentos, 16,8% do conjunto) e, por fim, o espatulado (27 fragmentos, 5,3% do conjunto). Na superfície interna dos recipientes, as predominâncias são genericamente as mesmas, com excepção do brunimento que ultrapassa, neste caso, o alisamento (214 fragmentos com superfícies internas brunidas e 179 com superfícies internas alisadas). Para este facto podemos supor que o brunimento não cumpriria apenas uma função estética, mas sim de impermeabilização dos recipientes em que se manuseavam líquidos.

Já no que diz respeito às técnicas decorativas, na face interna dos recipientes, a decoração por punção surge como a predominante. Na maior parte dos casos, esta decoração poder-se-ia manter na categoria dos ‘bordos denteados’, não o sendo, em sentido estrito, mas reproduzindo as mesmas fiadas de puncionamentos na face interna do recipiente, sempre em áreas próximas do bordo.

Na decoração no lábio, os chamados “bordos denteados”, são, na grande maioria (199 fragmentos), entalhados por punção, seguida, à distância, pela ungulação (43 fragmentos). As digitações ou as soluções combinadas são apenas residuais neste contexto.

Na superfície externa dos recipientes, a técnica decorativa predominantemente é, sem margem para dúvidas, a incisão pós cozedura, representando cerca de 53% do conjunto, seguida da incisão, 17% (41 fragmentos) e do brunimento, 10% (25 fragmentos). As restantes técnicas são também residuais, apresentando valores semelhantes entre si¹³.

- **Os padrões decorativos**

O grupo que representa mais de metade dos fragmentos decorados do Cabeço do Crasto de São Romão é, sem dúvida, o dos bordos denteados – cerca de 51,5% do conjunto. É preciso ter em conta esta predominância, uma vez que vai afectar toda a estatística do conjunto (nomeadamente a contagem do número mínimo de recipientes individualizáveis). Por outro lado, ela é bastante significativa porque raramente aparece associada a outros padrões decorativos, configurando um padrão consistente – aparece, na esmagadora maioria, em recipientes com paredes com espessura igual ou superior a 0,5mm (98,8%), sendo que 38% surgem em paredes de espessura igual ou superior a 1cm. Consubstancia, assim, uma solução decorativa típica da “cerâmica comum”, ou da cerâmica de uso quotidiano / doméstico. É também detectável uma predominância dos bordos exvertidos (75,6% dos casos)¹⁴.

A grande maioria dos fragmentos de bordos denteados não reúne condições para elaborar reconstituições gráficas totais; apenas um bordo decorado permitiu reconstituição total (uma tacinha com 20cm de diâmetro do bordo, forma 34.1, o que não representa a norma), e em 23,3% dos casos foi apenas possível reconstituir o diâmetro do bordo. Assim, a informação morfológica dos recipientes com bordos denteados é bastante lacunar; no entanto, apercebemo-nos de que os recipientes

¹⁴ No universo total dos fragmentos decorados, os bordos exvertidos representam 79% do conjunto. São, na sua maioria, de perfil redondo ou direito (35% e 36% do conjunto, respectivamente), seguindo-se o espessamento exterior (20%). Os restantes perfis (biespessado, em bisel interno, externo ou duplo) são residuais.

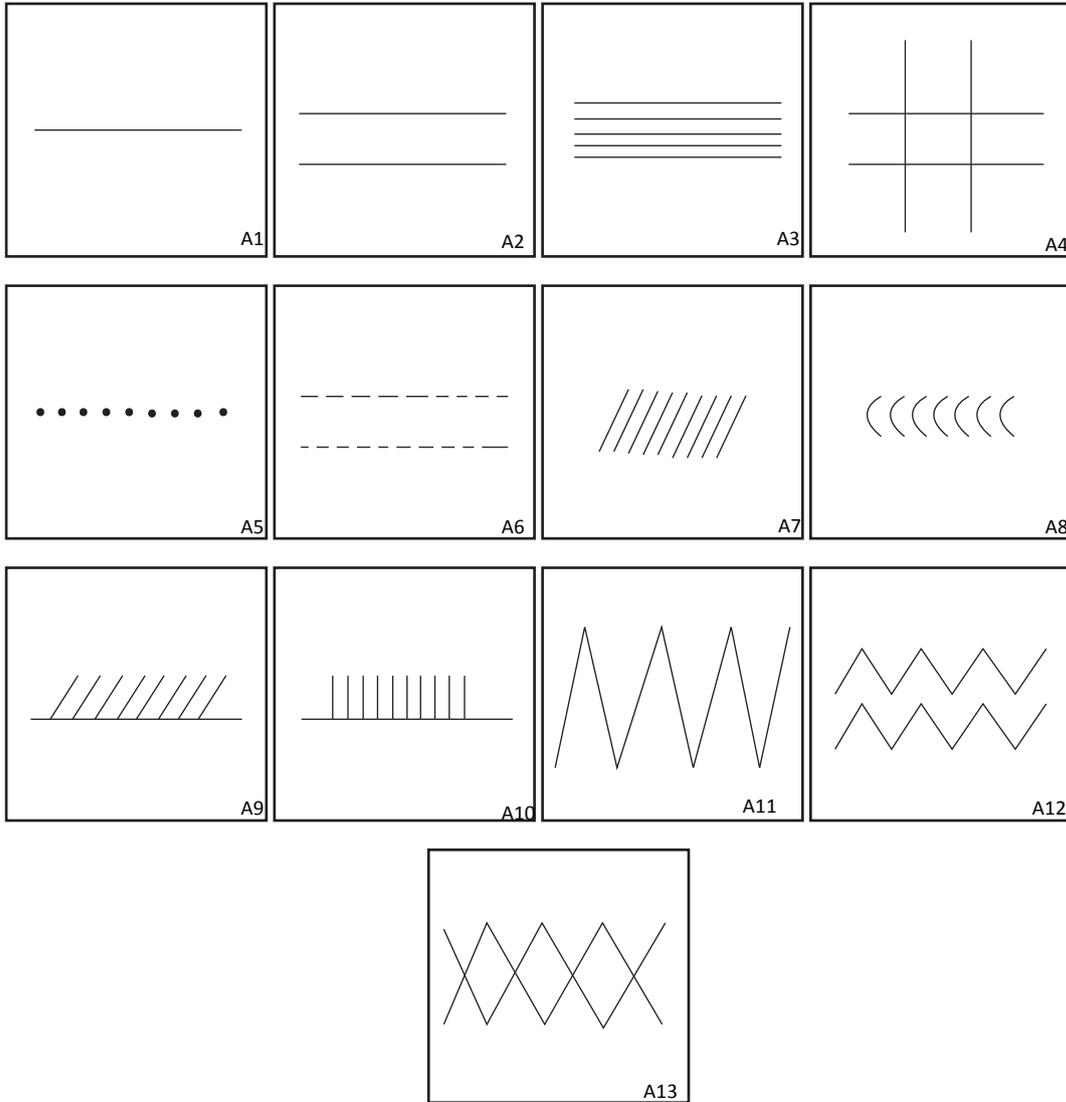
com bordos denteados de pequena capacidade são residuais no conjunto dos bordos denteados (5 com diâmetro do bordo inferior ou igual a 10cm). Por outro lado, recipientes de grandes dimensões (de armazenagem) representarão também uma minoria (um fragmento de bordo com 37cm de diâmetro, outro com 50cm e ainda outro com 54cm). O grosso dos fragmentos de bordos denteados para os quais foi possível reconstituir diâmetro situa-se entre os 15 e os 30cm de diâmetro, confirmando a tendência – cerâmica de uso comum / doméstico.

No que diz respeito às impressões a punção em “entalhaduras”, propriamente ditas, não detectámos grupos diferenciados; são normalmente simples sequências; nalguns casos as entalhaduras surgem agrupadas, em grupos de 2 ou 3, num caso formando motivos cruciformes aparentemente aleatórios, em muitos casos aparecem com orientação oblíqua.

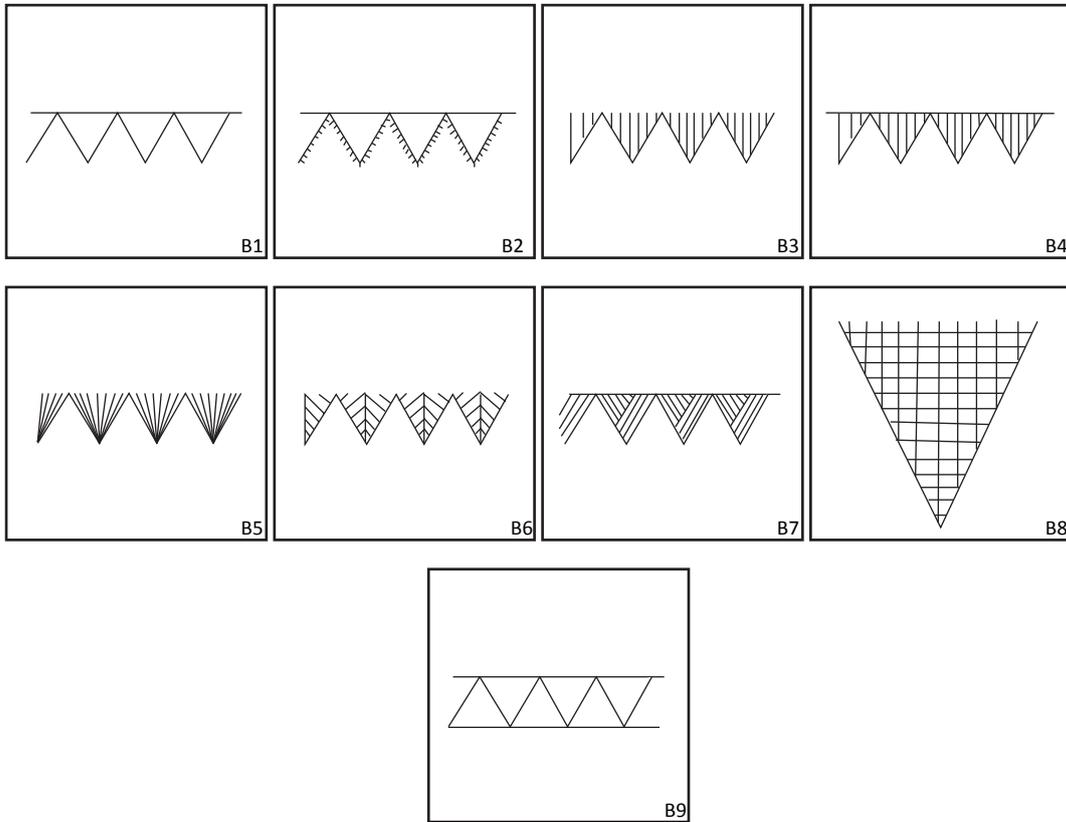
Importa dizer que os bordos denteados não constituem “gramáticas decorativas” propriamente ditas, mas representam, sem dúvida, alterações induzidas aos recipientes sem nenhum fim prático, mas meramente decorativo, imprimindo-lhes personalidade. É, por isso, incontornável a sua abordagem.

Dividimos os motivos decorativos isolados em seis grupos distintos, esquematizados nas tabelas que se seguem. Apresenta-se, em anexo, a chave descritiva dos mesmos.

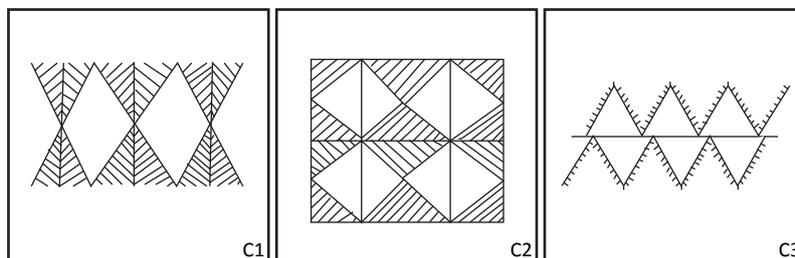
Grupo A – motivos simples



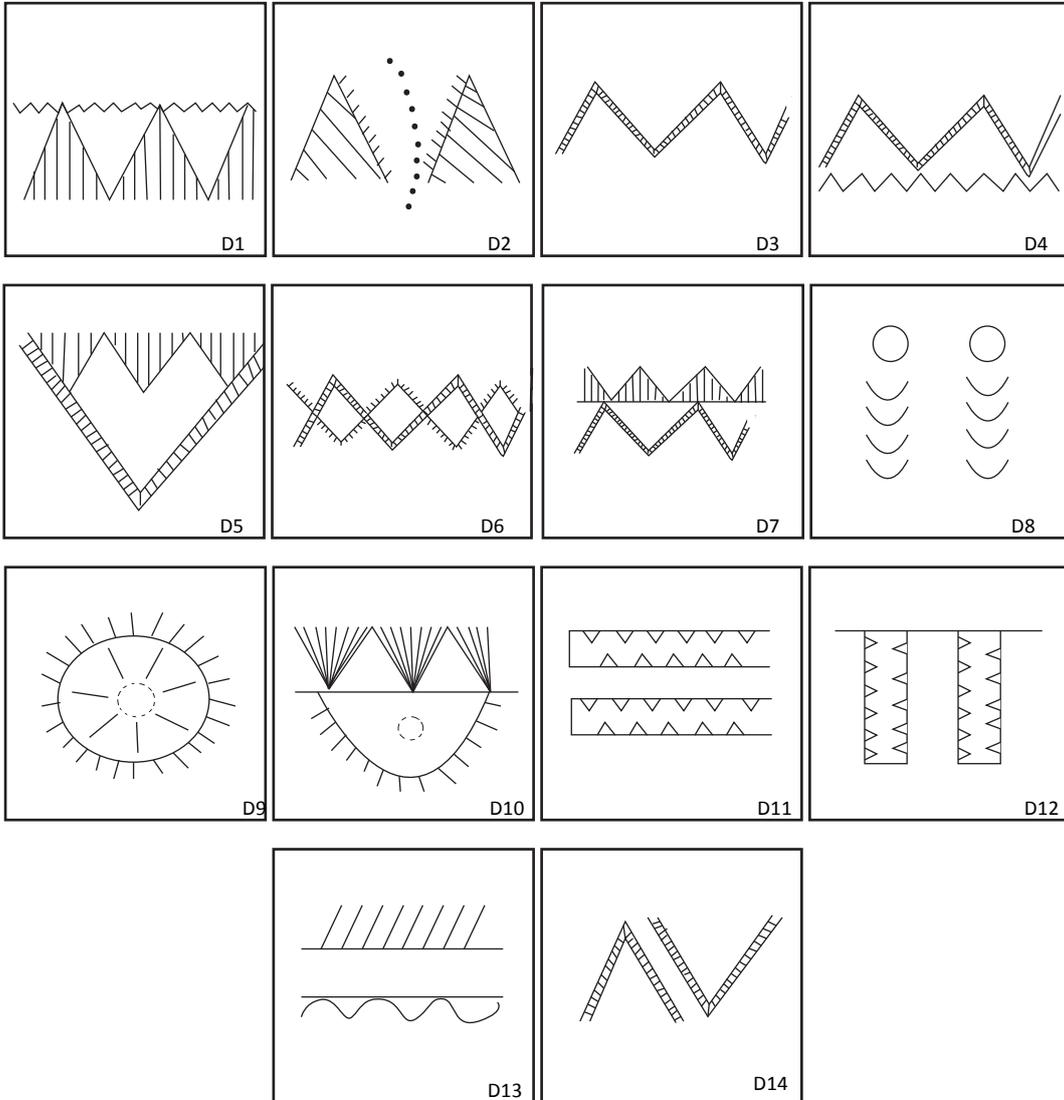
Grupo B – sequências de triângulos



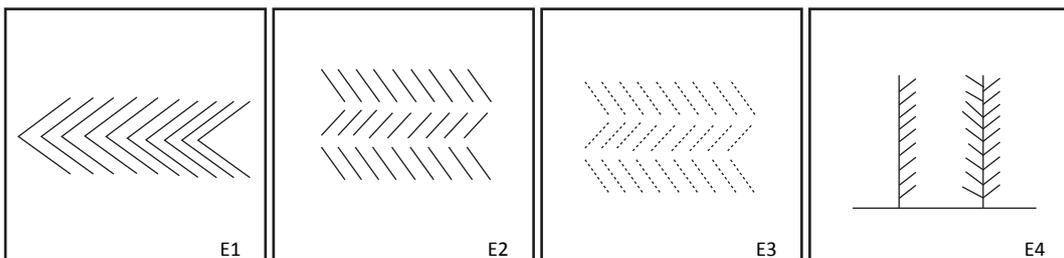
Grupo C – matrizes de triângulos



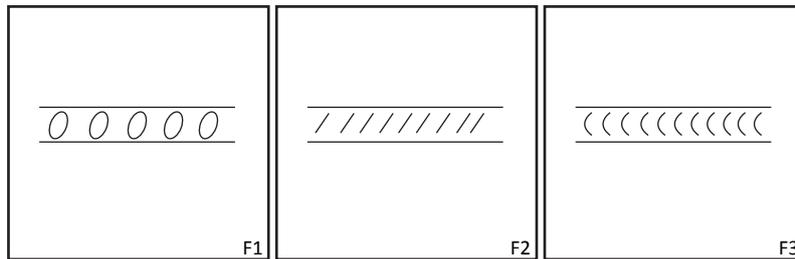
Grupo D – os motivos compostos



Grupo E – as espigas



Grupo F – os motivos sobre cordões plásticos



No que diz respeito à decoração externa dos recipientes, procurámos, tanto quanto possível, reconhecer a sua localização na estrutura formal dos mesmos. Na maioria dos casos não foi possível; ainda assim detectámos algumas tendências que comentaremos adiante.

A marca decorativa predominante não constitui, também ela, uma gramática decorativa propriamente dita; são **linhas simples, incisas, incisas pós-cozedura, ou brunidas, que marcam o arranque do colo do recipiente**. Em muitos casos surgem associadas a outros padrões decorativos, o que nos sugere que raramente aparecem isoladas, e que representam mais um “gesto” repetido, do que propriamente uma decoração. Inventariámos 43 fragmentos com linhas marcando o arranque do colo, dos quais 20 apresentam linhas incisas. Seis destes vinte fragmentos apresentam linhas marcando o arranque do colo combinadas com outros padrões decorativos (diferentes sequências de triângulos – simples, “raizados”, preenchidos com linhas que convergem para o vértice; um triângulo preenchido com retícula). 12 fragmentos apresentam linha que marca o arranque do colo incisa pós-cozedura, um dos quais combinado com o típico motivo da faixa quebrada, formando triângulos, preenchida com linhas paralelas. 10 fragmentos apresentam linha que marca o arranque do colo, brunida, três dos quais combinados com outros padrões (sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais; uma matriz de triângulos preenchidos com linhas paralelas; um último com sequências de pequenos traços verticais e oblíquos paralelos respectivamente acima e abaixo da linha de colo).

O padrão decorativo propriamente dito predominante no conjunto do Cabeço do Crasto de São Romão é a **sequência de triângulos “abertos”¹⁵ preenchidos com linhas que convergem para o vértice** (motivo B5); ela surge em 34 fragmentos, em dois dos quais combinada com uma linha que marca o arranque do colo, e com um motivo “solar” que se desenvolve em torno de uma pega mamilar (motivo D10). É uma gramática decorativa que, na esmagadora maioria dos casos, surge associada à parte superior dos recipientes – geralmente arrancam do bordo e desenvolvem-se com os vértices para baixo. Apenas em dois fragmentos esta decoração aparece sob a forma brunida, nas restantes é feita por incisão pós-cozedura.

As faixas quebradas, formando triângulos, preenchidas por linhas paralelas (motivo D3), constituem também uma gramática decorativa muito recorrente no povoado, patente em 33 fragmentos. Surge em dois casos combinada com linhas quebradas, em seis casos intercaladas com sequências de triângulos raiados, formando um outro motivo, e num outro caso combinada com uma sequência de triângulos “abertos” sobre carena. Num caso, encontramos uma variante do motivo, a dupla faixa quebrada. Surgem, na esmagadora maioria, associados ao bordo/colo do recipiente (em apenas três casos encontramos-as em zonas indeterminadas do recipiente). Em todos os casos, à exceção de um, apresentam pastas cuidadas (com elementos não plásticos pouco frequentes e de pequeno calibre), com superfícies brunidas (15 fragmentos) ou espatuladas (8 fragmentos).

Em 15 fragmentos encontramos a **sequência de triângulos “fechados” preenchidos com linhas verticais paralelas** (motivo B4), dos quais dois surgem associados a uma linha que marca o arranque do colo, e a uma linha quebrada. Apenas em três fragmentos a decoração é brunida, nos restantes é feita por incisão pós-cozedura.

¹⁵ Optámos pela designação “triângulos abertos”, em detrimento da designação “linha quebrada”, uma vez que se encontram preenchidos e constituem, visualmente, motivos triangulares, apesar de geometricamente não o serem. Assim, distinguimos “triângulos abertos” de “triângulos fechados”, estes últimos quando se desenvolvem a partir de uma linha horizontal, formando figuras geométricas fechadas. Optámos pela designação “linha quebrada” nos casos típicos das linhas ziguezagueantes, de pequenas dimensões.

As **sequências de triângulos “raizados”** (motivo B2) surgem em 8 fragmentos, em dois casos combinados com outros motivos, nomeadamente com uma linha horizontal simples, e noutro com linhas curvas pontilhadas a separar os triângulos, formando um outro padrão composto. São, na maioria dos casos (6 fragmentos), também motivos incisos pós-cozedura.

Também em 8 fragmentos encontramos **matrizes de triângulos preenchidos com linhas paralelas** (motivo C2), e num outro fragmento outra, idêntica, preenchida com linhas divergentes; todas elas incisas pós-cozedura. Em 7 fragmentos encontramos sequências de **triângulos simples “abertos”** (ou linhas quebradas de grandes dimensões) (motivo A11), seis dos quais por incisão pós-cozedura, e dois por brunimento.

Encontramos, para além dos motivos supra citados, outros cuja presença é menos significativa, nomeadamente **sequências simples de losangos** (2 fragmentos) (motivo A13), **linha horizontal da qual partem traços verticais ou oblíquos paralelos** (2 fragmentos) (motivos A9 e A10), **sequência de triângulos que se desenvolve entre duas linhas horizontais paralelas** (1 fragmento) (motivo B9), **motivos em espiga diversos** (4 fragmentos, motivos E1, E2, E3 e E4). Consideramos estes casos motivos provavelmente truncados, surgindo geralmente em fragmentos de pequenas dimensões.

Encontramos também, num fragmento, dois mamilos sob os quais se desenvolvem duas faixas verticais de unguiações; motivo de cariz excepcional e sem paralelos (motivo D8).

Em três fragmentos encontramos três motivos “exóticos”, dois dos quais similares, que fogem à norma “triangular” da decoração, e cujos negativos se encontram preenchidos a pasta branca, numa solução decorativa tipicamente mesetenha. Um deles organiza-se a partir de duas linhas horizontais paralelas, sendo que da superior parte uma sequência de traços oblíquos, e da inferior uma linha ondulada (motivo D13). Os outros dois organizam-se em duas faixas, num caso horizontais, noutro verticais, preenchidas com uma matriz de pequenos triângulos (motivos D11 e D12). Não sabemos se os fragmentos pertencerão ou não ao mesmo recipiente.

Nesta categoria insere-se também o **motivo “solar”**¹⁶ (motivo D9), de cariz excepcional, neste universo de cariz geometrizar linear, onde as formas curvas são praticamente inexistentes. Encontramo-lo em dois fragmentos distintos, num dos quais isolado, e noutro associado a uma sequência de triângulos preenchidos com linhas convergentes, como já referido. Este último caso afigura-se particularmente interessante, uma vez que representa a presença combinada de um motivo de cariz excepcional com um outro muito frequente no conjunto do Cabeço do Crasto de São Romão.

Nalguns casos, (10 fragmentos) encontramos **linhas horizontais simples**, em zonas indeterminadas do recipiente. Noutros casos, encontramos-las repetidas, organizadas em duas (uma das quais a boquique, combinada com bordo denteado), três (também a boquique), quatro ou cinco linhas paralelas – em 11 fragmentos.

Em 8 fragmentos encontramos sequências simples de **impressões a punção**, na maioria dos casos desenvolvendo-se sobre a carena.

Em quatro fragmentos encontramos **linhas quebradas** (ou ziguezagueantes) simples, nalguns casos combinadas com outros motivos.

Encontramos também **quadrículas** (2 fragmentos) (motivo A4), **linhas pontilhadas** (2 fragmentos) (motivo A5), **faixas paralelas de ungulações** (2 fragmentos), **duas linhas quebradas** (ou ziguezagueantes) paralelas (2 fragmentos, a boquique e por excisão), **faixas de linhas oblíquas** (3 fragmentos), uma **linha ondulante** (1 fragmento), duas linhas tracejadas paralelas (1 fragmento), duas **linhas pontilhadas paralelas** (1 fragmento), **sequência de pequenos traços verticais paralelos** (1 fragmento), **decoração a pente** (1 fragmento).

Por ultimo, resta referir que reúnimos um conjunto de exemplos que representam motivos manifestamente truncados (que estariam associadas a motivos mais complexos mas que, em virtude das dimensões do fragmento e/ou do seu estado de conservação, não nos é possível observar), ou provavelmente falhadas. Encontramo-las em 15 fragmentos, e são elas uma ungulação isolada (em 2

¹⁶ Na Beira Alta, apenas encontramos paralelo para este motivo no jarro do Buraco da Moura de São Romão (Senna-Martinez, 1993, p.136), onde surge inciso pós cozedura, combinado com motivos circulares concêntricos, também eles excepcionais.

fragmentos), duas linhas curvas paralelas (em 2 fragmentos), segmentos de linha isolados (em 2 fragmentos), segmentos de linhas paralelas (em 2 fragmentos), um triângulo preenchido com retícula, dois puncionamentos oblíquos isolados (num fragmento), dois segmentos de linha oblíquos convergentes (1 fragmento), uma linha vertical isolada (1 fragmento), um triângulo “aberto” (1 fragmento), um triângulo isolado preenchido com linhas que divergem de um eixo central (1 fragmento), vestígio de uma linha oblíqua (1 fragmento).

A decoração na face interna dos recipientes é absolutamente vestigial no mundo Baiões / Santa Luzia. No conjunto do Cabeço do Crasto de São Romão, surge apenas em 14 fragmentos, dois dos quais interpretamos como “bordos denteados” mas cuja sequência de entalhaduras foi efectuada na face interna da boca do recipiente. Ainda assim, o grupo mais representativo desta modalidade decorativa (em 5 fragmentos) são as sequências de impressões a punção (verticais ou ligeiramente oblíquas) ou de ungulações (3 fragmentos). Num fragmento encontramos, isolada, uma impressão a punção, que, provavelmente, incorporaria uma sequência de puncionamentos. Noutro foi efectuada uma sequência de triângulos junto ao bordo, que se desenvolve na parede interna do recipiente, e ainda num outro encontramos um motivo em espiga, inciso a punção, idêntico ao que encontramos na face externa. Por ultimo, encontramos outro motivo em espiga, pontilhado, que também convive com outro motivo em espiga, na face externa, consubstanciando um exemplar clássico das decorações típicas do mundo Cogotas.

- **A decoração e as formas tipológicas**

A possibilidade de associar padrões decorativos a formas tipológicas específicas foi, desde o início do nosso trabalho, uma possibilidade aliciante – resultados neste sentido poderiam concorrer para a eventualidade de relacionar decorações a funcionalidades específicas. Tratava-se de uma expectativa puramente empírica; e os dados obtidos não nos proporcionaram dados satisfatórios ou que apontassem para alguma tendência que valesse a pena vir a explorar.

Foram isoladas, em São Romão, dentro do conjunto de recipientes decorados, apenas nove formas¹⁷:

- *a forma 22 – taças de carena média/alta* (sub-tipo 22.2 – *colo alto e exvertido*) : foi identificado um recipiente deste tipo, com uma linha quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas, associada a uma linha quebrada simples.
- *a forma 31 - pratos* (sub-tipo 31.1 – *colo ligeiramente côncavo e base convexa*) : foram identificados dois recipientes, ambos decorados com sequências de triângulos preenchidos por linhas convergentes incisadas pós cozedura, sobre superfícies bem brunidas.
- *a forma 32 – taças de carena média e colo médio/alto* (sub-tipo 32.2 – *colo sub-vertical*) : encontramos três recipientes deste tipo; um com uma linha quebrada simples larga (ou sequência de triângulos “abertos”), outro com uma sequência de triângulos preenchidos com linhas que convergem para o vértice, e ainda um outro com uma linha quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas; em todos os casos as decorações foram incisadas pós cozedura.
- *a forma 37 – “urnas”* : foi identificado um recipiente decorado deste tipo, dotado de uma linha quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas, incisada pós cozedura sobre uma superfície espatulada.
- *A forma 38 – taças de colo médio* : foram encontrados três recipientes, um com dupla linha quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas, um outro com linhas verticais paralelas que se desenvolvem a partir da linha de bordo, e um terceiro com uma sequência de triângulos preenchidos com linhas convergentes; nos três casos a decoração foi incisada pós cozedura.

¹⁷ Patentes nas tabelas de formas e respectivos sub-tipos da olaria do Bronze Pleno da Bacia do Médio e Alto Modengo e do Grupo Baiões/Santa Luzia (Senna-Martinez, 1993, p.77 e 99).

- (sub-tipo 38.2 – *provida de asa de fita arrancando do bordo e base em omphalos*) : neste caso, o recipiente encontra-se decorado, a partir da asa, com linhas horizontais paralelas produzidas a boquique; e apresenta bordo denteado a punção.
- *a forma 40 – pote de colo fechado* (sub-tipo 40.1 – *colo bem marcado e muito fechado*) : dois recipientes com sequências de triângulos preenchidos com linhas convergentes incisadas pós cozedura.
- *A forma 41 – pote muito alto de colo exvertido* : um recipiente com uma sequência de motivos em espiga.

Aquilo que podemos concluir dos dados obtidos, é que não existe nenhuma relação aparente entre motivos e formas. Como é evidente, estes dados podem plasmar apenas a extrema escassez de recipientes com reconstituição gráfica total; noutras circunstâncias, e com um número satisfatório de recipientes classificados, poderíamos talvez vislumbrar uma lógica que nos é agora intangível. Mas de acordo com os dados possíveis, encontramos, pelo contrário, dois dos padrões mais vulgares de São Romão (motivo nº 16 e motivo nº 25) em praticamente toda a gama de recipientes classificados do Mundo “Baiões/Santa Luzia”, o que nos permite concluir, pelo menos, que nenhum deles se associa visivelmente a nenhuma forma, antes pelo contrário. Todos os padrões associados a formas são motivos comuns, o que não resulta estranho, dada a sua proliferação no povoado. De facto, a única conclusão segura que podemos avançar com estes dados é exactamente a inoperância do modelo explicativo sugerido acima – a associação de motivos a funcionalidades específicas. Isto reforça a nossa crença de que a decoração estará relacionada de forma mais estreita com questões de *identidade*, do que propriamente com as funções ou actividades específicas.

5.3.2. O Outeiro dos Castelos de Beijós (COCB)

5.3.2.1. Localização

O povoado situa-se junto à povoação de Beijós, na confluência da ribeira de Travassos com a de Beijós, Concelho de Carregal do Sal, à cota máxima de 268m, com as seguintes coordenadas – 214.575/393.350 GAUSS, na Folha 199 da Carta Militar Portuguesa.



Imagem retirada de
Senna-Martinez,
1993, p.141
(com base na Carta
Militar Portuguesa)

5.3.2.2. Historial do povoado

A menção mais antiga ao Outeiro dos castelos de Beijós enquanto local de interesse arqueológico remonta aos anos 40 do século passado, e consta do Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, de João Almeida (Senna-Martinez, 2000, p. 44).

Em 1993 são levadas a cabo campanhas de prospecção dirigidas por Senna Martinez, nas quais se detectam duas concentrações de materiais, aparentemente resultantes da extracção de areias e corte de pedra, durante as décadas de 80 e 90.

Em 1992, a movimentação de terras em virtude do reforço de um caminho próximo do povoado, pôs à vista camadas arqueológicas conservadas, com materiais integráveis do Bronze Final regional, bem como vestígios de ocupação durante o Neolítico Antigo. Foram efectuadas seis campanhas de escavações (1993, 1994, 1995, 1996, 1998, 1999 e 2000).

5.3.2.3. Características do povoado

As escavações levadas a cabo em dois sectores distintos permitiram determinar dois momentos de ocupação, ambos integráveis no Bronze Final, que constituem dois ambientes domésticos distintos. Ambos configuram um tipo de povoamento homogéneo, típico do momento que tratamos; unidades domésticas constituídas por cabanas de plantas circulares / elípticas associadas a estruturas de combustão (lareiras). Foi também, no sector B, detectada uma área de fundição (Senna-Martinez, 2000b, p. 46-53). Não foi, durante os sucessivos trabalhos desenvolvidos, detectada nenhuma estrutura de cariz defensivo / de limite do povoado.

5.3.2.4. O conjunto cerâmico – fragmentos decorados

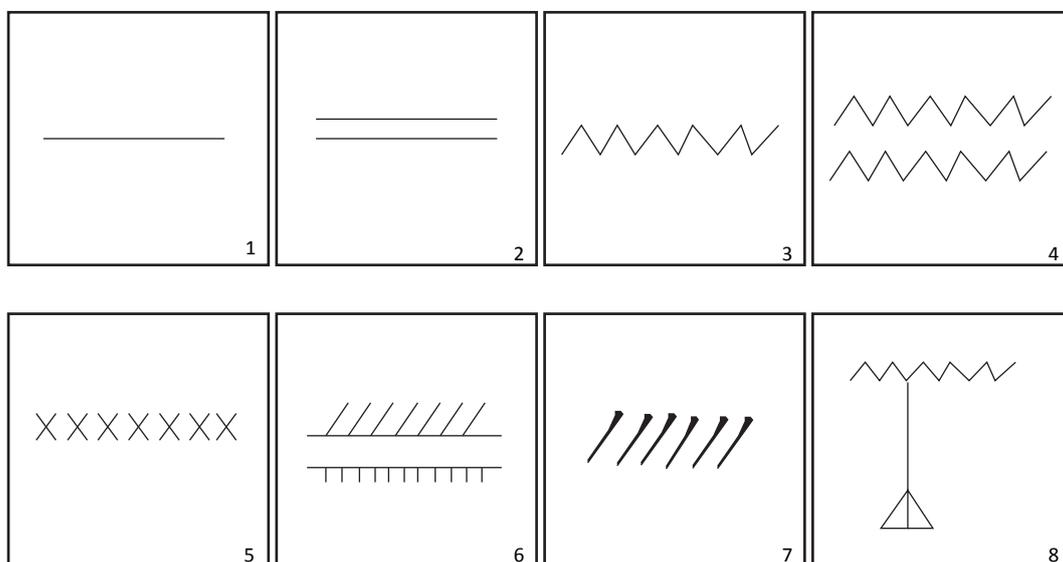
O conjunto de recipientes decorados no Outeiro dos Castelos de Beijós representa uma percentagem bastante baixa (cerca de 6,9%) (Senna-Martinez, 2000, p. 45) quando comparada com outros povoados, nomeadamente com o Cabeço do Crasto de São Romão.

As características de fabrico dos fragmentos decorados de Beijós são, grosso modo, idênticas às de São Romão. As paredes dos fragmentos são, em 87% dos casos, de espessura maior ou igual a 5mm, com pastas maioritariamente compactas (77%), de textura xistosa (100%) e cozedura redutora (100%). Os elementos não

plásticos são pouco frequentes e de pequeno calibre. Quanto aos tratamentos de superfície, o alisamento e o brunimento apresentam praticamente a mesma importância, seguido do cepillo. Os bordos decorados são sobretudo de perfil redondo (43%), com orientações tanto exvertidas (49%) como invertidas (51%). A decoração localiza-se sobretudo no bordo (62%).

A técnica decorativa predominante, na decoração das paredes externas, é a incisão pós-cozedura, seguida de longe pelo brunimento, enquanto os bordos denteados são, na larga maioria, puncionados. Não foi detectado qualquer fragmento com decoração na parede interna.

Os motivos isolados são relativamente escassos, sendo que apenas dois constituem novidades; o motivo nº 5 (sequência de motivos cruciformes) e o motivo nº 8 (linha quebrada simples, da qual parte uma linha vertical com um triângulo pendente, preenchido com linhas que convergem para um eixo central).



5.4. As recolhas de superfície

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos a partir dos conjuntos de fragmentos cerâmicos decorados recolhidos em prospecção nos respectivos povoados. Como já sublinhámos no capítulo respeitante à Metodologia utilizada, estamos cientes do risco que constitui tratar conjuntos recolhidos aleatoriamente à superfície com conjuntos escavados, cujos materiais gozam de proveniência estratigráfica. No entanto, tratam-se de amostras recolhidas de forma sistemática e aleatória, e os resultados que ora se apresentam são extraordinariamente homogêneos. Observando as variáveis-chave que utilizámos na estatística comparada, damos-nos conta da concomitância de resultados entre sítios escavados e entre recolhas de superfície¹⁸. A título de exemplo, no caso da espessura das paredes dos recipientes decorados, São Romão apresenta fragmentos com paredes de espessura inferior a 5mm em 81%, e os sítios alvo de recolhas de superfície apresentam resultados entre os 87 e os 90%. Os mesmo se passa com todas as variáveis relativas às pastas e aos tratamentos de superfície, como se constatará adiante.

5.4.1. O Castro de São Cosme (CSC)

5.4.1.1. Localização

O castro de São Cosme localiza-se a cerca de um quilómetro da povoação de São Cosme, freguesia de Ervedal da Beira, Concelho de Oliveira do Hospital, à cota máxima de 253m, com as seguintes coordenadas – 218.550/386.200 GAUSS, na Folha 211 da Carta Militar Portuguesa. É um cabeço aplanado, formado por um afloramento quartzítico.

¹⁸ Vide estatística comparada em anexo.

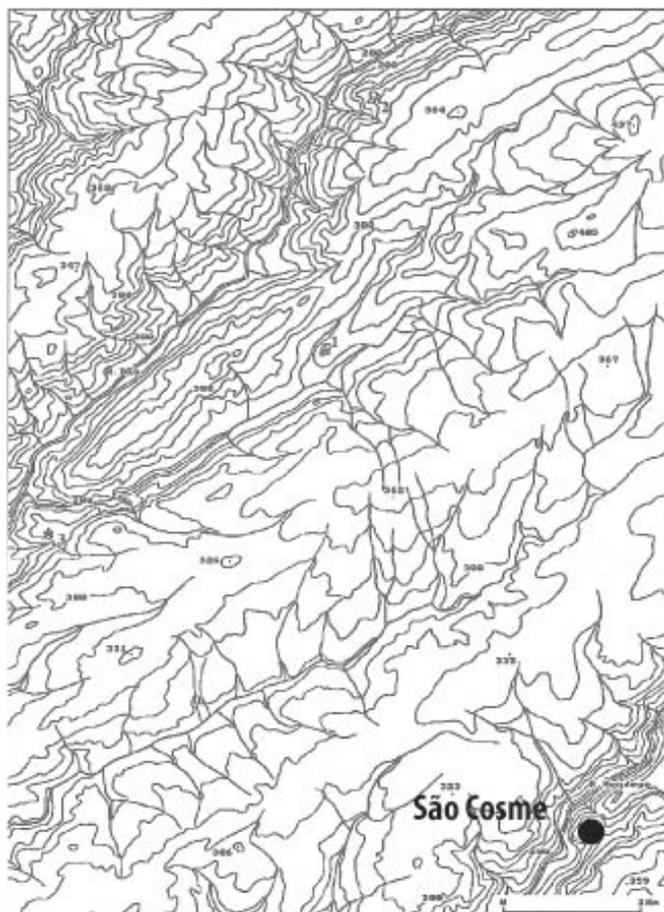


Imagem retirada de Senna-Martinez, 1993, p.141 (com base na Carta Militar Portuguesa)

5.4.1.2. Historial do sítio arqueológico

O sítio arqueológico do Castro de São Cosme foi pela primeira vez identificado por Horácio Peixoto em 1985, tendo sido escavado em 1986 por Senna-Martinez. A escavação revelou estarmos perante um sítio bastante destruído, tendo a área intervencionada sido progressivamente reduzida e eventualmente abandonada, uma vez que não existia potência estratigráfica que justificasse a prossecução dos trabalhos. Não resultam, por isso, materiais significativos desta campanha. (Senna-Martinez, 1989, p. 207-208). Optou-se, então, por fazer um reconhecimento não invasivo do povoado, recolhendo materiais dispersos à superfície de forma aleatória; é destas recolhas que resulta o conjunto por nós utilizado.

5.4.1.3. Características do povoado

Apesar das condições adversas a que o povoado esteve sujeito, “a área ocupada do cabeço parece ser o seu topo aplanado, a que se junta uma grande plataforma a ocidente”, que configura um espaço aparentemente delimitado por um sistema defensivo rude. Os cortes de mato puseram a descoberto uma muralha não aparelhada. Uma outra área do povoado parece configurar uma zona de socalcos, com muitas afinidades com o habitat de São Romão. (Senna-Martinez, 1989, p. 210).

Não existe nenhuma datação absoluta para o povoado em questão; os materiais recolhidos apontam, no entanto, para um momento de ocupação perfeitamente coevo com o Bronze Final.

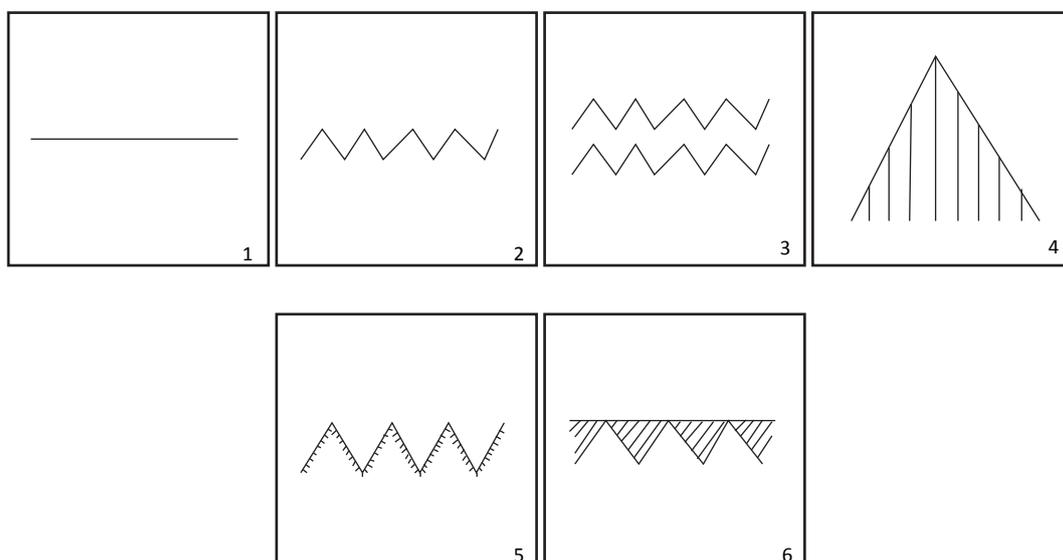
5.4.1.4. O conjunto cerâmico – fragmentos decorados

Em São Cosme isolámos 24 fragmentos decorados; amostra que, como afirmado anteriormente, não apresentam desvios estatísticos relativamente à norma que se vem delineando.

Assim, apresenta paredes dos recipientes com espessura igual ou superior a 5mm na ordem dos 90%, com pastas sobretudo compactas (42%) e médias (37%), de textura predominantemente xistosa (83%), com elementos não plásticos pouco presentes e maioritariamente de pequeno calibre, e cozeduras redutoras na sua maioria (67%). O tratamento de superfície com mais expressão, quer para as paredes internas quer externas, é o alisamento, seguido pelo brunimento e o cepillo *ex equo*. Os bordos denteados são na esmagadora maioria exvertidos; quanto ao seu perfil não existe nenhuma predominância, distribuindo-se pelas várias categorias – redondo (37%), direito (24%), em bisel interno (24%) e espessado externamente (15%). A decoração localiza-se preferencialmente entre o lábio e a linha de arranque do colo (bordos – 34%; colos – 21%). Os bordos denteados são efectuados sobretudo com recurso ao puncionamento, seguido da ungulação. A técnica decorativa predominante, nas paredes externas do recipiente, é a incisão pós cozedura; sendo

que é virtualmente inexistente nas paredes internas. Encontramos também decoração incisa e decoração aplicada (plástica).

Quanto aos motivos decorativos, não reconhecemos nenhum padrão exclusivo do povoado. O motivo mais comum é a linha horizontal simples, em três casos marcando a linha de colo, maioritariamente incisas. Encontramos também linhas quebradas simples em três fragmentos (motivo 2), e um com duas linhas quebradas paralelas (motivo 3), em todos os casos incisas pós cozedura. Os restantes motivos triangulares (as sequencias de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas (motivo 6) e verticais paralelas (motivo 4) e a sequencia de triângulos raiados (motivo 5) encontram-se efectuados, sem excepção, com recurso à incisão pós cozedura. A decoração plástica identificada diz respeito a um fragmento dotado de cordão simples. Identificámos ainda um fragmento com uma única unguilação na linha de colo.



5.4.2. A Malcata

5.4.2.1. Localização

O sítio da Malcata localiza-se a cerca de quatro quilómetros e meio do povoado de Beijós, sobranceira à confluência da Ribeira de Beijós com o rio Dão, Concelho de Carregal do Sal, à cota máxima de 253m, com as seguintes coordenadas – 210.65/390.475 GAUSS, na Folha 199 da Carta Militar Portuguesa.

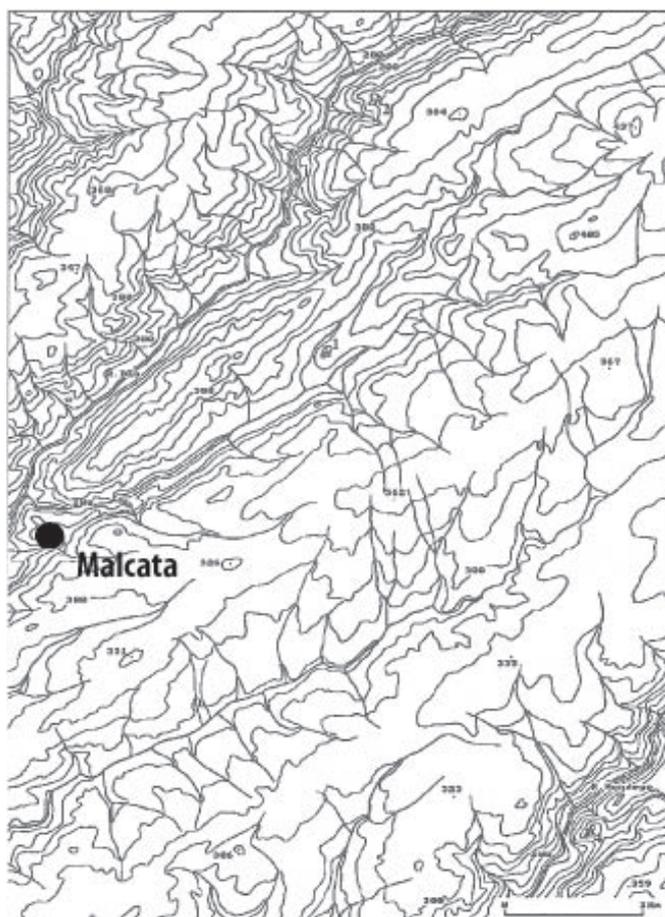


Imagem retirada de Senna-Martinez, 1993, p.141 (com base na Carta Militar Portuguesa)

5.4.2.2. Historial do sítio arqueológico

O sítio arqueológico da Malcata foi identificado, em 1990, por Horácio Peixoto, que procedeu ao reconhecimento do sítio e à recolha de materiais de superfície. Em 1991 foi levado a cabo novo reconhecimento do sítio, dirigido por Senna-Martinez, com recolha sistemática e aleatória de materiais.

5.4.2.3. **Características do povoado**

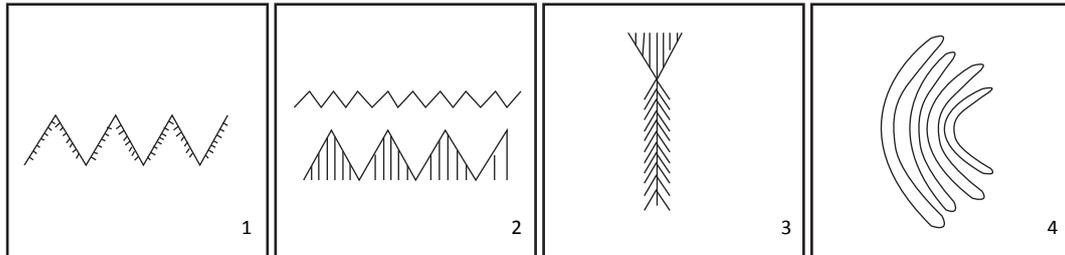
O sítio apresentava-se, à altura da sua descoberta, bastante destruído, pelo que o reconhecimento dos seus limites e características é bastante duvidoso. Os materiais concentravam-se numa área de 10 metros de diâmetro, misturados com uma quantidade apreciável de barro de revestimento e/ou lareira, o que pareceu indicar estarmos diante de uma pequena “atalaia” / unidade doméstica individual (“casal agrícola?”).

5.4.2.4. **O conjunto cerâmico – fragmentos decorados**

O sítio da Malcata é, de entre todos os sítios que sofreram recolhas de superfície, aquele que apresenta uma percentagem relativa de fragmentos decorados mais alta, rondando, segundo as nossas contas os 26% (dados corroborados no artigo da EAM de Senna-Martinez, que aponta para os 23%). Não pudemos, no entanto, deixar de matizar estes resultados, uma vez que se trata de um conjunto muito pequeno, sendo que os fragmentos decorados são apenas onze. A totalidade dos fragmentos apresenta paredes com espessura igual ou superior a 5mm, compactas em 91% dos casos, todos eles com textura xistosa, com inclusões mineralógicas pouco frequentes, na maior parte dos casos, e de calibre pequeno e médio. As cozeduras são, em 82% dos casos, redutoras. O tratamento de superfície predominante é o alisamento, nas paredes internas e externas; os restantes tratamentos aparecem com valores aproximados. Os bordos decorados são apenas seis, três dos quais de perfil redondo, e todos eles direitos. A técnica decorativa predominante é, uma vez mais, a incisão pós cozedura; as restantes não apresentam diferenças estatísticas significativas. Apesar de se tratarem de poucos fragmentos, em 78% dos casos a decoração surge entre o lábio e a linha de colo do recipiente.

Quanto aos motivos, encontramos alguns comuns, nomeadamente uma linha de colo brunida, e uma sequência de triângulos raiados incisa pós cozedura. Encontramos também círculos concêntricos incisos, que fogem à norma (motivo nº4) – as circunstâncias da sua recolha não nos permitem assegurar que seja contemporâneo dos restantes; a própria cozedura (oxidante) indicia tratar-se de um fragmento “deslocado”. Por último, encontramos um fragmento de boa qualidade,

brunido na superfície externa, dotado de um motivo singular (motivo nº3) – triângulo preenchido com linhas verticais paralelas, de cujo vértice parte um motivo em espiga. Representa mais um exemplo de associação das espigas a padrões típicos da Beira Alta (tal como encontramos no Alto da Cavada, em Canedotes ou no Castro da Senhora da Guia).



5.4.3. O Alto da Cavada

5.4.3.1. Localização

O povoado localiza-se na Freguesia de Ferreirós do Dão, Concelho de Tondela, à cota máxima de 294m, com controle visual da confluência da ribeira de Asnes com o Rio Dão.

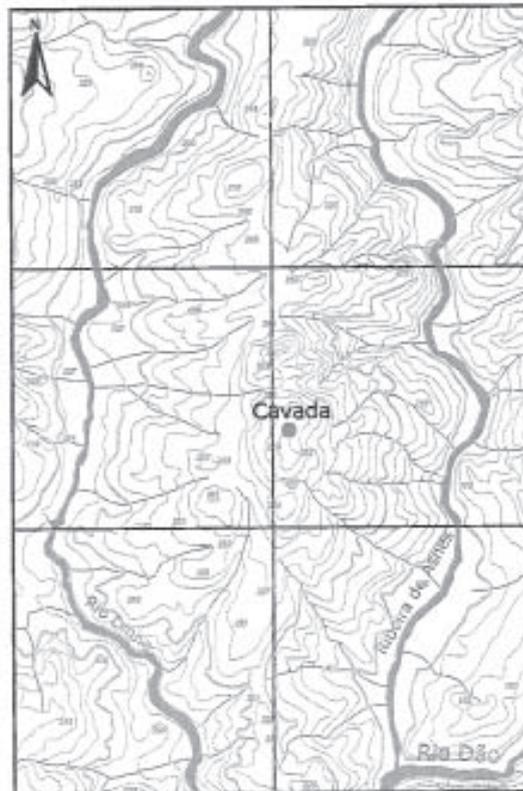


Imagem retirada de Luciano, 2007, p. IX (com base na Carta Militar Portuguesa)

5.4.3.2. **Historial do sítio arqueológico**

O sítio arqueológico do Alto da Cavada foi identificado em 2005, no decorrer de trabalhos de prospecção no âmbito do projecto PEABMAM (Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego), tendo em 2006 sido detectado o sector II, sendo que ambos dizem respeito a uma única área habitacional.

5.4.3.3. **Características do povoado**

O povoado implanta-se no topo de um cabeço com domínio sobre três cursos de água – os rios Dinha e Dão, e a ribeira de Asnes, que envolvem a elevação. O sítio goza de controlo visual satisfatório sobre a área envolvente. A observação da estação arqueológica por si só não permitiu aferir da presença ou ausência de uma estrutura defensiva associada ao povoado, sendo o conhecimento sobre as suas características internas bastante limitado.

5.4.3.4. **O conjunto cerâmico – fragmentos decorados**

O Alto da Cavada compreende um conjunto de 30 fragmentos decorados, a partir dos quais reconhecemos 10 recipientes decorados , representando 14,5% do universo cerâmico recolhido no sítio. O conjunto é constituído maioritariamente por fragmentos de recipientes com espessura igual ou superior a 5mm na ordem dos 81%, com pastas compactas (86%) , xistosas (96%) sujeitas a cozeduras redutoras (76%). Na maior parte dos casos os fragmentos apresentam poucos elementos não plásticos, e de calibre pequeno. O tratamento de superfície preferencial é o alisamento, para as paredes internas e externas. Nas paredes externas segue-se o brunimento, enquanto nas paredes internas o segundo tratamento mais comum é o cepillado. Os bordos decorados são maioritariamente de perfil redondo e exvertidos.

Quanto às técnicas decorativas, encontramos aqui um desvio do padrão – encontramos mais fragmentos dotados de incisão pré cozedura, seguidos daqueles dotados de incisão pré cozedura. Os bordos denteados são maioritariamente

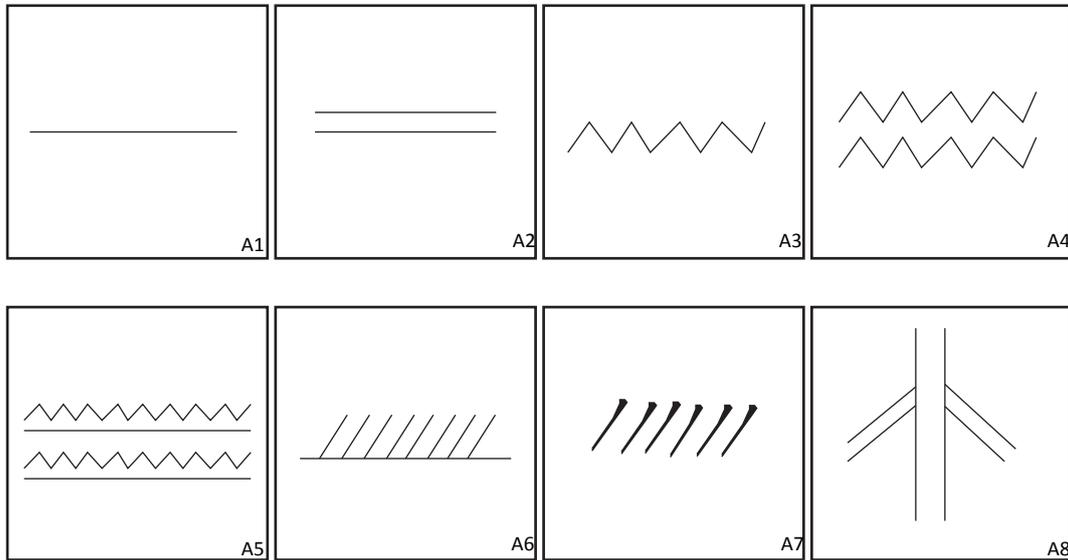
puncionados. Quanto à localização da decoração, está bastante equilibrada – 50% de ocorrências entre o lábio e o colo e 50% de bojós.

Quanto aos motivos, encontramos as linhas horizontais simples, isoladas ou agrupadas em duas, produzidas por incisão. Encontramos também uma modalidade de triângulos pendentes sem anteriores paralelos – triângulos grandes e pequenos entremeados, preenchidos por linhas oblíquas paralelas, padrão que surge associado a uma linha quebrada simples (motivo n°C2). De facto, também a linha quebrada parece ser um motivo elementar instituído; encontramos-lo isolado, agrupado em dois, associado a este motivo, a sequências de triângulos preenchidos por linhas oblíquas paralelas (motivo B2), a sequências de triângulos “raizados”, a uma linha horizontal da qual partem sequências de triângulos em ambos os sentidos, sendo que os de baixo são “raizados” (motivo C8), e ainda agrupadas em duas, associadas a linhas horizontais simples (motivo A5). Encontramos também uma faixa horizontal da qual partem traços oblíquos paralelos, à semelhança do que encontramos em São Romão, em Canedotes, no Cabeço do Cucão e, numa outra modalidade, em Beijós. No Alto da Cavada encontramos também uma associação única de motivos comuns; uma sequência de triângulos preenchidos com linha oblíquas paralelas sobre uma linha quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas (motivo C4). A linha quebrada, formando triângulos, surge também sozinha.

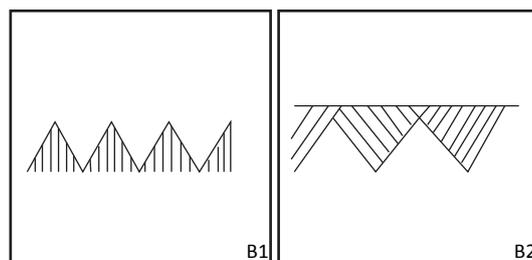
Encontramos também outros três motivos menos “ortodoxos”; uma linha horizontal da qual divergem linhas formando formas trapezoidais, preenchidas por linhas oblíquas em sentidos opostos (motivo C6), uma linha quebrada, formando triângulos, “raizados” nos vértices de baixo, sendo que de um dos vértices parte um eixo com linhas oblíquas paralelas de um dos lados (motivo C5), lembrando um motivo espigado incompleto. Este motivo é bastante interessante, tendo sido efectuado por incisão pós cozedura numa superfície bem brunida.

A decoração a pente é também expressiva no Alto da Cavada. Mais uma vez, fazemos uma ressalva para o risco de não se tratarem de materiais contemporâneos. Encontramos um fragmento com um feixe de linhas onduladas e outros três com dois feixes paralelos.

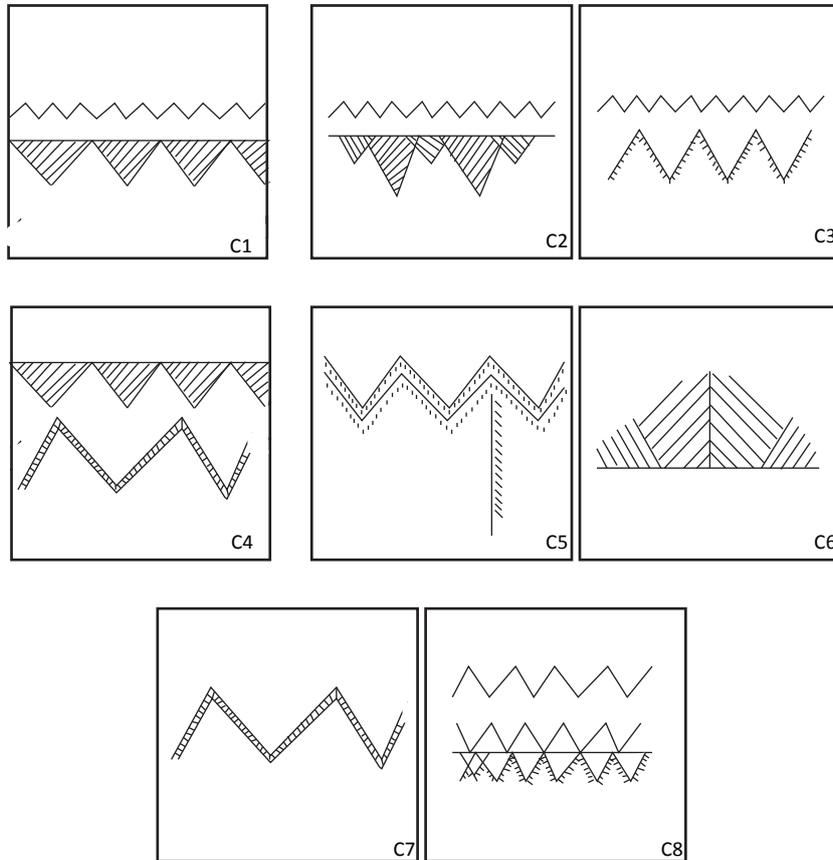
Grupo A – motivos simples



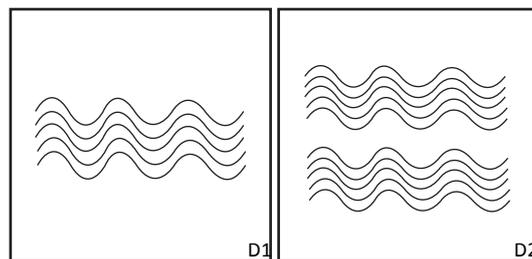
Grupo B – sequências de triângulos



Grupo C – motivos compostos



Grupo D – motivos a pente



5.4.4. O Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira (CCPC)

5.4.4.1. Localização

O cabeço é um Tor granítico, no topo da vertente Sul do Vale do Dão, junto à povoação de Pedra Cavaleira, Freguesia de Silgueiros, à cota máxima de 319m, com as seguintes coordenadas – 215.350/397.200 GAUSS, na Folha 199 da Carta Militar Portuguesa, gozando de bom controle paisagístico.

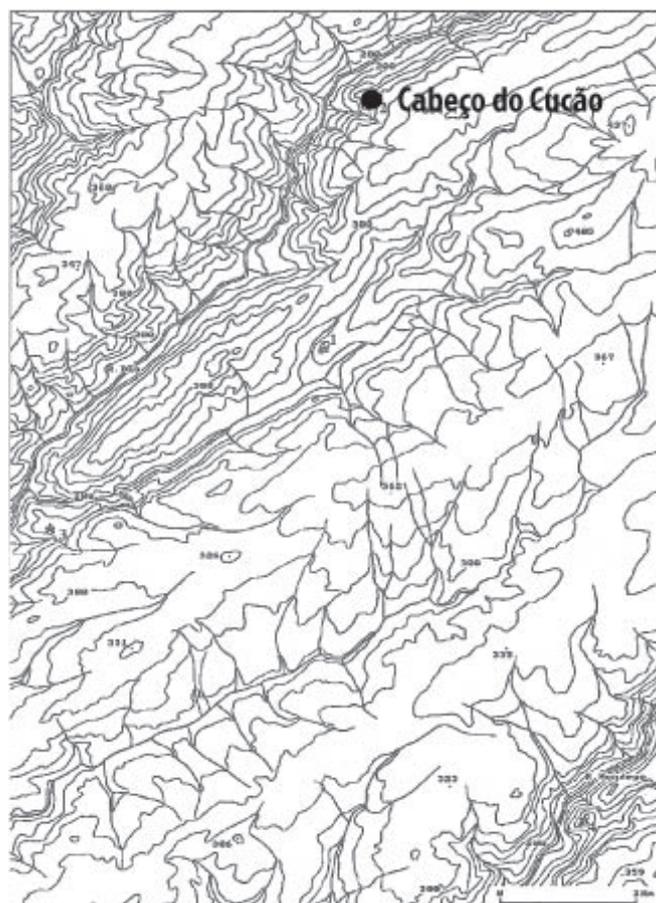


Imagem retirada de Senna-Martinez, 1993, p.141 (com base na Carta Militar Portuguesa)

5.4.4.2. Historial do sítio arqueológico

O sítio arqueológico do Cabeço do Cucão foi identificado, na década de 80, por Horácio Peixoto e Clemente Figueiredo, cujas informações permitiram a Senna-Martinez fazer o reconhecimento do sítio.

5.4.4.3. Características do povoado

O sítio do Cabeço do Cucão, de acordo com as observações de superfície (materiais à superfície dispersos numa área relativamente circunscrita), aparenta ser um sítio de dimensões reduzidas, configurando uma possível “atalaia” do Outeiro dos Castelos de Beijós. Do ponto de vista topográfico, o cabeço onde o sítio se implanta divide-se em dois socalcos naturais, que poderão ter albergado pequenos espaços de habitat (Senna-Martinez, 1989, p.218).

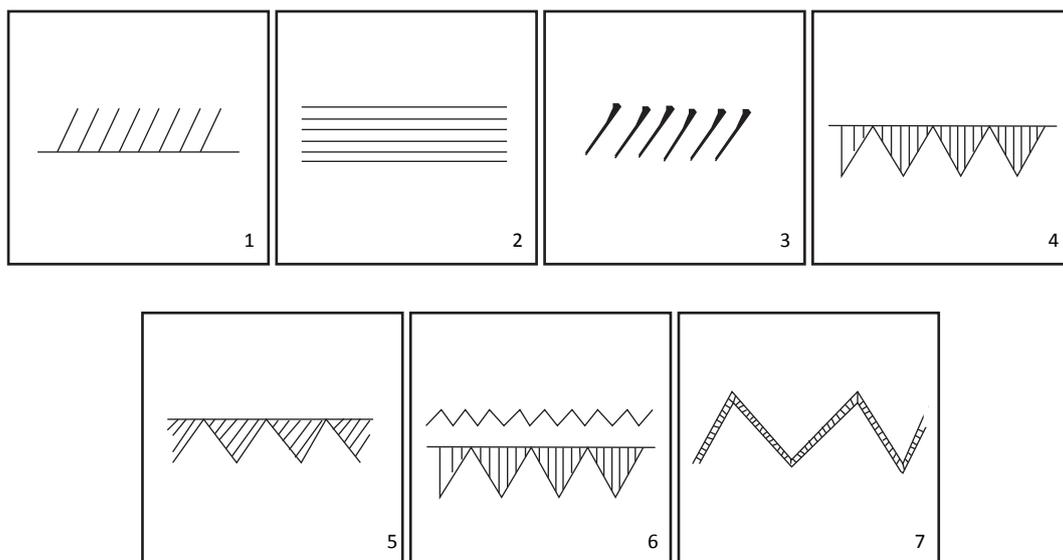
5.4.4.4. O conjunto cerâmico – fragmentos decorados

Foram recolhidos, à superfície do sítio do Cabeço do Cucão, 17 fragmentos dotados de decoração; representam, após definição do número mínimo de recipientes, 7,5% da olaria recolhida (Senna-Martinez, 1993, p. 139).

Os fragmentos decorados são compactos (88%), e, também em 88% dos casos, dotados de paredes com espessura maior ou igual a 5mm, de textura xistosa (100%); apresentam cozeduras redutora (47%) e redutoras com arrefecimento oxidante (41%). As inclusões mineralógicas nas pastas são maioritariamente pouco frequentes, e de pequeno calibre. O tratamento de superfície predominantemente é o alisamento, nas faces internas e externas dos recipientes, seguido pelo brunimento. Os bordos decorados são redondos (62%), em bisel interno (25%) ou espessados externamente (13%), maioritariamente exvertidos (86%). Quanto às técnicas decorativas, os motivos são predominantemente incisos pós cozedura, enquanto os “bordos denteados” são, todos eles, puncionados. A decoração localiza-se, em 65% dos casos, entre o lábio e a linha de arranque do colo.

Os motivos decorativos representados não apresentam novidades; encontramos a linha horizontal da qual divergem traços oblíquos paralelos (motivo nº1), as sequências de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas (motivo nº 4), num caso associada a uma alinha quebrada simples (motivo nº6); uma sequencia de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas (motivo nº5). Encontramos também a faixa quebrada formando triângulos, preenchida por linhas

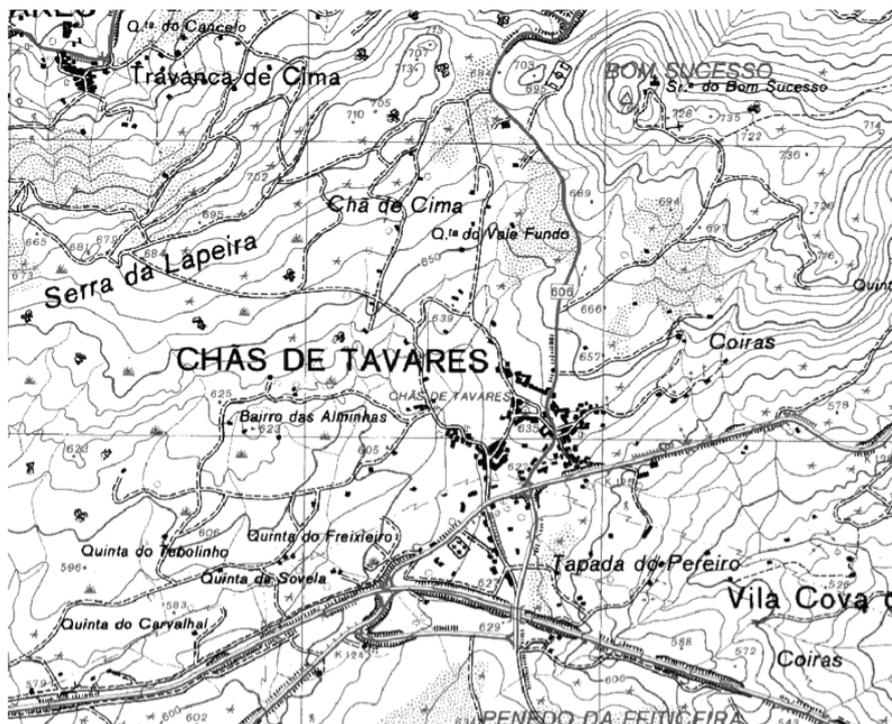
paralelas (motivo nº 7), e um fragmento dotado de decoração a pente, com traços paralelos direitos (motivo nº 2). Por fim, temos um exemplar de fragmento dotado de carena, sobre a qual foi aplicada uma sequencia de puncoamentos oblíquos (motivo nº3), idêntica ao exemplar do Alto da Cavada ou ao Cabeço do Crasto de São Romão.



5.4.5. A Nossa Senhora do Bom Sucesso (CNBS)

5.4.5.1. Localização

O povoado situa-se próximo da povoação de Chãs Tavares, Concelho de Mangualde, à cota máxima de 765m, com as seguintes coordenadas – 244.650/407.225 GAUSS, na Folha 190 da Carta Militar Portuguesa. Goza de razoável domínio visual sobre a paisagem.



Excerto na folha nº
190 da Carta Militar
Portuguesa

5.4.5.2. História do sítio arqueológico

O sítio é pela primeira vez referenciado por Augusto Pinho Leal, no final do séc. XIX, sendo Leite de Vasconcellos, alguns anos depois, a levar a cabo campanhas de exploração do sítio¹⁹. Cerca de um século depois, o sítio é parcialmente destruído em virtude da abertura de um estradão, acontecimento que provocou novas campanhas de prospecção levadas a cabo por Pedro Sobral Carvalho e Luís Filipe Coutinho. Em 1986 e 1992 são levadas a cabo campanhas de prospecção com recolha sistemática e aleatória de materiais, dirigidas por J. C. Senna-Martinez.

Em 1994, o sítio é classificado como Monumento Nacional.

¹⁹ Os trabalhos de Leite de Vasconcellos cingem-se sobretudo à ocupação romana do sítio, deslocada da plataforma de ocupação do Bronze Final (Senna-Martinez, 1989).

5.4.5.3. Características do povoado

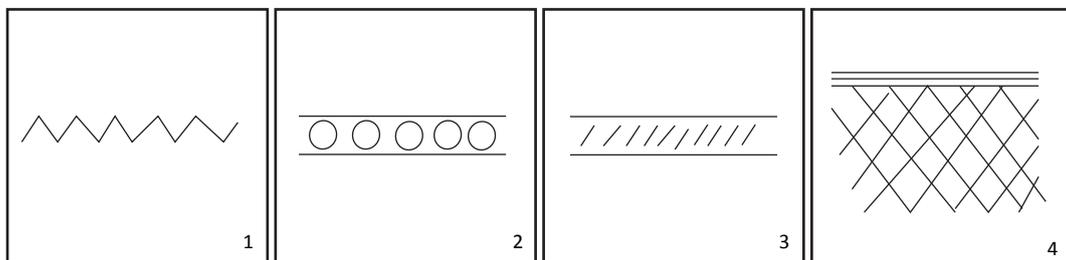
O cabeço onde o povoado da Nossa Senhora do Bom Sucesso se implanta ainda conserva, em duas frentes (norte e oeste) restos de uma estrutura defensiva (pedra seca não aparelhada). Leite de Vasconcellos faz referência à ocupação romana do sítio nas Religiões da Lusitânia, descrevendo as suas estruturas habitacionais como como “oitenta a cem casas rectangulares, que formam ruas(...)” (Vasconcellos, 1917, *apud* Senna-Martinez, 1989, p. 220), tendo estas estruturas sido possivelmente destruídas nas sucessivas transformações sofridas pelo cabeço, nomeadamente pela construção do santuário da Nossa Senhora do Bom Sucesso.

5.4.5.4. Os materiais – fragmentos decorados

Os materiais do povoado da Nossa Senhora do Bom Sucesso são aqueles que, porventura, nos colocaram mais dúvidas. A escassez de fragmentos decorados (11), aliado às características da decoração, fizeram-nos ponderar da pertinência de os incluir neste capítulo. No entanto, o conjunto total de fragmentos recolhidos (132 fragmentos) revelou tratar-se de materiais cujas formas apresentam paralelos incontornáveis com outras estações do Bronze Final local (Senna-Martinez, 1995, p. 118), pelo que não poderíamos deixar de os incluir neste périplo. De facto, no que diz respeito às características das pastas e do fabrico, o conjunto em nada diverge dos restantes – são fragmentos, em 91% dos casos, dotados de paredes com espessura igual ou superior a 5mm, de pastas compactas (73%) e xistosas (91%), com cozeduras redutoras (46%) e redutoras com arrefecimento oxidante (23%). Os elementos não plásticos são, na maior parte dos casos, pouco frequentes, e de calibre pequeno. O tratamento de superfície preferencial é o alisamento, em ambas as faces. Encontramos o brunimento apenas em superfícies externas, e o cepillo em ambas, embora pouco representado. Os bordos decorados são maioritariamente redondos (67%) e exvertidos. A decoração no lábio (bordos denteados) é predominantemente puncionada, e só vestigialmente ungulada. A decoração incisa pós cozedura surge, neste conjunto, como minoritária, sendo ultrapassada pela decoração plástica, o puncionamento e digitação – facto explicável pela presença

significativa de aplicações plásticas (cordões) dotados de impressões variadas. Em 73% dos casos, confirmando a regra, a decoração encontra-se entre o lábio e a linha de colo.

De facto, os padrões decorativos patentes neste conjunto são bastante escassos (apenas quatro); compreendem uma linha quebrada simples incisa pós cozedura (motivo nº1), um motivo brunido em retícula, suspenso de três linhas horizontais paralelas (motivo nº4), e três cordões plásticos decorados – um com digitações (motivo nº2) e os outros dois com puncionamentos oblíquos (motivo nº3).



5.5. Os dados da cerâmica decorada de outros povoados do Bronze Final da Beira Alta

5.5.1. Canedotes

5.5.1.1. Localização

O povoado de Canedotes constitui marco divisório entre as freguesias de Vila-Cova-à-Coelheira e Touro, pertencentes ao Concelho de Vila Nova de Paiva. Instala-se num cabeço de silhueta cónica, coroado por blocos graníticos de grandes dimensões, à cota máxima de 846 metros. Goza de excelente controlo visual sobre toda a área envolvente, apenas cortada pelo cabeço, mais alto, onde hoje está implantando o santuário consagrado ao Senhor da Boa Sorte (Canha, 2002, p. 31).

5.5.1.2. Caracaterísticas do povoado

O povoado de Canedotes, localizado no topo de um cabeço polvilhado de penedos graníticos²⁰, foi detectado nas duas plataformas superiores do cabeço; um outro socalco na vertente leste do cabeço parece reunir boas condições de povoamento, que não foi, no entanto, verificado. O tipo de instalação do povoado em “socalco” vai de encontro ao tipo de organização encontrada noutros povoados do Bronze Final da plataforma do Mondego.

Não existem dados que corroborem taxativamente a existência de uma estrutura defensiva em torno do povoado; no entanto, foram detectadas algumas estruturas pétreas, nomeadamente “muretes”, e os alicerces de uma estrutura rectangular com 12m², “constituída por blocos de grandes dimensões rudemente aparelhados que aproveitam o monólito granítico” (Canha, 2002, p.33). Para além disto, o alinhamento de alguns blocos pétreos, de cariz circular, permitem

²⁰ A sobreposição caótica dos blocos ganíticos proporcionou a criação de alguns abrigos naturais (Canha, 2002, p. 32) onde foram detectados alguns fragmentos cerâmicos, que podem estar associados à utilização destes espaços, tal como se verifica entre São Romão e o Buraco da Moura de São Romão.

equacionar a existência de quatro estruturas circulares pétreas (cabanas) ou, pelo menos, dotadas de alicerces pétreos, sendo que o “compartimento 1” apresenta dimensões muito superiores aos restantes. Foi também detectado um buraco e poste estruturado, aparentemente no centro de um outro alinhamento de blocos. A extrema precaridade do “aparelho” não nos permite afirmar, com segurança, o número e as características das estruturas existentes no espaço escavado; podemos, no entanto, com alguma segurança concluir da existência de estruturas pétreas no povoado de Canedotes que, provavelmente, conviveriam com outras.

5.5.1.3. Os materiais – fragmentos decorados

Antes de apresentar os dados relativos a esta estação arqueológica, cumpre referir que não tivemos oportunidade de observar o conjunto completo dos fragmentos decorados do povoado, sendo que, por constrangimentos vários, nomeadamente temporais, optámos por tomar como linha directriz os dados patentes na tese de mestrado de Alexandre Canha. Foram exumados, na totalidade, 438 fragmentos decorados, dos quais pudémos observar pessoalmente 232 (cerca de metade).

Podemos afirmar, à partida, que a observação macroscópica dos fragmentos de Canedotes nos sugere um conjunto cerâmico sujeito a condições pós-deposicionais adversas, o que condiciona a observação das características de fabrico²¹, contrariamente à colecção do Crasto de São Romão, cujo estado de conservação é, *grosso modo*, satisfatório. Os dados apresentados na dissertação de Alexandre Canha, no que às características de fabrico concerne, dizem respeito, naturalmente, à totalidade do conjunto e não apenas ao universo da olaria decorada, pelo que não seria pertinente estabelecer comparações entre os seus e os nossos resultados. Agradecemos, desde já, a Alexandre Canha, não só a possibilidade

²¹ “(...) fragmentos que se encontram em bom estado apresentam um valor bastante baixo apenas 16,2% contra os 58,3% de fragmentos corroídos, este é um indicador que evidencia as deficientes condições de conservação da estação (...)” (Canha, 2003, pp.190)

de conhecer os fragmentos decorados de Canedotes, mas sobretudo a cedência dos dados em bruto, nomeadamente a miríade de folhas de cálculo a partir das quais pudemos trabalhar com mais profundidade as questões relacionadas com a decoração – foi nelas que encontramos, por exemplo, dados exclusivos dos fragmentos decorados relativos aos tratamentos de superfície e com os quais podemos estabelecer correlações seguras, e que passamos a apresentar esquematicamente.

Antes de abordar a questão dos sistemas decorativos propriamente ditos, sublinhamos algumas comparações que nos parecem pertinentes. No que diz respeito às pastas, se em ambos os casos há uma clara predominância de pastas compactas, quanto à cozedura, ela é predominantemente redutora em São Romão, enquanto em Canedotes é predominantemente redutora com arrefecimento em ambiente oxidante, o que dá pistas de hábitos de fabrico ligeiramente diferentes entre povoados.

A cerâmica decorada de Canedotes representa 1,61% do conjunto total de fragmentos exumados na estação; o que, como já referimos noutra ocasião, é um resultado estatístico obtido através de um processo totalmente diferente daquele que pautou o nosso trabalho.

Como já foi explanado no capítulo da metodologia, levámos a cabo uma análise macroscópica dos fragmentos que estudámos diferente da de Alexandre Canha, que, quanto aos tratamentos de superfície, contempla as seguintes categorias : alisada, bem alisada, mal alisada, *cepillada*, brunida, polida, rugosa²². Também no tocante às decorações brunidas optámos por uma outra abordagem

²² Por “rugosa” entendemos tratarem-se de fragmentos com superfícies irregulares, em nenhum tratamento de superfície aparente.

metodológica²³. Para compatibilizar as duas abordagens, optámos pelas seguintes correspondências :

a) *tratamentos de superfície*

superfície alisada	alisamento
superfície bem alisada	
superfície mal alisada	

superfície brunida	brunimento
superfície Polia	

b) *técnicas decorativas*

sulcos brunidos	decoração brunida
ornatos brunidos	

²³ Canha alude, na sua dissertação, para as “divergências gritantes” na terminologia utilizada para as decorações. Assume, tal como nós, a possibilidade de interpretações erróneas da terminologia aplicada por outros autores. As decorações brunidas são, de longe, as que mais controvérsia têm gerado; Susana Oliveira Jorge, a título exemplificativo, chama *espatulado* àquilo que Alexandre Canha, tal como Raquel Vilaça, chama *sulcos brunidos*. (Canha, 2002, p. 229). Optámos, na nossa abordagem, por considerar a decoração brunida como um todo; dificilmente poderemos ter garantias relativas ao utensílio utilizado para as produzir, e sendo este o mote principal para a nossa atribuição terminológica, cingimo-nos ao resultado – as várias modalidades de decorações brunidas resultam, todas elas, em sulcos ténues, aplicados num momento em que a pasta já teria perdido a sua plasticidade (seca, cozida ou pré-cozida), sem provocar o estalamento da sua superfície, mas provocando depressões que contrastam, sobretudo através do brilho, com a parede do recipiente. Apesar disto, compreendemos esta divisão; algumas decorações brunidas da Beira Alta têm pouco que ver com as decorações brunidas por excelência, do mundo andaluz, que resultam em padrões bícromos e que conjugam faixas e traços, com resultados estéticos muito distintos dos simples padrões típicos da Beira Alta, aplicados por brunimento.

Tendo em conta estas correspondências, também em Canedotes os fragmentos decorados apresentam superfícies alisadas na maior parte dos casos (179 fragmentos, 40,9% do conjunto), seguido do brunimento (123 fragmentos, 28% do conjunto) em proporções muito semelhantes às de São Romão²⁴. Estes dados comparativos apontam, à partida, para semelhanças estatisticamente comprovadas nas fases de fabrico prévias à aplicação das decorações.

As diferenças substanciais começam a despontar quando olhamos mais atentamente para a aplicação das técnicas decorativas. Tal como em São Romão, as “entalhaduras”²⁵, sobretudo nos lábios de “cerâmicas de fabrico não fino”, surgem com expressividade (21,5%), mas, ao contrário de São Romão, não predominam. Aparentemente, não se regista nenhum exemplar de bordo denteado a partir de digitações ou ungulações²⁶, modalidades que encontramos em São Romão, apesar de minoritárias relativamente ao puncionamento (Canha, 2002, p. 220). A predominância vai para a incisão pós-cozedura (39,3%), enquanto em São Romão não ultrapassa os 23% na globalidade do conjunto. Seguidamente, surge a decoração brunida, representada, em Canedotes, por 80 fragmentos (18%), enquanto em São Romão representam apenas cerca de 5% da totalidade do conjunto.

Estes dados comparativos dizem, no entanto, respeito ao total dos fragmentos decorados da estação arqueológica de Canedotes. *“Quando se observam os resultados de cada um dos sectores ao nível da camada arqueológica o resultado é um pouco diferente. No sector IA o domínio é da decoração incisa depois da cozedura; no sector IB o predomínio é dos sulcos brunidos e a decoração incisa depois da cozedura encontra-se quase ausente; no sector II destaca-se a decoração plástica e a incisa depois da cozedura é representada por um único fragmento de*

²⁴ Não possuímos dados relativos ao tratamento das superfícies internas dos recipientes de Canedotes.

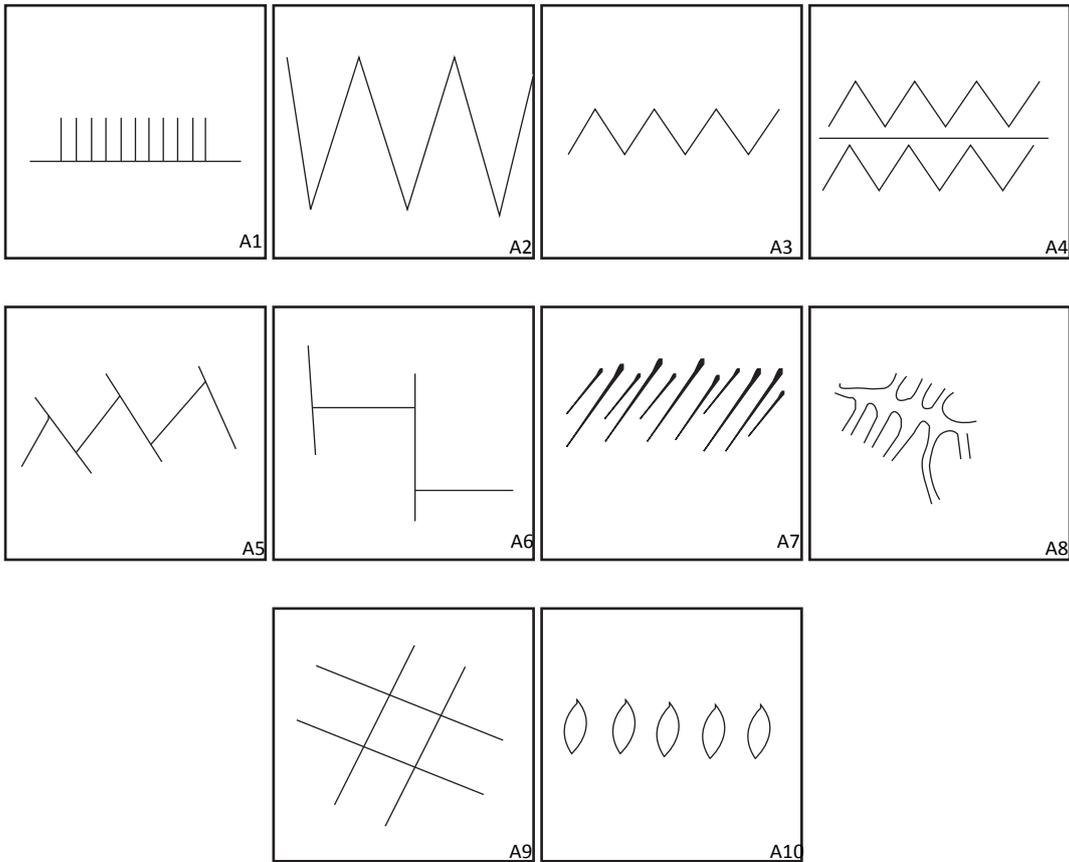
²⁵ Tratam-se de impressões profundas aplicadas com um objecto fino; corresponderão aos nossos puncionamentos.

²⁶ Há apenas nota de decoração produzida através de digitações e ungulações no colo de 2 recipientes de Canedotes.

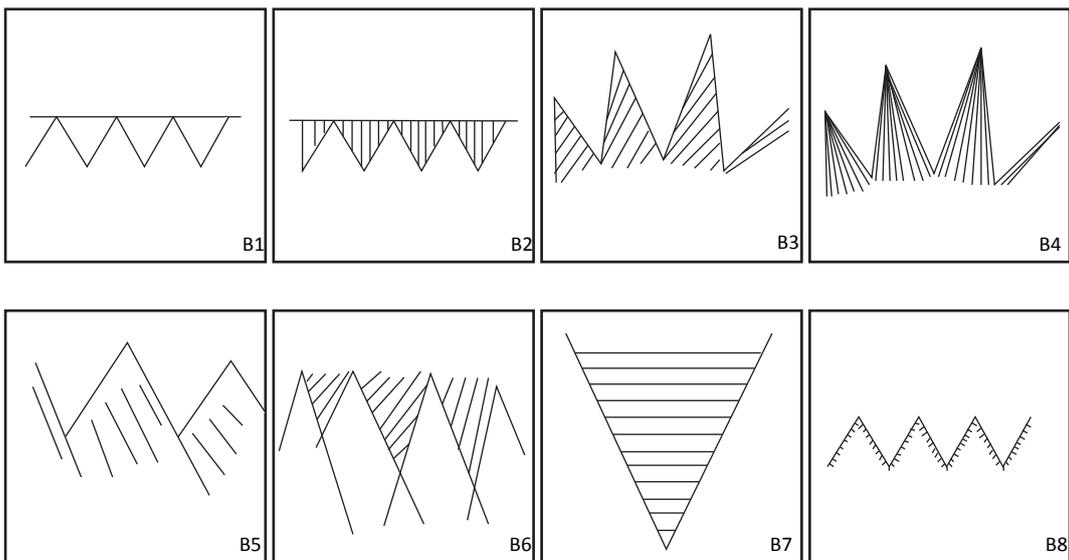
“tipo Baiões” (...). Estes resultados parecem mostrar a “personalidade” dos sectores, em que cada um tem um tipo de decoração prevalecente. Tal “personalidade” pode, eventualmente, ser indicador de marcadores funcionais stricto senso, funcionais/rituais, ou mesmo simbólicos dentro do povoado.” (Canha, 2002, p. 219). Se a predominância, em Canedotes, é também, genericamente, a incisão pós cozedura, sendo os próprios resultados estatísticos da sua utilização semelhantes, o mesmo não se passa com a decoração brunida. Ela é, no Crasto de São Romão, vestigial, enquanto em Canedotes a sua percentagem eleva-se exponencialmente. Esta dissemelhança resulta, a nosso ver, significativa. Independentemente do significado da concentração espacial das técnicas decorativas, a utilização da decoração brunida é, em Canedotes, não só mais expressiva do ponto de vista quantitativo, mas também das gramáticas decorativas, como veremos adiante.

Também a decoração plástica, em Canedotes, assume uma representação significativa (13%), enquanto em São Romão não chega a 1%. As restantes técnicas decorativas são, em Canedotes, pouco representadas, apresentando valores semelhantes.

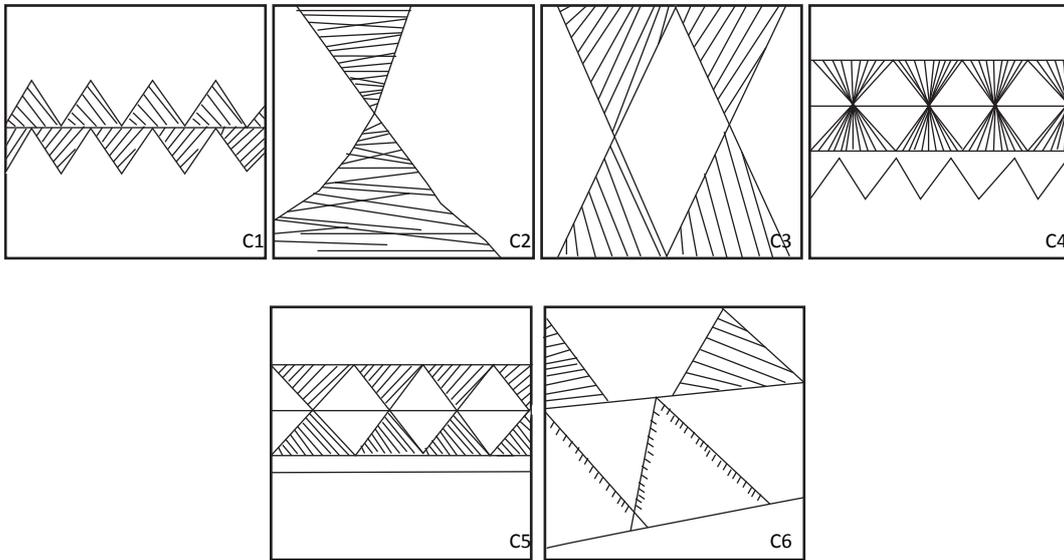
Grupo A – motivos simples



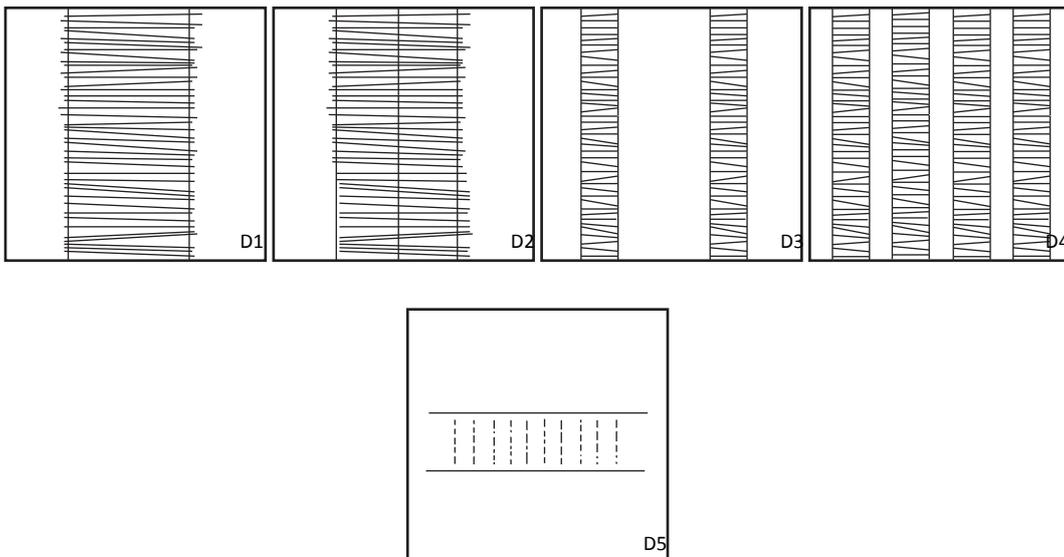
Grupo B – seqüências de triângulos



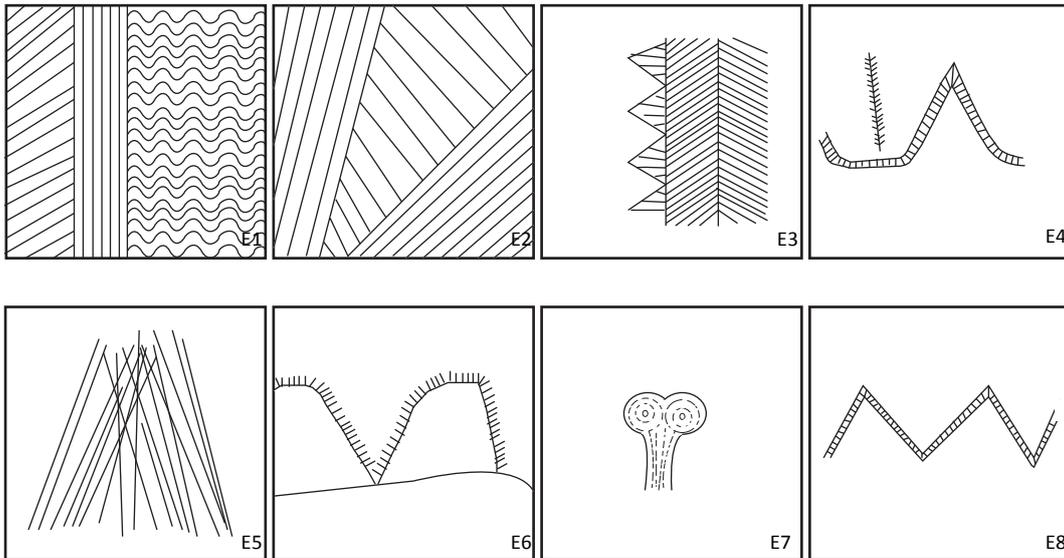
Grupo C – matrizes de triângulos



Grupo D – motivos “escalariformes”



Grupo E – motivos compostos



No universo dos motivos decorativos surgem, a nosso ver, as diferenças mais relevantes. Não possuímos, para Canedotes, notícia da frequência de cada motivo decorativo, logo, do seu papel estatístico na hierarquia das gramáticas decorativas de Canedotes. Assim, limitamo-nos, neste ponto, a estabelecer relações de presença / ausência, abordagem essa que, apesar de limitada, produz resultados interessantes. Para este efeito, produzimos uma tabela de motivos de Canedotes com base na de Alexandre Canha (Canha, 2002, EST. LIV), da qual eliminámos as representações das “entalhaduras” nos lábios, os ‘mamilos singulares’²⁷ e as divisões por técnica aplicada.

A observação da tabela de motivos decorativos de ambos os povoados deixa-nos, à partida, com a sensação de estarmos perante dois mundos estilísticos muito diferentes, ainda que estruturalmente concomitantes. Os motivos que encontramos em ambos os povoados são, na maior parte dos casos, muito simples; os motivos compostos, ou os mais representativos de cada povoado são, de facto, bastante diferentes entre si. Encontramos, em ambos os povoados, retículas (motivo A9), linhas quebradas simples e duplas (motivos A3 e A4), sequências de triângulos

²⁷ Como já foi dito, eliminámos da equação as aplicações plásticas sem manifesta função decorativa.

preenchidos por linhas verticais paralelas (motivo B2), triângulos preenchidos com linhas que convergem para o vértice (motivo B4), sequências de triângulos “abertos”, linhas horizontais das quais partem pequenos traços verticais paralelos (motivo A1), sequências de triângulos simples “fechados”, matrizes de triângulos preenchidos por linhas oblíquas paralelas (‘triângulos afrontados’, na terminologia utilizada por Alexandre Canha), ainda que, neste caso, em São Romão as encontremos em 4 fiadas e em Canedotes nunca ultrapassam as duas. Em São Romão, apenas encontramos “triângulos afrontados” em duas fiadas preenchidos com eixos dos quais divergem linhas oblíquas paralelas. Encontramos também bandas quebradas, formando triângulos, preenchidas por linhas paralelas; em Canedotes apenas em 2 fragmentos, enquanto em São Romão representa o 2º tipo predominante do povoado. Também encontramos em Canedotes sequências de triângulos “raizados”, motivo esse que representa o “motivo por excelência” de São Romão. Também neste caso ele é residual, em Canedotes (apenas 6 fragmentos). Importa acrescentar que em São Romão, onde esta decoração se repete, encontramos-la também noutros esquemas, associada a outros motivos, participando em padrões novos, o que nos leva a crer que seja um padrão-base cuja utilização estivesse bastante interiorizada na comunidade.

Ocorre-nos afirmar, a propósito destes números, que nos parece muito interessante as decorações que caracterizam a personalidade estilística de um povoado surgirem de forma vestigial noutro. Podemos conjecturar, como hipótese de trabalho, que as decorações possam plasmar, de facto, a personalidade das comunidades que as produziram, e o seu rastreio entre povoados talvez constitua mais uma prova material das complexas redes de relações entre comunidades.

Encontramos também dois motivos singulares em ambos os povoados, ainda que diferentes entre si, que nos chamaram a atenção. Embora ambos se mantenham na tradição “triangular”, são bastante sugestivos, uma vez que lembram “olhos raiados”²⁸ (motivo E6).

²⁸ Chamamos a atenção para o exemplar do Cabeço do Crasto de São Romão; a distribuição dos “raios” e a linha curva pontilhada entre os dois triângulos sugere de facto um rosto geometrizado.

De facto, os motivos comuns entre ambos os povoados, à exceção dos dois casos supra citados, não representam padrões expressivos. À partida, e tendo em conta o que já foi dito, Canedotes é, relativamente a São Romão, muito mais pobre em relação a padrões de ‘triângulos pendentes’, ou sequências de triângulos preenchidos. Encontramos, em São Romão, sete esquemas deste tipo, enquanto em Canedotes encontramos apenas 4, nenhum deles exclusivo (qualquer um dos quatro encontramos também em São Romão).

Como já dissemos, por constrangimentos vários, não pudémos manusear a totalidade dos fragmentos decorados de Canedotes; no entanto, a amostra a que tivemos acesso permite-nos tecer algumas considerações sobre os motivos mais repetidos na estação arqueológica. O motivo que nos surgiu mais vezes (em pelo menos 11 fragmentos) foi o “*escalariforme*” (motivos D1, D2, D3, D4 e D5), que está absolutamente ausente de São Romão. Se, estruturalmente, são motivos semelhantes às “bandas quebradas”(constituem também bandas preenchidas por pequenos traços paralelos), em Canedotes surgem em traços contínuos, sempre verticais, por vezes sozinhos, por vezes agrupados em conjuntos de dois ou quatro. É um motivo que surge exclusivamente inciso pós cozedura. Outros motivos bem representados em Canedotes são as matrizes de triângulos, em várias modalidades, muitas das vezes caóticas, preenchidos com linhas paralelas, e as sequências de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, também neste caso em modalidades várias. Surgem ambos em pelo menos 10 fragmentos. As organizações decorativas de Canedotes afiguram-se-nos, de facto, menos cuidadas relativamente às de São Romão. Encontramos diversos fragmentos com decorações feitas com manifesto descuido, sobrepondo linhas, com mudanças de orientação abruptas, etc. Outra diferença significativa entre povoados é, no caso de Canedotes, a existência de fragmentos que atestam a saturação decorativa da superfície de alguns recipientes, o que não acontece em São Romão (motivos E1 e E2). As pequenas bandas preenchidas por “triângulos afrontados”, organizadas em duas fiadas, encontramos em pelo menos 4 fragmentos, curiosamente, três dos quais “tipo Baiões”, limitada inferiormente por uma linha horizontal simples (ou inciso pós cozedura

sobre uma superfície bem brunida) e o outro brunido (“sulcos brunidos”), limitado inferiormente por uma pequena linha quebrada.

Os conjuntos cerâmicos decorados de Canedotes e São Romão, se apresentam algumas diferenças nas características de fabrico, elas tornam-se absolutamente incontornáveis quando olhamos com mais detalhe para as lógicas decorativas. Parece-nos pertinente afirmar que os dois povoados terão estado, ao longo do seu período de vigência, sujeitos a contactos com intensidades diversas; por um lado, em ambos os povoados encontramos motivos que divergem assumidamente da norma, nomeadamente as espigas, e em ambos de forma muito vestigial, por outro, e assumindo que o brunimento é uma técnica decorativa exógena, penetrou mais profundamente os hábitos artesanais dos oleiros de Canedotes. Já em São Romão encontramos fragmentos de cacos decorados com negativos preenchidos a pasta branca, e o mesmo não acontece em Canedotes. Baseando-nos na variável da decoração para corroborar a inclusão de Canedotes no “horizonte cultural” de Baiões, teremos de o fazer com algumas reservas, apesar das evidentes similitudes. Por detrás da matriz “triangular” que caracteriza este mundo, um olhar mais profundo desvela imediatamente tratarem-se de povoados com comportamentos decorativos singulares.

- **O fragmento estampilhado de Canedotes**

Foi exumado, em Canedotes, um pequeno fragmento dotado de decoração estampilhada, para o qual não encontramos quaisquer paralelos regionais. *“Trata-se de dois círculos concêntricos de que parte uma banda. Esta decoração afigura-se algo problemática, uma vez que esta técnica decorativa se encontra sobretudo em fases cronológicas posteriores. Para além deste facto, o motivo não encontra paralelos nas peças da Idade do Ferro. Curiosamente, o motivo estilístico desta peça encontra grandes semelhanças num molde de fundição bivalve para cabeças de alfinete datado do Bronze Final, proveniente do Castro do Monte Redondo*

(*Gouveia*)²⁹ (...)” (Canha, 2002, p. 226). Tal como A. Canha afirma, e na linha de pensamento atrás afluída, o aparecimento de um fragmento desta natureza num povoado cuja ocupação está cronologicamente bem caracterizada, dotado de um motivo que encontra paralelos contemporâneos, reforça a preocupação com a cronologia deste tipo decorativo, tradicionalmente associado à “cultura castreja”. Apesar de se tratar apenas de um fragmento isolado, a ideia da utilização de um objecto pessoal para impressão na superfície de um recipiente reforça-nos a crença de que a decoração poderá ter funcionado, eventualmente, como um indutor de ‘personalidade’ ou ‘propriedade’ aos objectos.

5.5.2. O castro da Senhora da Guia, Baiões

5.5.2.1. Localização

O monte da Senhora da Guia é um cabeço de formação granítica, que se situa na Freguesia de Baiões, Concelho de São Pedro do Sul, à cota máxima de 476m, gozando de um grande controlo sobre a paisagem envolvente. É também uma zona com abundantes linhas de água, rodeada por terrenos bastante férteis. Coordenadas – 202.975/421.625GAUSS na Folha 166 da Carta Militar de Portugal.

5.5.2.2. Historial do sítio arqueológico

O cabeço onde se implanta o povoado do Bronze Final encontra-se hoje bastante modificado pela implantação do Santuário, que destruiu grande parte do povoado. Encontra-se já referido nas *Memorias Parochiaes* (séc. XVIII) (Azevedo, 1896, *apud* Senna-Martinez, 1989, p. 211); é também referenciado por Monsenhor Celso Tavares da Silva. São recolhidos materiais arqueológicos metálicos durante todo o séc. XX em virtude de várias obras levadas a cabo no cabeço (nomeadamente o “depósito de fundidor”, em 1983, durante a construção de um poço e respectiva canalização). É Tavares da Silva que vai dirigir as primeiras campanhas de escavação do sítio, em 1973, continuadas em 1977 por Kalb.

²⁹ Publicado pela primeira vez por Senna-Martinez (1989).

5.5.2.3. Características do povoado

Os trabalhos de escavação revelaram restos de uma estrutura defensiva de pedra não aparelhada, “constituindo, mais do que uma muralha, um muro de suporte de terras semelhante ao detectado no Castro de Santa Luzia”. (Silva, Correia & Vaz, 1985, *apud* Senna-Martinez, 1989, p. 212). Foi identificada uma única unidade estratigráfica (solo de habitat complexo) sendo que as únicas estruturas identificadas foram lareiras e algumas fundações pétreas.

5.5.2.3. O conjunto cerâmico – fragmentos decorados

Para estabelecer paralelos entre os conjuntos cerâmicos até agora apresentados com os do Castro da Senhora da Guia, baseámo-nos nas esquematizações produzidas por Armando Coelho da Silva (Silva, 1986, EST. LXV), a partir das quais produzimos uma tabela nossa, como ferramenta de trabalho comparável com as restantes³⁰. Apesar de não possuímos dados numéricos relativos às proporções dos motivos decorativos, podemos, uma vez mais, estabelecer nexos de presença / ausência entre uns e outros. Dos dados gráficos sumariados por Armando Silva dizem respeito à “Fase I”, ou ao período do “bronze final atlântico”. Na descrição de carácter qualitativo tecida por Armando Silva, ficamos com a impressão de estarmos perante um conjunto cerâmico familiar, no que concerne às características de fabrico - *“pastas acastanhadas com reduzido teor de desengordurantes bem cozidas e superfícies externas engobadas e brunidas, lisas ou com decoração quase sempre incisa ou pontilhadae também grafitada³¹ ou com elementos plásticos designadamente mamilares (...)”*. Silva considera o horizonte decorativo de Baiões muito similar ao da Meseta, com eventuais influxos de Cogotas

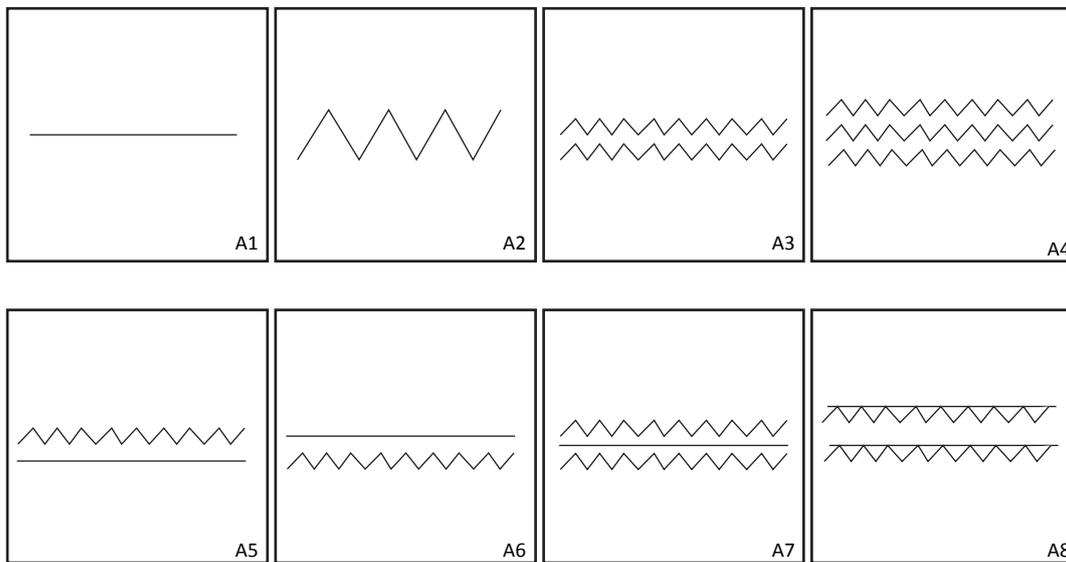
³⁰ Fizémos, tal como para Canedotes, algumas adaptações, como suprimir alguns esquemas que achámos redundantes.

Creemos que esquematizar padrões decorativos, mais do que representá-los de forma fidedigna (para tal temos os desenhos dos fragmentos), passa por apreender a ideia que lhe subjaz, pelo que não nos interessa isolar motivos idênticos, cujas variações assentam apenas no número de linhas ou em ligeiras alterações de orientação.

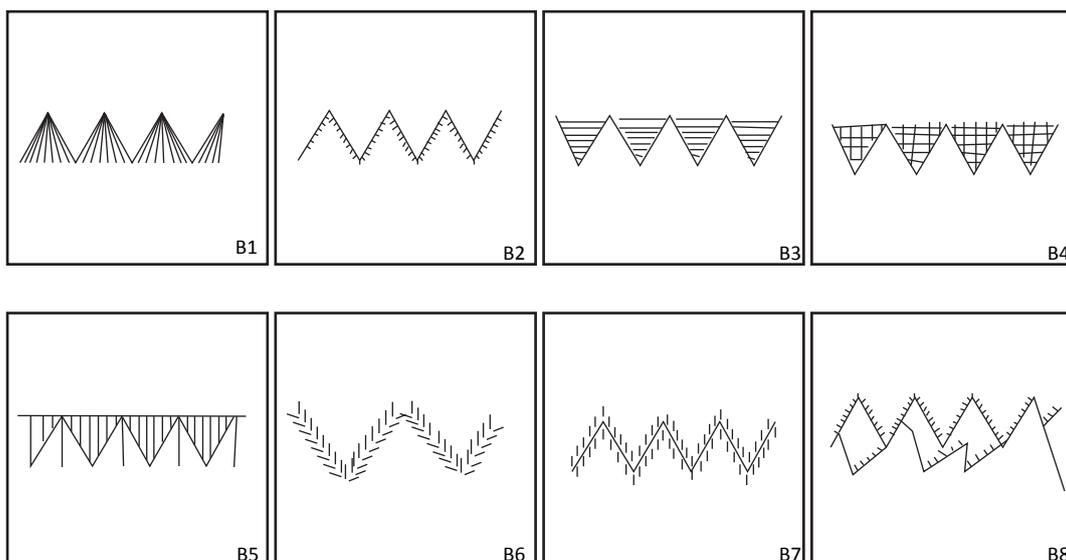
³¹ Supomos tartar-se da técnica incisa pós cozedura.

I. Já António Baptista Lopes, na descrição das pastas dos fragmentos de Baiões, descrevo-os como “dotados de cernes mais escuros, como resultado de uma pré-cozedura.” (Lopes, 1993, p.57). Esta descrição leva-nos a crer que a tendência geral de cozedura dos recipientes de Baiões seria a cozedura com arrefecimento em ambiente oxidante.

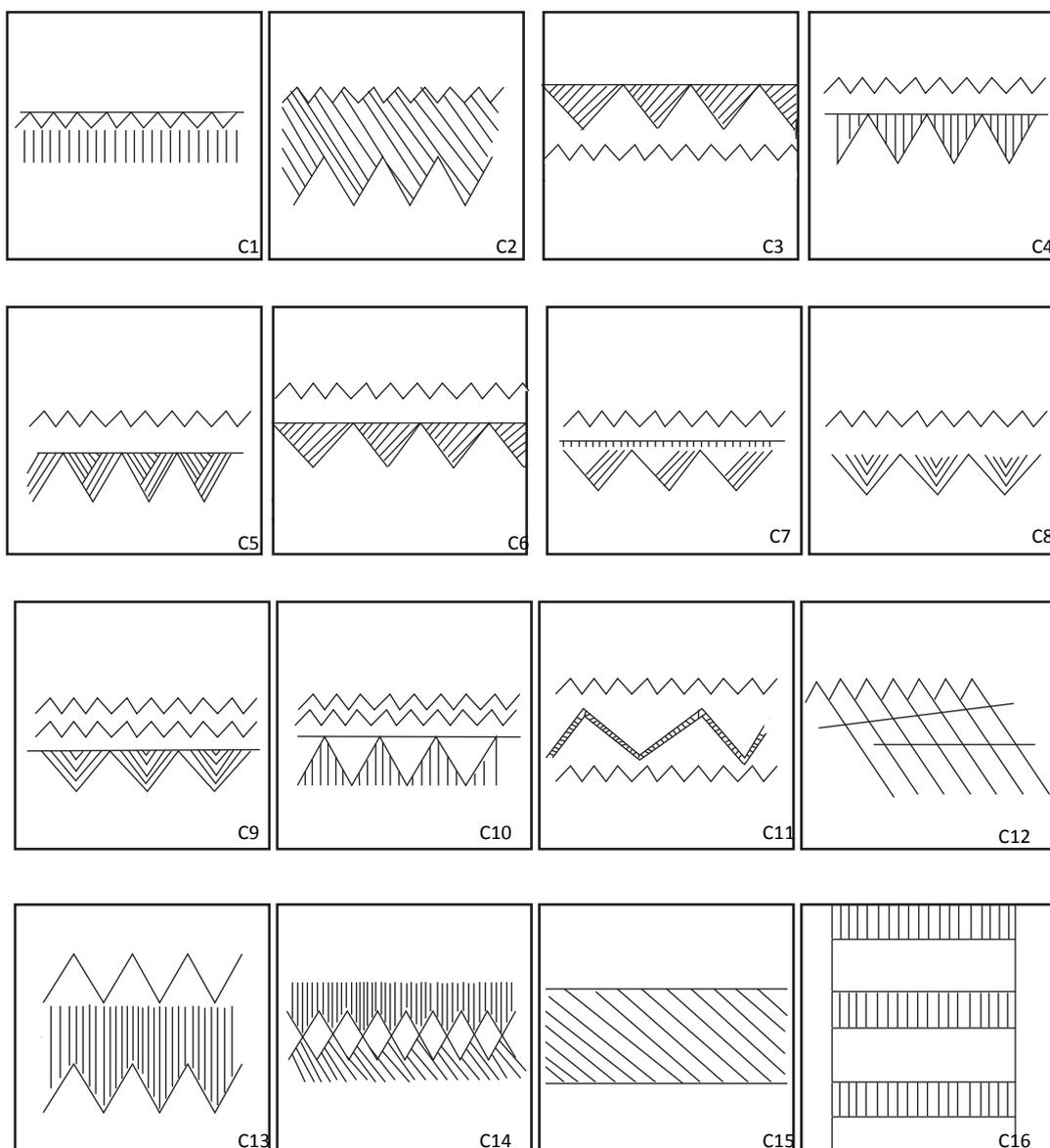
Grupo A – motivos simples



Grupo B – sequências de triângulos



Grupo C – motivos compostos



Uma primeira observação da tabela de motivos decorativos do Castro da Nossa Senhora da Guia revela-nos, imediatamente, um “motivo-base”, a partir do qual a grande maioria dos restantes se desenvolvem – a linha quebrada simples. Em 34 motivos decorativos, encontramos-a em 20. Esta é uma diferença significativa; apesar de encontrarmos a linha quebrada em todos os povoados estudados, isolada ou combinada com outro motivo, em nenhum outro caso ela é comprovadamente tão expressiva. Em São Romão, por exemplo, encontramos-a apenas em 4 motivos, pouco expressivos do ponto de vista estatístico; apenas no Alto da Cavada, e tendo

em conta tratarem-se de dados de superfície, encontramos, proporcionalmente, um conjunto de motivos associados a linhas quebradas simples aparentemente comparável, mas tratando-se de dados de superfície pouco mais podemos acrescentar. No entanto, importa sublinhar a relativa proximidade geográfica do Alto da Cavada relativamente a Baiões. Os motivos de Baiões com linhas quebradas simples resultam, sobretudo, de combinações com outros que nos são familiares – com linhas horizontais simples ou duplas (motivos A3, A4, A5, A6 A7 e A8), com sequências de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas (C3 e C4) ou sequências de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas (motivo C6). Qualquer um destes motivos encontramos-los em outros povoados; São Romão, Canedotes, São Cosme; mas apenas no Alto da Cavada e no Cabeço do Cucão encontramos-los também associados a linhas quebradas simples. Existem, por outro lado, em Baiões, associações de linhas quebradas simples a outros motivos menos comuns na região, como o são o motivo C5 – linha quebrada simples associada a sequência de triângulos preenchidos com agrupamentos de linhas verticais perpendiculares entre si. Este motivo encontramos-lo exclusivamente em São Romão, isolado. Noutros três casos, encontramos linhas quebradas simples associadas a motivos, aparentemente, exclusivos de Baiões; o motivo C7, com uma sequência de triângulos parcialmente preenchidos por linhas oblíquas paralelas, sob linha horizontal da qual partem pequenos traços verticais paralelos; os motivos C8 e C9, com uma sequência de triângulos preenchidos com outros pequenos triângulos decrescentes, sequencia de traços verticais paralelos encaixados entre duas linhas quebradas simples. Encontramos outros padrões que, na realidade, não quisemos considerar exclusivos, pois representam soluções locais de outros motivos comuns, como o é, por exemplo, a faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas, encaixada entre duas linhas quebradas simples (motivo C15).

O motivo B4 de Baiões, apesar de estar dentro da família dos “triângulos pendentes”, é o único caso em que encontramos uma sequência de triângulos preenchidos com reticula (em São Romão existe apenas um fragmento com um triângulo preenchido com reticula isolado). Neste ponto importa dizer que lamentamos não conhecer as proporções dos motivos decorativos de Baiões, e a sua

representatividade dentro do universo da cerâmica decorada, para que pudéssemos dar mais um passo interpretativo quanto ao papel de cada motivo, uma vez que, e como já o verificámos para Canedotes, alguns motivos assumem-se como normativos num determinado povoado, e surgem de forma aparentemente vestigial noutro.

É curioso constatar, em Baiões, a presença de sequências de triângulos preenchidos com linhas convergentes, motivo esse que só encontramos também em São Romão e em Canedotes. Ele existe, comprovadamente, apenas nestes três povoados, e apenas em Baiões e Canedotes o encontramos desenvolvidos em matrizes de triângulos preenchidos com linhas convergentes (ou ‘triângulos afrontados’; sendo que, em Canedotes, ele surge associado a uma linha quebrada simples. Sendo, de facto, a linha quebrada simples o padrão normativo de Baiões, não resulta estranho observar o motivo B6, onde encontramos um motivo em espiga que se desenvolve em forma de linha quebrada simples, sendo este também um motivo que não encontra paralelos no nosso caso de estudo.

Assim, considerámos como motivo exclusivo do Castro da Senhora da Guia o motivo C14 - trata-se de uma sequências de losangos, da qual parte linhas verticais paralelas num sentido, e linhas oblíquas paralelas noutro. Trata-se, no ponto de vista elementar, de um combinação de motivos elementares comuns, encontramos em vários casos, mas organizados aqui de forma singular; e o motivo C16 – faixas preenchidas por linhas verticais paralelas organizadas dentro de dois eixos verticais (podemos considerar, neste caso, uma variante metopada da decoração) e C15 – faixa preenchida por linhas oblíquas paralelas.

Apesar de se tratar de um motivo duvidoso, e de constituir claramente um acidente decorativo, ou de um motivo mal executado, optámos por isolar o motivo B8, uma vez que não o conseguimos incorporar em nenhum outro cuja “ideia” se assemelhasse. Trata-se de duas sequências de triângulos “raizados”, sendo que a inferior intercepta, de forma caótica, a superior.

Outro motivo curioso é o B7 – faixa quebrada com pequenos traços verticais paralelos em ambos os sentidos (ou “raizada”), que apenas relacionamos com o motivo semelhante de Beijós, já apresentado.

Resta acrescentar que, da colecção de cinco taças metálicas globulares exumadas no Castro, duas delas apresentam decorações – a primeira apresenta, junto ao lábio, uma sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, incorporando-se perfeitamente na linha decorativa do universo cerâmico; e a outra “riscada”, com traços verticais paralelos que saturam a parede externa do recipiente.

Tendo em conta os dados apresentados, e com as devidas reservas, podemos concluir que também Baiões goza de uma personalidade decorativa própria, com motivos decorativos exclusivos ou associações de padrões comuns singulares. A linha quebrada simples funciona, a nosso ver, como elemento estruturante e caracterizador de toda estética do povoado.

Admitindo, como é defendido no sexto capítulo, que Baiões dista cronologicamente cerca de três séculos dos restantes povoados aqui apresentados, e apesar da personalidade decorativa própria que propomos para si, ela não parece assentar em esquemas decorativos básicos que divirjam na norma que temos vindo a definir; o contacto, quiçá, mais estreito desde povoado específico com a realidade orientalizante não se consubstancia, no entanto, em diferenças marcantes ou fracturantes entre os padrões decorativos vigentes, denunciando mais uma vez a pendor extremamente conservador, no que à produção cerâmica do Bronze Final concerne, da Beira Alta.

5.5.3. **Santa Luzia**

5.5.3.1. **Localização**

O Monte de Santa Luzia, na freguesia de Abraveses, Concelho de Viseu, é constituído por um filão de quartzo bem destacado na paisagem, à cota máxima de 633m, com

as seguintes coordenadas – 217.925/414.400 GAUSS na Folha 178 da Carta Militar de Portugal. É um sítio próximo de várias linhas de água.

5.5.3.2. **Historial do sítio**

O monte de Santa Luzia foi escavado, durante os anos 80, por Celso Tavares da Silva, Alberto Correia e Inês Vaz. Os seus materiais foram alvo de estudo de síntese, enquadrado na tese de mestrado de Ivone Pedro.

As escavações revelaram uma área habitacional rodeada por uma muralha em talude, e eventuais vestígios de um segundo sistema defensivo. O povoado seria constituído por unidades domésticas construídas com materiais perecíveis, sendo que apenas um alicerce pétreo foi escavado, delimitando um espaço circular com aproximadamente 8m de diâmetro. Foram também registadas diversas lareiras circulares de barro cozido.

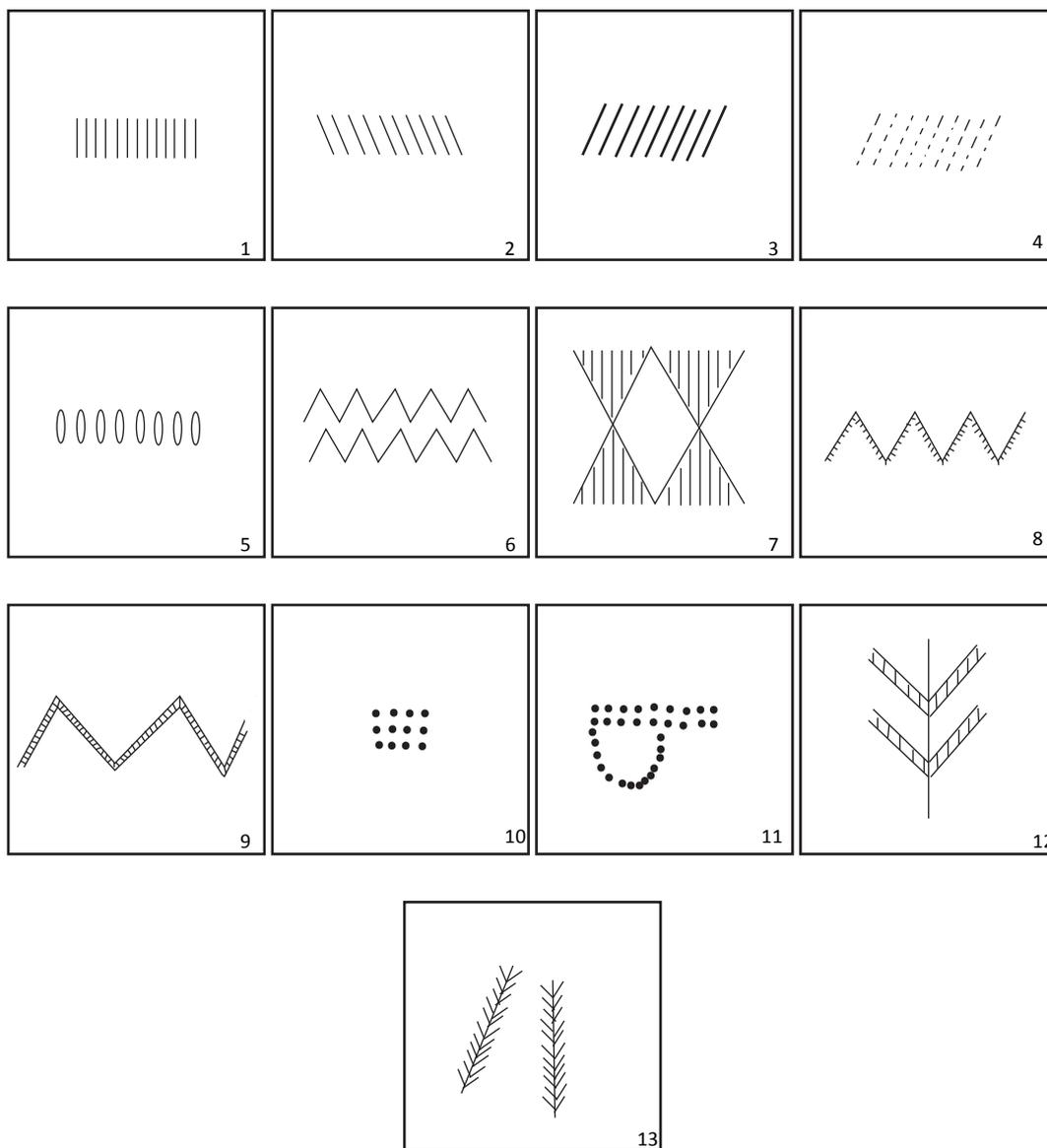
5.5.3.3. **O conjunto cerâmico – fragmentos decorados**

A descrição das pastas que compõem o conjunto cerâmico de Santa Luzia incorporam-se sem grandes problemas naquilo que temos vindo a definir como a norma de fabrico regional. Os fragmentos são de cor predominantemente castanha ou negra, e em menor quantidade bege ou laranja, o que parece corroborar a predominância de cozeduras em ambientes redutores. Optámos por não tecer considerações sobre as características dos elementos não plásticos, uma vez que a abordagem de Ivone Pedro dificilmente se compatibiliza com a nossa.

A autora afirma que “a maior parte dos recipientes apresenta uma pasta fina, bem depurada e de boa cozedura. As pastas grosseiras estão em clara minoria” (Pedro, 1995); do que deduzimos tratar-se de uma predominância de recipientes de “tipo I” o que constitui uma diferença marcada do que se passa nos restantes povoados. Em Santa Luzia o tratamento de superfície predominante é o brunimento, seguido do alisamento e por fim o cepillo, associado aos vasos grosseiros, confirmando a tendência por nós definida para os restantes povoados. Por outro

lado, Ivone Pedro associa também as “incisões profundas nos lábios” a estes recipientes do “grupo II”, facto que convive pacificamente com os nossos dados.

A técnica decorativa predominante é a incisão pós cozedura, tal como em todos os outros povoados da Beira Alta, existindo também decoração pontilhada, incisões brunidas (decoração por brunimento).



Os padrões decorativos isolados em Santa Luzia são relativamente poucos. Para além dos motivos elementares, como as linhas quebradas simples, as sequências de incisões lineares verticais ou oblíquas, encontramos apenas um motivo singular, sem paralelos; trata-se de um eixo vertical do qual divergem obliquamente, em sentido ascendente, quatro bandas preenchidas por linhas

paralelas (motivo nº12). O motivo lembra a típica banda quebrada, formando triângulos, preenchida por linhas paralelas, que também encontramos em Santa Luzia; pode tratar-se de uma visão truncada deste motivo, ao qual se acrescentou um eixo vertical onde os vértices se encontram. Encontramos também uma matriz de triângulos, ou “triângulos afrontados”, tal como em São Romão e em Canedotes, mas aqui preenchidos com linhas verticais paralelas (motivo nº7); na realidade, Ivone Pedro desdobra este motivo em dois, sendo que um deles reproduz o primeiro mas de forma caótica e mal conseguida. Para além de um motivo com duas espigas (motivo nº13), resta-nos a sequência de triângulos raiados (motivo nº 8), motivo que também não consitui nenhuma novidade naquilo que temos vindo a expor.

6 A BEIRA ALTA E OUTROS ESPAÇOS REGIONAIS – ASPECTOS DA CERÂMICA DECORADA

“(...) é necessário ter presente (...) a existência de contactos, com troca de conhecimentos, aprendizagem no fazer, assimilação de novos gostos e costumes, etc., mas não necessariamente envolvendo permuta de bens materiais (...). Movemo-nos aqui numa esfera muito mais subtil que é a de distinguir protótipos originais e modelos, de imitações, recriações e reelaborações indígenas.”

(Vilaça, 2008, p. 115)

O complexo decorativo do mundo “Baiões” configura, como os dados o sugerem, um mosaico de tendências diferenciadas, que se caracterizam genericamente por uma repetição de motivos elementares comuns, com algumas excepções. Há, no entanto, sintomas inequívocos de contactos, de natureza variada, e cujo rastreio é porventura muito difícil de fazer; os corredores de comunicação entre as várias áreas regionais seriam múltiplos e complexos, *“entrançados, bifurcados, configurando modelos dentríticos e incluindo talvez mesmo percursos repetidos (...)”* (Vilaça, 2008, p. 115).

A observação de dados de outras cronologias e outras áreas regionais levam-nos a concluir que as relações estabelecidas entre a Beira Alta e Meseta Norte serão aquelas que mais expressão encontram na cultura material, e concretamente nas decorações, de forma continuada e durante um período prolongado no tempo .

Recuando no tempo, e observando os dados relativos ao Calcolítico na Bacia do Alto Mondego, apercebemo-nos de que muitos motivos que caracterizam o

comportamento decorativo beirão do Bronze Final já eram prática comum; os materiais do Castro de Santiago (Fornos de Algodres) assim o sugerem. Encontramos, nas organizações de tipo “D” (Valera, 1997), motivos que em nada divergem, a não ser nas técnicas, dimensões e localização, daqueles que encontramos nos nossos povoados do Bronze Final; nomeadamente sequências de triângulos preenchidos com outros pequenos triângulos decrescentes, idênticos aos que encontramos nos motivos 31 e 32 do Castro da Senhora da Guia.

Mas se olharmos para a Meseta Norte, encontramos também ainda no Calcolítico motivos absolutamente concomitantes com os nossos. Em Los Tolmos de Caracena, datado por radiocarbono sensivelmente em meados do 2º milénio (Jímenez-Martínez, 1984, p.23), encontramos “motivos isolados ou contínuos, dispostos de forma angular ou triangular, normalmente junto ao bordo ou junto à carena.” Estes motivos são, por exemplo, linhas quebradas simples, são matrizes de triângulos, são também triângulos preenchidos com outros pequenos triângulos decrescentes, sequências de triângulos preenchidos por linhas oblíquas paralelas, convergentes, ou em retícula, bandas quebradas formando triângulos preenchidas com linhas paralelas (Jímenez-Martínez, 1984, p. 98-99). Todos estes motivos constituem padrões vulgarizados nos comportamentos decorativos dos povoados da Beira Alta do Bronze Final, apesar de técnica e morfológicamente a cultura material cerâmica se ter transformado significativamente. Se a Beira Alta vai beber desta influência de forma comprovada durante o Calcolítico, quando o povoamento parece tornar-se mais estável, parece-nos que essa relação antiga e continuada se terá mantido, propiciada pelas próprias condições geográficas. No entanto, a origem destes motivos não é segura, nem o sentido das suas migrações tão pouco. A verdade é que se fixaram e proliferaram na Beira Alta, de forma consistente, enquanto a Meseta evoluiu para outras soluções decorativas durante a Idade do Bronze. Encontramos, de facto, semelhanças maiores entre a decoração calcolítica mesetenha e a do “Mundo Baiões”, do que com o denominado mundo Cogotas.

Encontramos, no entanto, vestígios inequívocos de contactos entre a Beira Alta e a Meseta Norte durante o Bronze Final. Em São Romão encontramos alguns fragmentos com decoração excisa, bem como outros dotados de decoração a

boquique, e com negativos preenchidos a pasta branca, sobre motivos que são claramente exógenos à norma estilista do mundo “Baiões/Santa Luzia” (motivos nº 29, 30 e 31 de São Romão). Um dos fragmentos decorados a boquique apresenta um motivo tipicamente mesetenho, presente em sítios como Arevalillo, Las Cogotas, etc. (Fernandez-Posse, 1982, p. 151). Os motivos típicos da decoração a boquique são efectivamente muito distintos dos nossos, recuperando linhas ondulantes, motivos em espiga, círculos concêntricos, etc; porém, encontramos também motivos triangulares e em bandas quebradas que se inscrevem dentro desta tendência geométrica triangular que temos vindo a descrever, em sítios como Renedo de Esgueva (Valladolid) ou El Berrueco. Encontramos também fragmentos com motivos em espiga, um deles em ambas as faces do fragmento; noutro caso, encontramos um motivo em espiga na face externa e outro pontilhado na face interna, organizações decorativas que remetem claramente para a Meseta Norte.

O período de transição do Calcolítico para a Idade do Bronze é indissociável do fenómeno campaniforme, fenómeno material de excepção e que, na Beira Alta, parece surgir de forma moderada. Se, por um lado, terá incorporado os conjuntos cerâmicos locais, noutros terá funcionado como factor exógeno, dotado de prestígio, participando do complexo ritual das comunidades (Valera, 1995, p. 107); independentemente das matizes da sua utilização, encontramos também em recipientes campaniformes motivos que nos são familiares, nomeadamente sequências de triângulos pendentes preenchidos com linhas oblíquas paralelas e com linhas convergentes, como o atestam os fragmentos da Orca do Outeiro do Rato (Senna-Martinez, 1989).

Desviando o olhar para o Noroeste, deparamo-nos com a cerâmica “tipo Penha”, cuja presença se estende pelo terceiro, até meados do II milénio a.C. (Silva & Santos, 1989, p.70). As suas organizações decorativas caracterizam-se pela organização preferencial em métopas, de padrões profundamente incisos. No “grupo 1” das organizações decorativas do monte da Penha (Silva & Santos, 1989, fig. 4) encontramos uma proliferação de motivos em retícula suspensos de linhas horizontais paralelas, com que o motivo nº 4 da Nossa Senhora do Bom Sucesso encontra paralelos indiscutíveis. Por outro lado, em todas as restantes categorias,

encontramos motivos elementares muito familiares, como as bandas quebradas, ou variadas modalidades de triângulos pendentes, preenchidos com retículas e linhas paralelas, bem como sequências de losangos e matrizes de triângulos.

Recuar para o Calcolítico regional e do Norte português, leva-nos a crer que toda uma estética de matriz geometrizante, bastante angular, baseada em linhas rectas, de onde os padrões arredondados e/ou ondulantes estão totalmente apartados encontra-se, já neste altura, perfeitamente enraizado e disseminado num vasto território.

Podemos afirmar com alguma segurança que as Beiras, apesar das manifestas diferenças culturais que vão apresentar durante o Bronze Final, e como adiante explanaremos, comungam de uma mesma matriz económica e de povoamento; ao contrário daquilo que pudemos concluir quando confrontamos a Beira Alta com o panorama do Bronze Final minhoto ou trasmontano. O Bronze Final encontra-se, para o Norte português, melhor caracterizado que as fases que o precedem; dão-se transformações na paisagem humana, nomeadamente nas estratégias de povoamento, cujo padrão obedece àquilo que está tradicionalmente estipulado para todo o espaço peninsular. Instala-se uma lógica de povoamento com claras preocupações defensivas, onde é evidente a necessidade de controlo visual sobre o território circundante (como o sítio de Penedo Grandes, Altos de Valdevez), a par de outros povoados de colina e de baixa altitude (como o sítio do Corgo, Vila do Conde, o povoado da Santinha, Amares, ou o Alto da Cividade, Braga) (Bettencourt, 2009, p. 70), e cuja razão de instalação radica no aproveitamento do potencial agrícola do território. Todos apresentam dimensões muito diversificadas, independentemente do tipo de implantação escolhida. São bastante raros os exemplos de monumentalização dos povoados / instalação de estruturas amuralhadas, o que não corrobora também o pressuposto generalizado para a eclosão do Bronze Final peninsular. Do ponto de vista da organização interna, alguns povoados, como o da Santinha, apresentam muros de contenção de terras, produzindo terraços artificiais, à semelhança daquilo que encontramos por exemplo em São Romão. O Bronze Final do Norte de Portugal apresenta, assim, diferenças significativas do ponto de vista da organização “política” e social – o povoado de

cariz complementar, tal como o encontramos nas Beiras, organizado em povoados de grandes, médias e pequenas dimensões, todos instalados de forma semelhante na paisagem, apresenta-se aqui noutros moldes, porventura mais complexos.

Do ponto de vista decorativo, os povoados minhotos parecem ser extremamente pobres. No povoado da Santinha, ocupado durante o séc. X a.C., foram exumados apenas 20 fragmentos decorados, representando cerca de 0,3% do universo cerâmico, que contrasta bem com os resultados obtidos para as Beiras. Encontramos também bordos denteados, decoração plástica e sobretudo decoração incisa (60%), em linhas horizontais, verticais, diagonais e em triângulos (Bettencourt, 2001). Já em Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e Lavra (Marco de Canaveses) surgem “decorações sobre pasta seca sobre superfícies polidas” (Silva, 1999, p. 12), o que parece indiciar a presença da técnica por incisão pós cozedura nestas paragens. Importa salientar que a “organização decorativa III”, definida por Margarida Santos Silva na sua dissertação de Mestrado, que compreende sequências de triângulos pendentes, “assenta ou define precisamente a linha do fundo dos recipientes”. Se por um lado encontramos motivos e até a técnica por excelência da Beira Alta, a sua localização no corpo do recipiente respeita uma lógica contrária à definida por nós para o Mundo “Baiões/Santa Luzia”, onde a decoração, nomeadamente de formas triangulares nas suas mais variadas modalidades, se encontra preferencialmente na região superior do recipiente. Mesmo os motivos obtidos por incisão pós-cozedura encontram-se, segundo a autora, preferencialmente na pança dos recipientes. Também no povoado da Bouça do Frade (Baião) encontramos alguns fragmentos decorados por incisão pós cozedura, “(...) que podemos interpretar (...) como a expressão local de contactos supra-regionais existentes ao longo da fachada atlântica peninsular (...)” (Jorge, 1988, p. 73).

Recuando novamente no tempo, e olhando para os materiais do Buraco da Pala (Mirandela), vislumbramos uma cultura material calcolítica e, dos alvares da Idade do Bronze trasmontana, rica e variada do ponto de vista decorativo, onde também já as formas triangulares se encontram perfeitamente instaladas. Encontramos sequências triangulares preenchidas com linhas oblíquas, com feixes

convergentes, com linhas horizontais; uma miríade de soluções decorativas que nos comprova estarmos perante esquemas decorativos já perfeitamente instalados e consolidados, convivendo com as típicas faixas penteadas, com o boquique, etc.

Olhar para a Beira Interior durante o Bronze Final resulta, para nós, no exercício comparativo mais frutuoso que levámos a cabo; em primeiro lugar, por se tratarem de áreas regionais vizinhas, em segundo, por reunirem, a um tempo, semelhanças e divergências muito vincadas na cultura material, que configuram mais um interessante dado para a compreensão do complexo quadro de contactos do Bronze Final peninsular. Para o fazer, servimo-nos nas informações de síntese patentes da dissertação de doutoramento de Raquel Vilaça, que se baseiam nos dados relativos aos povoados do Castelejo, do Monte do Frade, dos Alegrios e da Moreirinha.

As datas obtidas nos povoados da Beira Interior³² revelam-se perfeitamente consentâneas com aquilo que definimos para a instalação de povoados do Bronze Final na Beira Alta – ocupados entre os sécs. XIII e IX a.C.

Identificação	Proveniência	Laboratório	Datação BP	Calibragem 2σ ³³	Bibliografia
Monte do Frade	I E1' c.3 (4b)	GrN-19660	2803±15	1002-912	Vilaça, 1995
Monte do Frade	I E1' c3 (4b)	ICEN-971	2850±45	1132-901	Vilaça, 1995
Monte do Frade	I D1 c3 (base)	ICEN-969	2920±50	1271-976	Vilaça, 1995
Monte do Frade	I D1 c3	ICEN-970	2780±100	1216-790	Vilaça, 1995
<i>Soma de probabilidades n=4 – 1293-890 cal AC</i>					
Moreirinha	I A6 c3	ICEN-834	2940±45	1293-890	Vilaça, 1995
Moreirinha	I A'6 c2	ICEN-835	2910±45	1262-976	Vilaça, 1995
Moreirinha	I A6 c3	GrN-19659	2785±15	1000-897	Vilaça, 1995
Moreirinha	I C5 c2	OxA-4085	2780±70	1117-987	Vilaça, 1995
<i>Soma de probabilidades n=4 – 1291-890 cal AC</i>					

³² Não incluímos as datas do povoado dos Alegrios, uma vez que a recalibragem das quatro datas (Vilaça, 1995) revelou-se significativamente diferente para um intervalo de confiança de 95%.

Também para o Monte do Frade e para a Moreirinha excluímos as datações obtidas através das amostras nº 5 e 6, e 3, respectivamente, consideradas pela própria autora anómalas.

³³ Datas BP recalibradas através do programa Calib 6.0.

No que diz respeito à cerâmica propriamente dita, e quanto às características de fabrico, elas dizem respeito, naturalmente, ao conjunto total dos fragmentos estudados por Raquel Vilaça, e não apenas aos decorados, pelo que teremos de encarar com reservas quaisquer paralelos aqui estabelecidos. Os quatro povoados citados apresentam *“grandes similitudes no que respeita aos traços caracterizadores mais genéricos, embora cada um ofereça elementos específicos reveladores da respectiva individualidade em termos regionais”* (Vilaça, 1995, p.270). No conjunto, os recipientes são predominantemente de “tipo 2”³⁴, com pastas predominantemente compactas, e superfícies alisadas na maior parte dos casos, seguido do brunimento³⁵. Existem também, embora em clara minoria, superfícies cepilladas. Encontramo-nos, aparentemente, perante um mundo tecnológico em tudo similar ao nosso – as pequenas variações estatísticas não são, a nosso ver, significativas, sendo que no seu todo, as variáveis analíticas aplicadas oferecem os mesmos resultados globais. A norma estabelece, para nós, o comportamento instituído, e as Beiras perfilham indubitavelmente o mesmo fundo tecnológico.

Quando nos concentramos na decoração, damo-nos conta de estar perante um mundo totalmente diverso do nosso.

Em primeiro lugar, a técnica decorativa por incisão pós-cozedura é absolutamente residual neste universo, representada apenas no povoado dos Alegrios, por 13 fragmentos com superfícies brunidas. Entre os sete motivos incisos pós-cozedura, apenas quatro deles não encontram paralelos com os nossos povoados da Beira Alta – o primeiro é composto por uma linha horizontal, sobre a qual repousa uma banda quebrada simples, e sob ele desenvolve-se uma sequência

³⁴ Enquanto a divisão por nós adoptada dos tipos de recipiente é feita sobretudo com base na sua eventual função (consumo, cozinha, armazenagem) aliada às suas características de fabrico (espessura das paredes, quantidade e calibre de inclusões mineralógicas, etc), Raquel Vilaça atribui uma divisão puramente descritiva aos seus recipientes, contemplando três grupos de fabrico – fino, mediano e grosseiro. Assim, optámos por considerar os fabricos mediano e grosseiro *como equivalentes ao nosso genérico “grupo 2”, para melhor estabelecer paralelos, sendo que “foi, de facto, reconhecido um tipo de fabrico mediano, maioritário em todos os povoados, com excepção dos Alegrios (...) mas próximo dos fabricos grosseiros (...)”* (Vilaça, 1995, p. 270).

³⁵ Também aqui optámos, à semelhança do que fizemos para Canedotes, por considerar as superfícies polidas também brunidas.

de losangos preenchidos com linhas oblíquas paralelas. O segundo desenvolve-se na mesma lógica, a partir de uma linha horizontal; sobre ela encontra-se uma sequência de triângulos preenchidos por linhas oblíquas paralelas, e sob ela outra sequência de triângulos preenchidos por outros triângulos mais pequenos.

Encontramos ainda um motivo composto por uma banda preenchida por traços verticais paralelos sobre duas sequências de círculos concêntricos. *“Algumas composições (...) revelam uma concepção estilística totalmente nova no mundo beirão desta época, reabilitando motivos antigos a que normalmente se atribui uma forte carga simbólica (“Sol”) (...)”* (Vilaça, 1995) ; tal como encontramos em São Romão dois motivos solares, que constituem verdadeiros desvios da “norma estilística”, a sua presença constitui uma possível assunção de uma nova estética “circular”, que desponta também aqui, na Beira Interior, e que se concretiza plenamente na Idade do Ferro, de forma generalizada.

Encontramos um motivo composto por duas linhas quebradas simples horizontais, entre as quais se desenvolve uma outra vertical. Os motivos 5 6 e 7 definidos por Vilaça correspondem, respectivamente, a uma sequência de triângulos fechados preenchidos com um eixo central do qual divergem linhas paralelas (que encontramos em São Romão), a uma matriz de triângulos (ou triângulos aforntados em quatro fiadas) preenchidos com linhas verticais e oblíquas paralelas (que encontramos em São Romão, e na versão de “duas fiadas” em Canedotes), e a uma sequência de triângulos preenchida com retícula (que também encontramos em São Romão, e no Castro da Nossa Senhora da Guia, Baiões). Encontramos ainda nos Alegrios um motivo inciso pós-cozedura bastante típico do Castro da Nossa Senhora da Guia, composto por duas linhas quebradas simples separadas por uma linha horizontal.

Encontramos, portanto, tanto representações de motivos que consubstanciam uma conjugação local e original dos motivos elementares comuns do mundo “Baiões”³⁶, como uma repetição de outros bastante comuns e

³⁶ Fazendo, naturalmente, a ressalva para a possível falência desta interpretação. A identificação de lugares do Bronze Final beirão não está fechada, nem tão pouco teremos alguma vez acesso à totalidade dos recipientes decorados produzidos no Bronze Final...

disseminados pela Beira Alta. É curioso, e sem pretensões de interpretar o sentido da difusão e instalação da técnica por incisão pós-cozedura no caso da Beira Alta, parece-nos pacífico concluir que, neste caso, o sentido da difusão é precisamente da Beira Alta para a Beira Interior.

Quanto à decoração incisa, encontramos nela os padrões mais simples – como as sequências de pequenos traços paralelos, verticais ou oblíquos, as linhas quebradas, isoladas ou agrupadas, os motivos em espiga, e ainda as sequências de triângulos preenchidos com linhas oblíquas verticais; motivos que relacionamentos sem quaisquer problemas com o que se passa na Beira Alta.

A maior variabilidade estilística encontramos-na na decoração brunida, que constitui a técnica decorativa mais expressiva desta região. Mais uma vez, encontramos, em proporção minoritária, motivos concomitantes com os da Beira Alta - sequências de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, matrizes de triângulos (afrentados, em duas fiadas) preenchidos por linhas oblíquas paralelas. Os restantes dezasseis motivos isolados por Raquel Vilaça são, de facto, muito diferentes desta lógica decorativa, sendo compostos pela conjugação de faixas e traços finos (ornatos brunidos clássicos), pelo entrecuzar de feixes de linhas, por retículas - padrões com que podemos pacificamente estabelecer paralelos com mundos meridionais, nomeadamente com o Bronze Final do sudoeste. É de sublinhar que os ornatos brunidos surgem sistematicamente nos povoados do Bronze Final da Beira Interior. De facto, na Beira Alta, o único povoado onde surgem ornatos brunidos semelhantes aos de áreas mais meridionais é Canedotes, que, conjuntamente com Beijós e o Cabeço do Crasto de São Romão, apresenta um período de ocupação bastante mais longo que os restantes. Podemos com isto afirmar que a modalidade de “ornatos brunidos clássicos” surgem nas Beiras talvez em momentos mais tardios, sendo precedidos por aquilo que Raquel Vilaça e Alexandre Canha denominam “sulcos brunidos”. A corroboração desta afirmação passará necessariamente por uma análise estratigráfica mais fina dos povoados da Beira Interior, que não tivemos oportunidade de levar a cabo; deixamos, no entanto, a hipótese de trabalho.

À semelhança do que se passa com povoados do Bronze Final do Sudoeste em actual território português, a cerâmica dotada de decoração brunida nos povoados da Beira Interior distanciam-se significativamente do paradigma andaluz, nomeadamente na localização da decoração (sobretudo nas paredes externas) mas sobretudo na profusão de motivos. Da mesma forma que encontramos, na Beira Interior, motivos brunidos semelhantes aos motivos mais comuns da Beira Alta, por norma incisos pós cozedura, encontramos outros com paralelos imediatos nas margens do Guadiana (como por exemplo o motivo 15 classificado por Raquel Vilaça – triângulos “concêntricos” em faixas largas “raizados” com traços mais finos, semelhante, por exemplo, o fragmento 98 de Santa Margarida (Soares, 2005, p.119, Fig.8). Arriscamos afirmar que as semelhanças deste grupo decorativo pendem de forma mais consistente para estes mundos.

“(...) as fronteiras do dois mundos com decoração brunida – o do baixo Tejo e o Andaluz – estão hoje mais esbatidas, o que não significa uma perda de personalidade da parte de cada um deles” (Vilaça, 1995).

Também na Estremadura o Bronze Final goza de informação muito lacunar, sobretudo quando comparada da que existe para o Calcolítico. Para este facto, avançaram-se algumas pretendidas explicações, nomeadamente a permanência de uma “cultura com cerâmica campaniforme”, difícil de balizar e diferenciar das fases precedentes e subsequentes, enquanto no sul a cultura do “Sudoeste” se encontra bem marcada do ponto de vista da cultura material; ou a possibilidade de uma redução demográfica acompanhada de um despovoamento generalizado (Kunst, 1995, p. 124). Mantém-se, e é, do nosso ponto de vista, mais plausível, a hipótese da visibilidade arqueológica – sendo a Estremadura uma região densamente ocupada contemporaneamente, a rede de povoamento da Idade do Bronze pode estar camuflada.

Analisar a cerâmica decorada do Bronze Final da Estremadura resulta na observação de dois mundos significativamente diferentes, cronológica e materialmente.

Olhando para os materiais da Tapada da Ajuda (Lisboa), datados em torno do séc. XIII a.C. (resultados cronométricos que permitiram a sua atribuição a uma fase

precoce do Bronze Final estremanho) (Cardoso, 2004, p.233), o conjunto de fragmentos decorados apresenta-se bastante pobre. Nesta linha concorre também o povoado do Cabeço do Mouro (Cascais), onde foi recolhido apenas um fragmento de bordo denteado (Cardoso, 2006, p.21).

Os “bordos denteados” são bastante vulgares, ungulados ou digitados³⁷. Encontramos também um fragmento pontilhado, com um pontilhado muito espaçado logo abaixo da linha de colo. Os restantes fragmentos decorados são de muito pequenas dimensões, pelo que resulta difícil a apreciação dos motivos que os caracterizariam; porém, aparentam ser motivos muito simples, baseados em linhas incisadas paralelas, por vezes agrupadas perpendicularmente com outros conjuntos de linhas. A decoração brunida encontra-se totalmente ausente do conjunto da Tapada da Ajuda. Segundo J. L. Cardoso, ela vai tornar-se característica da 2ª fase do Bronze Final Estremanho (entre os séculos X e IX a.C.), de que são exemplo as estações da Lapa do Fumo e de Alpiarça. Esta terá sido, então, uma técnica decorativa tardia no contexto do Bronze Final estremanho.

De facto, na Lapa do Fumo vão surgir fragmentos cerâmicos dotados de “aplicação de uma ponta romba sobre as superfícies externas dos recipientes, depois de secas (talvez pré cozedura, como certas cerâmicas do Norte de Portugal) (...) produzindo pequenos sulcos com brilho mais acentuado e de coloração mais escura(...)” (Serrão, 1958, *apud* Cardoso, 1995, p.88). Também em Alpiarça, no Cabeço da Bruxa, se encontraram recipientes dotados de decoração brunida, nomeadamente uma urna com duas fiadas de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas entre a linha de bordo e colo, e a linha de colo e de carena.

O Bronze Final do Sudoeste representa , no nosso âmbito de estudo, a região peninsular a quem tem tradicionalmente vindo a ser atribuído o título de berço

³⁷ A observação das estampas do artigo em questão (nomeadamente a fig. 49, p.270) levam-nos a crer que alguns destes bordos, classificados como ungulados, poderão na realidade ser puncionados. O nosso argumento prende-se com a curvatura, de maior ou menor grau, que encontramos sempre nas impressões unguladas. Já o puncionamento resulta num sulco profundo e rectilíneo, bastante diferente daquele produzido à unha. No entanto, e como pudémos constatar no estudo dos nossos materiais, por vezes o estado de conservação dos materiais provocam grandes dúvidas quanto à técnica empregue.

peninsular da decoração brunida, cuja origem e progresso geográfico faz parte das nossas preocupações.

Recentemente foi identificada, no sul de Portugal, uma miríade de novos sítios de habitat atribuídos ao Bronze Final que muito têm contribuído para clarificar algumas questões relativas à olaria decorada. A maior parte dos sítios inventariados por Monge Soares, em 2005, são atribuídos ao Bronze Final pela presença da decoração brunida, e, conseqüentemente, a uma fase tardia do Bronze Final, como, aliás, sucede na Estremadura. Alguns povoados identificados, como Santa Margarida, e ainda que alvo apenas de recolhas de superfície, proporcionaram várias dezenas de fragmentos cerâmicos dotados de decoração brunida, sobretudo nas paredes externas dos recipientes, sendo que, aparentemente, a decoração brunida é a única técnica decorativa representada.

O rio Guadiana parece funcionar como um eixo divisor significativo dentro da “área cultural” do sudoeste, sobretudo no que à decoração diz respeito. As cerâmicas dotadas de decoração brunida parecem formar um conjunto de materiais que representam o limite máximo, do ponto de vista tecnológico, das produções indígenas do Bronze Final (López-Roa, 1978). Enquanto nas regiões de Huelva e Baixo Guadalquivir encontramos a decoração brunida “clássica”, desenvolvendo-se na sua quase totalidade na face interna dos recipientes abertos, nos povoados da margem esquerda portuguesa do Guadiana convivem recipientes decorados interna e externamente (Soares, 2005, p.130). A identificação de novos povoados onde antes existia apenas um vazio arqueológico promove o rastreio das paulatinas transformações nos hábitos decorativos à medida que nos vamos afastando do centro nevrálgico andaluz. Se, por um lado, encontramos motivos brunidos “clássicos”, compostos pela combinação de faixas largas com linhas e pela profusão de retículas (motivo-base da decoração brunida do sudoeste – *retícula brunida*), “*os ornatos brunidos portugueses são mais ricos do que os das estações andaluzas, quanto à quantidade de elementos decorativos empregados e suas combinações*” (Serrão, 1970, *apud* Soares, 2005, p.130). Os motivos do sudoeste português, são, de facto, ricos e variados, apresentado inúmeras combinações de motivos elementares, como as faixas, as retículas, as linhas quebradas, os padrões triangulares ou losangulares preenchidos ou simples.

À medida que nos vamos aproximando da Andaluzia, a quantidade de recipientes dotados de decoração brunida vai aumentado significativamente; no entanto, em nenhum caso encontramos reproduções exactas de outras áreas regionais, mas interpretações locais³⁸.

Por outro lado, vem-se instalando a ideia de que, no actual território português (Algarve a Alentejo), a presença significativa de fragmentos decorados dotados de ornatos brunidos significa estarmos perante um momento ocupacional tardio no âmbito do Bronze Final (como, aliás, o corroboram os dados estremenhos supra citados). Podemos, assim, interpretar a presença deste tipo decorativo; porém, parece-nos menos evidente a atribuição de significância à sua ausência. Dados recentes, como os do Casarão da Mesquita 3 (sistema de silos escavados no âmbito dos trabalhos do Alqueva), dão conta de um sistema de armazenagem / necrópole, que seria subsidiário de um povoado, de onde os ornatos brunidos se encontram absolutamente ausentes. Trata-se, num entanto, de um contexto arqueológico específico, pelo que nos parece prudente não interpretar a ausência. O sítio encontra-se datado, para o Bronze Final, entre 860 – 400 cal BC. (a dois sigma) (Santos, 2008, p. 81), apontando para um momento recente do período.

O que se vislumbra para o sul parece ser, para além da presença tardia de ornatos brunidos, a presença diferencial, em momentos tardios do Bronze Final, da técnica decorativa, consoante o contexto em questão.

Povoados andaluzes como o da Peñalosa, balizados cronologicamente entre os séculos XI e VIII a.C. (Carmen & Jurado, 2000, p. 85), incorporam-se plenamente no Bronze Final andaluz, sendo que o motivo decorativo predominante é a clássica “retícula bruñida”, organizada em quadrantes, preferencialmente na face interna de recipientes abertos. Este tipo de achados permite perspectivar uma lógica cronológica dentro do Bronze Final andaluz, sendo que esta modalidade decorativa parece representar os momentos mais precoces do Bronze Final. A técnica decorativa brunida, no centro nevrálgico andaluz, parece existir em contextos

³⁸ Acrescentamos, ainda que a título de curiosidade, que a técnica de incisão pós cozedura também surge na Andaluzia, ainda que de forma muito residual (por exemplo Huelva ou Carambolo) (Senna-Martinez, 1989)

indígenas prévios à instalação fenícia, balizada entre os séculos IX – VIII a.C. (Castro-Martínez, et all, 1996, p. 201). O comportamento decorativo vir-se-á progressivamente a complexificar, ampliando a variabilidade decorativa. Perante estes dados, ocorre-nos conjecturar poderemos efectivamente estar perante uma lógica evolutiva da decoração brunida no sentido da sua complexificação, tendo penetrado o sul actualmente português num momento já relativamente evolucionado, como os novos dados o levam a crer.

O caso das Beiras, no que à decoração brunida diz respeito (nomeadamente a Beira Interior) transforma-se, perante estes dados, numa perplexidade. A recalibração das datas obtidas para os povoados da Beira Interior, nomeadamente a Moreirinha e Monte do Frade, apontam para uma ocupação cuja origem se vislumbra em finais do séc. XIII a.C. A decoração brunida surge, na Beira Interior, tanto na modalidade de “faixas” (concomitantes com os motivos andaluzes) como na modalidade de “sulcos”, que, a nosso ver, e como já aflorámos, constituem ensaios locais de uma tecnologia exógena. Já para Beira Alta, a partir das datas recalibradas, obtemos resultados concomitantes com este – finais do séc. XIII. Não conhecermos, na Beira Alta motivos em “ornatos brunidos” clássicos, (à excepção do povoado de Canedotes) isto é, conjugando faixas e linhas, mas apenas a reprodução de motivos locais na sua “versão brunida” (em sulcos simples), e de forma vestigial, adiciona um interessante dado a este raciocínio. Comprova, a nosso ver, o papel activo e primordial das comunidades indígenas na absorção do que lhes é exterior, bem como as diferenças gritantes na intensidade de contactos estabelecidos entre as várias áreas culturais peninsulares, tão bem visíveis entre duas zonas vizinhas. A presença inequívoca de decoração brunida quer na Beira Alta quer na Beira Interior, em momentos cronológicos idênticos, parece apontar para uma presença bastante precoce da técnica decorativa, e possivelmente anterior à sua eclosão em regiões meridionais, nomeadamente na Andaluzia. Já Schubart havia afirmado que, previamente à eclosão dos “ornatos brunidos” em plena maturação tecnológica, em torno do séc. IX a.C., poderá ter sido precedida de um momento de “ensaio”, consubstanciada em decorações insipientes e com pouca visibilidade nestes contextos.

O efectivo rastreio da propagação dos ornatos brunidos terá, então, que ser cuidadosamente revisto, e descentrada do círculo andaluz. cremos, no entanto, ser necessário um acervo satisfatório de datações radiocarbónicas para povoados do Bronze Final peninsulares que permitam tirar conclusões bem fundamentadas.

Em conclusão, queremos com isto afirmar que parece haver uma *décalage* cronológica significativa entre a presença de decoração brunida nas beiras e na Andaluzia, o que parece contradizer aquilo que tem vindo a ser afirmado – uma possível origem oriental (sarda) (Fabião 1992, p. 80) que penetra a Península Ibérica e que se propaga no sentido Sul - Norte. Os dados levam-nos, pelo menos, a matizar esta lógica, e a equacionar a possibilidade de géneses múltiplas, de cariz local. A existência, ainda que vestigial, de fragmentos brunidos em momentos cronologicamente recuados, nomeadamente no Calcolítico, e também durante a Idade do Bronze, concorrem para esta afirmação.

7 CONCLUSÕES

Marvin: "I am at a rough estimate thirty billion times more intelligent than you. Let me give you an example. Think of a number, any number."

Zem: "Er, five."

Marvin: "Wrong. You see?"

(DOUGLAS ADAMS, *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*)

O estudo dos padrões decorativos e das respectivas técnicas aplicadas à cerâmica permitiu, mais do que produzir dados conclusivos abrir um leque de questões renovadas para a compreensão do ambiente social do Bronze Final.

A primeira e mais directa conclusão que podemos tecer, face aos dados apresentados e comentados ao longo do trabalho, prende-se com a aparente individualidade decorativa que caracteriza cada um dos povoados. A utilização de um conjunto de elementos decorativos básicos é, efectivamente, uma realidade, com desvios de cariz excepcional, e é de facto na organização destes elementos que reside a originalidade intrínseca de cada povoado. Afirmamo-lo com segurança, sobretudo quando podemos constatar a repetição sistemática de motivos específicos em povoados específicos, para o que São Romão e Canedotes concorrem como exemplos paradigmáticos. A título exemplificativo, invocamos o exemplo do "motivo solar", extremamente raro neste contexto, que surge em dois fragmentos do Cabeço do Crasto de São Romão, e num recipiente do Buraco da Moura de São Romão, abrigo subsidiário do povoado. Corporiza, aparentemente, um motivo que, apesar da sua raridade, se associa aos habitantes do Bronze Final de São Romão .

Podemos também concluir que o maior desvio à norma se verifica nos materiais de Canedotes, encontrando-se Canedotes já numa zona periférica da nossa área de estudo, e estando certamente sujeito a um influxo de contactos de natureza distinta. A justificação deste argumento, de acordo com a nossa problemática,

prende-se com a presença expressiva de decoração brunida no povoado, o que funciona em contra-ciclo com o que se passa no resto da Beira Alta, sobretudo na modalidade de “ornatos brunidos”, bem como da presença também expressiva de motivos, como os “escalariformes”, que não perfilham a mesma lógica decorativa do resto dos povoados.

Os motivos elementares aqui considerados para a Beira Alta não são, na sua totalidade, formulações gráficas novas; cremos, como fomos afirmando ao longo do trabalho, na existência de uma concepção estilística de cariz geometrizante e rectilíneo, que privilegia as formas triangulares, que se instala e prolifera num território muito alargado por alturas do Calcolítico, e que vai conviver, no espaço peninsular, com outras tendências estilísticas. No caso da Beira Alta, cristaliza de uma forma peculiar, mas sem, no entanto “inventar” nada de novo. As soluções decorativas complexas dentro de modelos relativamente espartilhados é o que conferem ao mundo decorativo regional da Beira Alta um ar de família. De facto, observar estes fenómenos à micro escala permite-nos compreender melhor a convivência de povoados que partilham o território e os recursos, e como tal estarão certamente ligados “política” e culturalmente, mas dotados de personalidades próprias, cuja manifestação na decoração cerâmica constituirá certamente apenas um remoto exemplo. Este prisma de análise leva-nos a compreender melhor, apesar de estarmos cientes do anacronismo que nos preparamos para cometer, a ideia de uma “Lusitânia Interior” compósita, polvilhada por uma amálgama de povos diferenciados, tal como descritos nas fontes literárias latinas, unificados artificialmente.

Como já aflorámos noutro momento, o estudo desta problemática resulta também em mais um argumento para a ideia do conservadorismo associado à cultura material da Beira Alta; não só pela manutenção de motivos, ainda que reinventados, mas sobretudo, e tendo em conta os dados fornecidos pela Nossa Senhora da Guia de Baiões, pela sua permanência, sem quaisquer alitrações observáveis, em momentos tardios do Bronze Final, quando os contactos com a frente orientalizante seriam já certamente mais estreitos, nomeadamente pela instalação da feitoria fenícia de Santa Olaia na fachada litoral da região beirã. Não só observamos a manutenção de motivos familiares com os outros povoados de

cronologia mais recuada, mas, sobretudo, encontramos uma maior monotonia estilística, encontrando menos “originalidade” nos modelos decorativos.

Parece-nos também importante observar os dados da Nossa Senhora de Guia como o conjunto representativo de uma fase final, de plena maturidade, do mundo Baiões / Santa Luzia. De facto, a origem do povoado dista cronologicamente dos restantes, de forma significativa, sem que se alterem significativamente os padrões decorativos, como já foi referido. Comparativamente com os dados de São Romão, e a título exemplificativo, uma vez que ambos os sítios reúnem um conjunto quantitativamente significativo de padrões variados, os motivos de Baiões aparentam uma maior monotonia; os motivos elementares que compõem os padrões parecem regularizar, ocorrendo a variabilidade dentro de uma norma mais apertada; enquanto os motivos dos outros povoados parecem insinuar uma maior margem de originalidade, de experimentação.

Outra conclusão que nos parece incontornável é a assunção do papel activo das comunidades indígenas na adopção de padrões e técnicas decorativas. À excepção dos fragmentos tipicamente mesetanhos, com decoração em ambas as faces ou preenchidos a pastas brancas, que facilmente poderiam provir directamente da Meseta Norte, o universo decorativo cerâmico goza de uma personalidade bem vincada, reinterpreta sistematicamente as expressões estilísticas. Exemplo disso é, por exemplo, a produção, na Beira Interior, de motivos decorativos próprios com recurso à técnica por incisão pós cozedura. Temos, por outro lado, a reprodução, na Beira Alta, de motivos tradicionais com recurso à técnica brunida, ou a presença sistemática, no Norte português, de sequências de triângulos pendentes no fundo dos recipientes, enquanto na Beira Alta a decoração se implanta, na esmagadora maioria, na região compreendida entre o bordo e o colo dos recipientes. Sem querer perfilhar correntes ideológicas que interpretam os variados papéis dos agentes locais e colonizadores, os dados desvelam um comportamento activo nas comunidades receptoras de influência estética.

Evitámos conscientemente abordar a discussão etnográfica em torno das possíveis formas de transmissão de esquemas estilísticos / morfológicos da cerâmica entre regiões e entre povoados, mas não queremos terminar sem, pelo menos, referir esta questão. A tendência geral dos autores que se preocupam com esta

matéria pende para a ideia de que a olaria seria uma actividade reservada às mulheres, com base em argumentos de natureza etnográfica, nomeadamente para regiões minhotas, geograficamente próximas da nossa, ou mesmo estabelecendo paralelos com comunidades com hábitos de fabrico arcaizantes na América do Sul ou em África (García-Alen, 1981, p.60). O autor acredita que nos centros produtores de cerâmica cuja tecnologia pode ser considerada arcaica, a actividade costuma estar reservada às mulheres, o que pode indiciar o prolongamento no tempo de um hábito ancestral. Esta ideia levar-nos-ia a imaginar, como aliás já foi proposto por Senna-Martinez, um complexo social cujas relações “políticas” e/ou matrimoniais seriam certamente determinantes na manutenção da ordem, e onde as mulheres levariam consigo um conjunto de paradigmas estéticos com a assinatura da sua origem. Esta discussão leva-nos também para outro âmbito, ainda mais frágil, que é o do significado dos motivos em si. Relativamente a esta matéria, não avançamos quaisquer interpretações, mas apenas linhas de trabalho, sendo que tratamos de um tema para o qual possivelmente poderemos nunca vir a obter respostas. Acreditamos na existência de duas ordens de ideias, igualmente pertinentes, e que não resultam estranhas naquilo que temos vindo a definir. O facto de aparentemente os esquemas decorativos não apresentarem relações directas com formas específicas, leva-nos a crer que possivelmente eles não ilustram a funcionalidade específica do recipiente. Isto não invalida que um determinado motivo esteja relacionado com uma actividade concreta, para a qual se reúna um conjunto alargado de formas tipológicas; pensamos concretamente em actividades de cariz ‘mágico-religioso’ ou cerimonial³⁹. Por outro lado, os motivos poderão cumprir funções de natureza emblémica, associando os objectos a uma determinada família ou grupo familiar alargado. A multiplicidade de soluções de preenchimento das sequências de triângulos seria um argumento neste sentido. Por último, as variadas associações de motivos elementares pode não significar nada em si, mas

³⁹ A decoração brunida da Beira Alta caracteriza-se por sulcos extremamente ténues e pouco visíveis, de que muitas vezes só nos apercebemos com um determinado ângulo de exposição à luz. Outra interpretação para isto pode passar pela utilização destes recipientes em ambientes protegidos, expostos a condições de luz muito específicas.

apenas a reprodução livre daquilo que são os esquemas estéticos instituídos. Os bordos denteados existem, neste período, em praticamente todo o espaço peninsular, tradicionalmente associados a recipientes de fabrico menos cuidado, o que leva a crer constituir apenas um hábito inconsciente de fabrico. A instalação antiga e prolongada no tempo e no espaço de motivos triangulares poderá ainda suscitar um conjunto de perguntas mais profundas, que não enquadramos naquilo a que nos propusemos pensar. Não queremos também deixar de referir que estamos cientes do perigo que corremos ao estabelecer analogias e comparações unicamente com base em motivos decorativos, podendo estar a estabelecer nexos e relações que não têm necessariamente de existir.

De acordo com as cronologias que apresentámos ao longo do trabalho, pensamos estar em condições de avançar, como hipótese de trabalho, a possibilidade da precedência da decoração brunida em paragens beirãs relativamente às meridionais. A decoração brunida surge, na Beira Alta, na modalidade proposta por Raquel Vilaça de “sulcos brunidos”, a nosso ver, representações primitivas daquilo que virão a ser os ornatos brunidos clássicos. Parece-nos plausível a convivência da modalidade de sulcos com a modalidade de faixas, a contrário do que se passa na Beira Alta.

Para terminar, gostaríamos de reforçar o desejo de ver, um dia, o protocolo arqueológico normalizado; cremos que a clarificação de conceitos, a harmonização das terminologias adoptadas para os diversos períodos cronológicos, bem como dos procedimentos de gabinete e das variáveis contempladas na análise das materialidades, são essenciais para o salutar exercício de construção de conhecimento concertada. Concretamente para o Bronze Final peninsular, julgamos ser incontornável a revisão de cronologias para a melhor compreensão das complexas dinâmicas sociais de uma península sempre em movimento.

8 BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J. M. (1995) – Coroa do Frade: Uma Fortificação do Bronze Final nos Arredores de Évora. In *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p.43-45.

BETTENCOURT, A. M. S. (1995) – Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p.110-115.

BETTENCOURT, A. M. S. (1998) – O Conceito de Bronze Atlântico da Península Ibérica. In *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 18-39.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000) – *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 9. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

BETTENCOURT, A. M. S. (2001) – *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 15. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

BETTENCOURT, A. (2009) – A Pré História do Minho – do Neolítico à Idade do Bronze. *Minho – Traços de Identidade*, p. 70-118. Braga : Universidade do Minho.

BOYD, R.; McELREATH, R.; RICHERSON, P. (2003) – Shared Norms and the Evolution of Ethnic Markers. *Current Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press. 44 – 1, p.122-129.

CALADO, J.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R. (1999) – Povoamento Proto-Histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães*, vol. I. Guimarães : Casa de Sarmiento, p. 363-386.

CANHA, A. J. (2002) – *Canedotes : Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

CANHA, A. (2005) – Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu) : Uma aproximação à ocupação do povoado. In *Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Vila Nova de Foz-Côa: Serviços Culturais da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Côavisão.

CARDOSO, J. L. (1995a) – O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p.48-49.

CARDOSO, J. L. (1995b) – As Cêramicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo. In *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p.88-89.

CARDOSO, J. L.; SILVA, I. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa) : estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, p.227-271.

CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais) : resultado das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, p.21-46.

CASTRO-MARTÍNEZ, P.V; LULL, V.; MICÓ, R. (1996) – *Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c.2800-900cal ANE)*. Oxford : Tempvs Reparatvm, British Archaeological Reports.

COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard.

DINIZ, M. (2003) – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da Neolitização do Interior Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

EARLE, T. (2002) – *Bronze Age Economics – The Beginning of Political Economies*. Colorado: Westview Press.

FABIÃO, C. (1992) – O Passado Proto-histórico e Romano : o Bronze Final. *História de Portugal I* (org. José Mattoso). Lisboa : Círculo de Leitores, p. 76-119.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1989 [1991]) – A IV Campanha de escavações no Cabeço do Crasto de São Romão (Seia): alguns resultados preliminares. In *Portugalia*, vol. IX-X, p. 73-79.

FERNANDEZ-POSSE, M. D. (1982) – Consideraciones sobre la técnica de boquique. *Trabajos de prehistoria*, nº39. Madrid: Instituto de Historia, CSIC, p. 137-159.

FIGUEIREIDO, E., et al (2010) – Identification of ancient gilding technology and Late Bronze Age metallurgy by EDXRF, Mirco-EDXRF, SEM-EDS and metallographic techniques. *Journal of Archaeological Science* XXX, p.1-12.

GARCÍA, J.F. (1994) – El castro protohistórico de la Cuesta del Mercado (Coca, Segovia). In *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 21. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, p. 35-80.

HODDER, I.; HUTSON, S. (2003) – *Reading the Past – current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge : University Press.

JIMENEZ-MARTINEZ, A. (1984) – *Los Tolmos de Caracena (Soria) (campañas de 1977, 1978, 1979): nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en la zona del Alto Duero*. Excavaciones Arqueológicas en España, Dirección General de Bellas Artes y Archivos.

JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental) : bases para o conhecimento do IIIº e princípios do IIº milénio a.C. no Norte de Portugal*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

JORGE, S. O. (1988) – O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal. *Monografias Arqueológicas*, vol. 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos.

JORGE, S.O. (1995) – Castelo Velho no Contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal – discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 37-39.

LOPES, A. (1993) – *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

LUCIANO, V. (2007) – *Um novo contributo para o grupo cultural Baiões / Santa Luzia : o sítio arqueológico de Cavada (Tondela, Viseu)*. Trabalho de seminário para conclusão de licenciatura apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

ORTON, C. (2000) – *Sampling in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

PEDRO, I. (1995) – *O povoamento proto-histórico da região de Viseu*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

PEREZ-RODRÍGUEZ, F. J.; FERNÁNDEZ-GIMÉNEZ, J. M. (1993) – Sobre la cocción de cerámica durante la Edad del Bronce. El yacimiento de “La Venta” (Alar del Rey, Palencia). *Nvmantia – Arqueológica en Castilla y León*, nº 4, p. 41-60.

REPREZAS, J. (2007) - *A Orca do Valongo (Carregal do Sal) no contexto do Megalitismo regional – o conjunto cerâmico do sector C (átrio)*. Relatório de seminário para conclusão de licenciatura apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

RIBEIRO (1940) – Alfredo Martins, o esforço do homem na bacia do Mondego. Ensaio Geográfico. In *Biblos*, vol- XVII. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

RIBEIRO, O. (1946) – Território e População. Separata do livro *Portugal*. Secretariado Nacional de Informação.

RIBEIRO, O. (1987) – *Geografia de Portugal vol I. A posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, O. (1995) – Opúsculos Geográficos. In *Estudos Regionais*, vol. VI. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RODRIGUES, M. (2008) – *Cerâmica do Alto da Cavada*. Lisboa : Trabalho de seminário para conclusão de licenciatura apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

SÁEZ, J. A.; et al (2000) – Paleovegetação e impacto humano durante a pré-história recente na região do alto Paiva : palinologia do povoado do Bronze Final de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). In *Estudos Pré-Históricos*. P. 161-185.

SALA, M.M. (1986) – Datos para el estudio del bronce tardío y final en el valle del Guadalentín (Totana, Murcia). In *Anales de Prehistoria y Arqueología* 2. Murcia: Secretariado de Publicaciones – Universidad de Murcia, p. 39-47.

SAMPSON, C. G. (1988) – *Stylistic Boundaries among Mobile Hunter-Foragers*. London: Smithsonian Institution Press.

SANCHES, M. J. (1997) – *Pré História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro – O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*. Porto : Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

SANTOS, F; et alli (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora) : um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº2, p. 55-86. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia.

SANZ, C.; JURADO, J. (2000) – Peñalosa (Escacena del Campo, Huelva). Un poblado de cabañas del Bronce Final. *Huelva Arqueológica* nº 16, p.5-87. Huelva : Diputación Provincial de Huelva, Sección de Arqueología.

SAVORY, H. N. (1951) – A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa. *Revista de Guimarães*. Guimarães, LXI, p.5-86.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) *A Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego : algumas contribuições para um modelo socio-cultural*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993a) – A ocupação do Bronze Pleo da ‘sala 20’ do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, vol.1. Viseu: edições Colibri, p.55-75.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993b) – A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós: uma primeira análise. *Trabalhos da E.A.M.*, vol. 1. Viseu : edições Colibri, p.137-140.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994a) – Entre Atlântico e Mediterrâneo : algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M*, vol. 2. Viseu : edições Colibri, p. 215-232.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b) – O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 1(993). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M*, vol.2 . Viseu : edições Colibri, p. 253-258.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994c) – O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 2(994). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M*, vol. 3. Viseu: edições Colibri, p. 285-292.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995a) – O “Grupo Baiões/Santa Luzia” no quadro do Bronze Final do centro de Portugal. *Por Terras de Viriato*. Viseu : Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p.119-146.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995b) – O Cabeço do Crasto de São Romão (Seia). *Por Terras de Viriato*. Viseu : Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-145

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1999) – The Central Portugal Late Bronze Age : Contribution to a study on regional ethnogenesis. *Estudos do Quaternário*, nº 2. Revista da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário.

SENNA-MARTINEZ (2000a) – Between Myth and Reality: The foundry area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia metallurgy. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M*, vol. 5. Viseu: edições Colibri, p. 9-20.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000b) – O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da orla atlântica : os dados do “Outeiro dos Castelos de Beijós” (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM, vol. 6*. Lisboa : edições Colibri, p. 43-60.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2002) – Aspectos e problemas da investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. *Arqueologia 2000 – Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal. Arqueologia e História 54*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 103-122.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2005) – O outro lado do comércio orientizante : aspectos da produção metalúrgica no pólo indígena, o caso das Beiras portuguesas. *Actas de III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida : Protohistoria del Mediterrâneo Occidental*. Mérida : Instituto de Arqueologia.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M. (1999) – Evolução das Paisagens Culturais na Plataforma do Mondego na Pré História Recente (c.5000-500 cal AC). *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M, vol. 5*. Viseu: edições Colibri, p. 9-20.

SILVA, A. C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, C. T.; SILVA, A. C.; LOPES, A. B. (1984) – *Depósito de Fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S.Pedro do Sul, Viseu)*. Porto : Ministério da Cultura, Delegação Regional do Norte, Centro de Estudos Humanísticos.

SILVA, C. T. (1977) – Cerâmica típica da Beira Alta. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas da AAP, 1º vol*. Lisboa: AAP, p. 185-196..

SILVA, M. M.; SANTOS, P. J. (1988/89) – As cerâmicas tipo Penha do Museu da Sociedade Martins Sarmiento – Guimarães. *Portugalia*, vol. IX-X. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, p. 63-71.

SILVA, M. S. (1999) - *Recipientes cerâmicos do Bronze Final dos povoados de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e de Lavra (Marco de Canaveses)*. Seu

enquadramento regional. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

SOARES, M. (2005) - Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana : novo dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.8, nº1. Lisboa : Instituto Português de Arqueologia, p.111-145.

VALERA, A. C. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres) Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VALERA, A. C. (2006) – *Calcolítico e transição para a Idade do Bronze na bacia do Alto Mondengo : Estruturação e Dinâmica de uma rede local de povoamento*. Dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

VAZ, J. L. (1993) – *A civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).

VAZ, J. L. I. (2009) – *Lusitanos – no tempo de Viriato*. Lisboa: Esquilo.

VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 9. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

VILAÇA, R. (2000) – Registos e leituras da Pré História Recente e da Proto História Antiga da Beira Anterior. In *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular IV*. Porto: ADECAP, p. 161-182.

VILAÇA, R. (2008) – Reflexões em torno da “presença mediterrânea” no centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro. *Através das Beiras – Pré e Proto-História*. Coimbra : Palimage, p.105-106.

VIVIEN, S. (1982) – *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux : Societé Spéléologique et Préhistorique de Bordeaux.



UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE LETRAS

Departamento de História

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Orientador : Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez

A Cerâmica Decorada do *Mundo Baiões/Santa Luzia*



VOLUME 2 - ANEXOS

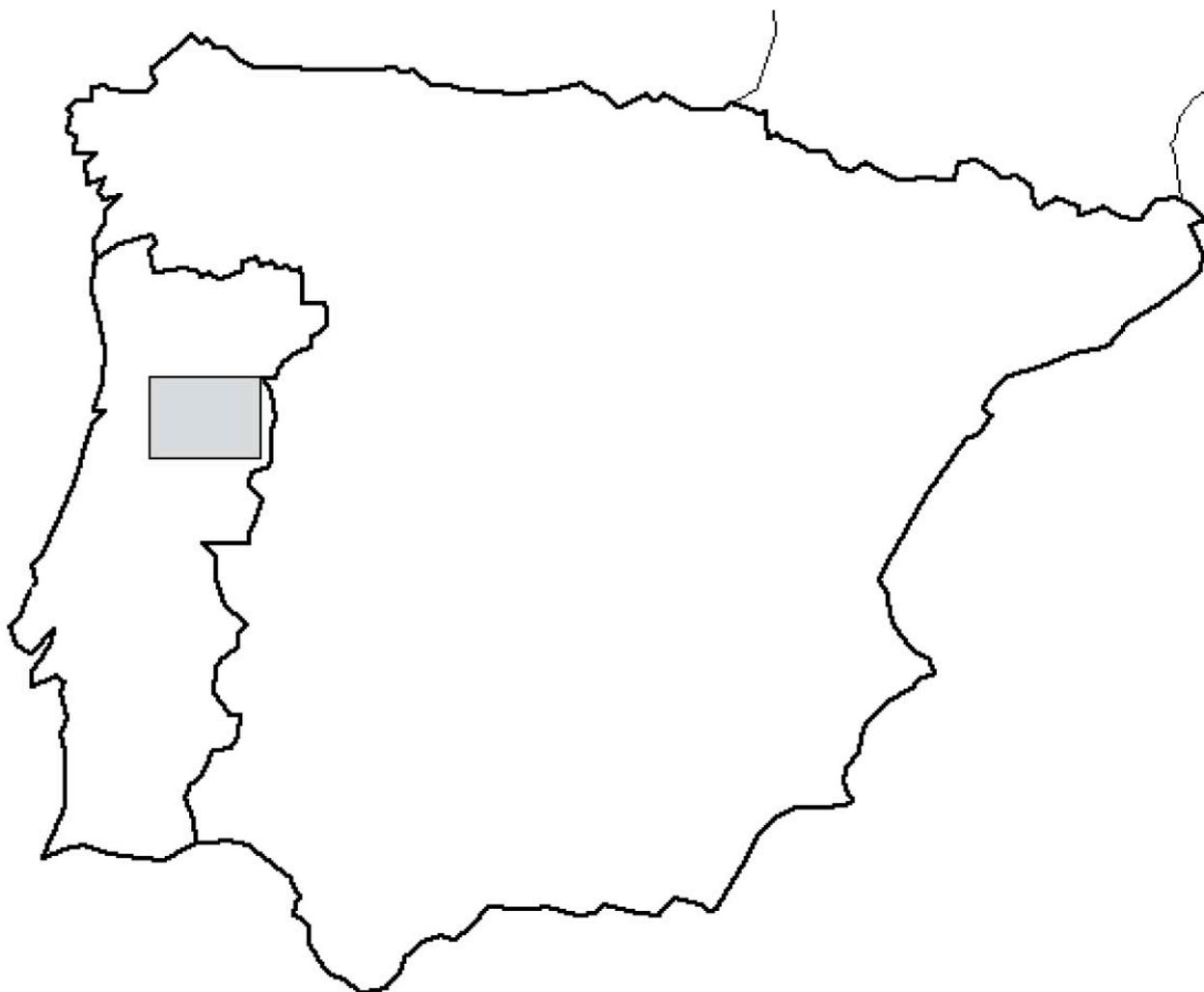
Jessica Levy Reprezas, 31116

Lisboa, Fevereiro de 2010

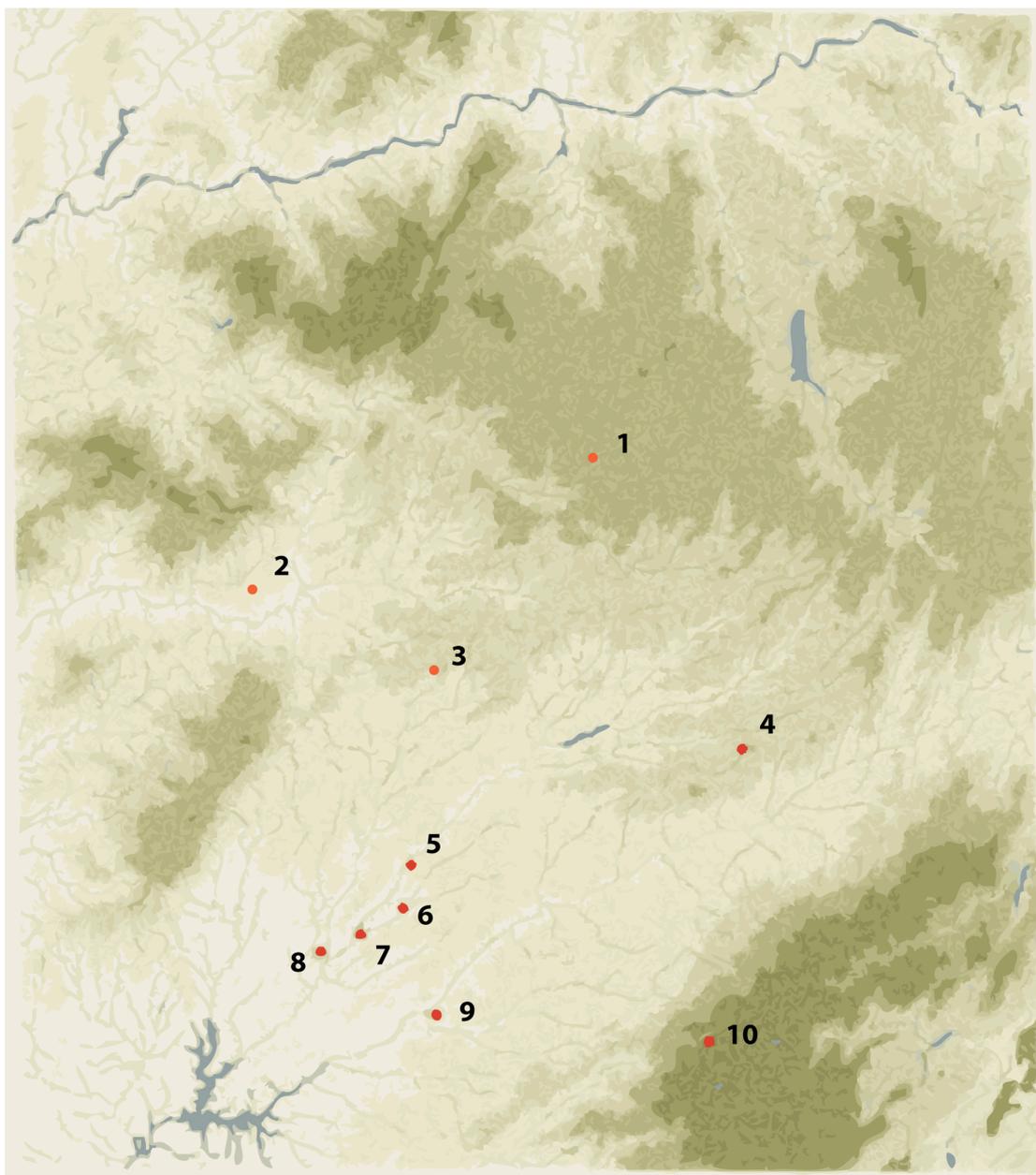
ÍNDICE ANEXOS

Localização da área de estudo no contexto peninsular.....	III
Localização dos sítios do Bronze Final da Beira Alta estudados.....	IV
Chave descritora dos motivos decorativos.....	V
<i>Estatística comparada</i>	
Espessura das paredes dos recipientes.....	XVI
Pastas:	
Consistência.....	XVII
Textura.....	XVIII
Cozedura.....	XIX
Elementos não plásticos.....	XX
Tratamentos de superfície.....	XXII
Bordos:	
Perfil.....	XXIV
Orientação.....	XXVI
Localização da decoração nos recipientes.....	XXVIII
Distribuição das técnicas decorativas.....	XXX
Estado de conservação dos fragmentos estudados.....	XXXII
Estampas.....	XXXIII
Fotografias.....	XLII
Inventário (formato digital)	

CARTOGRAFIA



Localização da área de estudo no contexto peninsular



(feito a partir do mapa oro-hidrográfico da região de Viséu)

LEGENDA :

1. Canedotes
2. Nossa Senhora da Guia
3. Santa Luzia
4. Nossa Senhora do Bom Sucesso
5. Cabeço do Cucão
6. Outeiro dos Castelos de Beijós
7. Malcata
8. Alto da Cavada
9. São Cosme
10. Cabeço do Crasto de São Romão

CHAVE DESCRITORA – motivos decorativos

CABEÇO DO CRASTO DE SÃO ROMÃO

Grupo A – motivos simples

1. linha horizontal simples
2. duas linhas horizontais simples
3. faixa de linhas horizontais simples
4. quadrícula
5. linha pontilhada
6. duas linhas horizontais interrompidas (tracejadas)
7. sequência de linhas oblíquas paralelas
8. sequência de unguiações, formando uma faixa horizontal
9. linha horizontal, da qual partem traços oblíquos paralelos
10. linha horizontal, da qual partem traços verticais paralelos
11. linha quebrada “larga”, ou sequência de triângulos “abertos”
12. duas linhas quebradas simples paralelas
13. sequência de losangos

Grupo B – sequências de triângulos

1. sequência de triângulos simples “fechados”
2. sequência de triângulos “raizados”
3. sequência de triângulos “abertos” preenchidos com linhas verticais paralelas
4. sequência de triângulos “fechados” preenchidos com linhas verticais paralelas
5. sequência de triângulos preenchidos com linhas que convergem para o vértice
6. sequência de triângulos preenchidos com eixos dos quais partem linhas oblíquas paralelas (divergentes)
7. sequência de triângulos preenchidos com agrupamentos de linhas paralelas, perpendiculares entre si

8. (sequência de?) triângulo(s) preenchido(s) com reticula
9. sequência de triângulos simples que se desenvolve entre duas linhas horizontais paralelas

Grupo C – matrizes de triângulos

1. matriz de triângulos preenchidos com eixos dos quais partem linhas oblíquas paralelas (divergentes) (duas fiadas)
2. matriz de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas (4 fiadas)
3. matriz de triângulos “raizados” (2 fiadas)

Grupo D – motivos compostos

1. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, suspensos de uma linha quebrada simples
2. triângulos “raizados” preenchidos com linhas oblíquas paralelas, separados por uma linha pontilhada curva
3. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos
4. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos, associada a linha quebrada simples
5. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos, entremeada com sequência de triângulos preenchidos por linhas verticais paralelas
6. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos, entremeada com uma sequência de triângulos raizados
7. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos, suspensa de uma sequência de triângulos preenchidos por linhas verticais paralelas
8. duas sequências verticais de unguiações (sob duas pegas mamilares)
9. motivo “solar” (raiado interna e externamente) (desenvolve-se em torno de uma pega mamilar)

10. motivo “solar” (raiado externamente) (desenvolve-se em torno de uma pega mamilar) suspenso de uma sequência de triângulos preenchidos com linhas que convergem para o vértice
11. duas bandas horizontais paralelas, preenchidas por uma matriz de pequenos triângulos simples
12. duas bandas verticais paralelas, suspensas de uma linha horizontal simples, preenchidas por uma matriz de pequenos triângulos simples
13. duas linhas horizontais paralelas, das quais se desenvolvem no sentido superior e inferior, respectivamente, traços oblíquos paralelos e uma linha ondulante

Grupo E – as espigas

1. motivo em espiga simples (unido no vértice)
2. motivo em espiga com três fiadas (separadas no vértice)
3. motivo em espiga pontilhado, com três fiadas (separadas no vértice)
4. dois motivos em espiga verticais, que se desenvolvem sobre uma linha horizontal simples

Grupo F – os motivos sobre cordões plásticos

1. sequência de depressões digitadas
2. sequência de traços oblíquos (puncionados)
3. sequência de ungulações

O OUTEIRO DOS CASTELOS DE BEIJÓS

1. linha horizontal simples
2. duas linhas horizontais simples paralelas
3. sequência de motivos cruciformes
4. duas linhas horizontais paralelas, das quais se desenvolvem, no sentido superior e inferior respectivamente, traços oblíquos paralelos e traços verticais paralelos
5. sequência horizontal de traços oblíquos paralelos
6. linha quebrada simples, da qual parte uma linha vertical com um triângulo pendente, preenchido com linhas que convergem para um eixo central

O CASTRO DE SÃO COSME

1. linha horizontal simples
2. linha quebrada simples
3. duas linhas quebradas simples, paralelas entre si
4. (sequência de?) triângulo(s) preenchido(s) com linhas verticais paralelas
5. sequência de triângulos raiados
6. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas

A MALCATA

1. sequência de triângulos raiados
2. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, sob linha quebrada simples
3. triângulo preenchido com linhas verticais paralelas, de cujo vértice parte um motivo em espiga vertical
4. círculos (?) concêntricos

O ALTO DA CAVADA

Grupo A – motivos simples

1. linha horizontal simples
2. duas linhas horizontais simples paralelas
3. linha quebrada simples
4. duas linhas quebradas simples paralelas
5. duas linhas horizontais simples associadas a duas linhas quebradas simples
6. linha horizontal simples, da qual partem traços oblíquos paralelos
7. sequência de traços oblíquos paralelos
8. faixa vertical da qual partem faixas oblíquas

Grupo B – sequências de triângulos

1. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas
2. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas

Grupo C – motivos compostos

1. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, sob linha quebrada simples
2. sequência de triângulos grandes e pequenos entremeados, preenchidos por linhas oblíquas paralelas, sob linha quebrada simples
3. sequência de triângulos raiados sob linha quebrada simples
4. sequência de triângulos preenchidos por linhas oblíquas paralelas, sobre faixa quebrada, formando triângulos, preenchida com traços paralelos
5. linha quebrada, formando triângulos “raizados” nos vértices de baixo, sendo que de um dos vértices parte um eixo com linhas oblíquas paralelas de um dos lados
6. linha horizontal da qual divergem linhas formando formas trapezoidais, preenchidas por linhas oblíquas em sentidos opostos

7. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida com traços paralelos
8. matriz de triângulos “raizados” (os da segunda fiada) sob linha quebrada simples

Grupo D – motivos a pente

1. feixe de linhas ondulantes
2. dois feixes de linhas ondulantes paralelos

O CABEÇO DO CUCÃO DA PEDRA CAVALEIRA

1. linha horizontal da qual partem traços oblíquos paralelos
2. faixa de linhas horizontais simples
3. sequência de traços oblíquos paralelos
4. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas
5. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas
6. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas sob linha quebrada simples
7. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida com traços paralelos

NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO

1. linha quebrada simples
2. sequência de depressões digitais (sobre cordão plástico)
3. sequência de traços oblíquos (sobre cordão plástico)
4. motivo em reticula suspenso de três linhas horizontais simples

CANEDOTES

Grupo A – motivos simples

1. linha horizontal simples, da qual partem traços oblíquos paralelos
2. linha quebrada larga (ou triângulos simples “abertos”)
3. linha quebrada simples
4. duas linhas quebradas simples paralelas, separadas por uma linha horizontal simples
5. sequência de traços perpendiculares entre si, formando vagamente triângulos
6. sequência de traços perpendiculares entre si
7. sequência de traços oblíquos paralelos
8. motivo orgânico (?)
9. quadrícula
10. sequência de depressões ovaladas

Grupo B – sequencias de triângulos

1. sequência de triângulos simples “fechados”
2. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas
3. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas
4. sequência de triângulos preenchidos com linhas que convergem para o vértice
5. sequência de triângulos preenchidos com traços oblíquos paralelos
6. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, que se prolongam nos vértices (vértices “cruzados”)
7. (sequência de?) triângulo(s) preenchido(s) com linhas horizontais paralelas
8. sequência de triângulos raiados

Grupo C – matrizes de triângulos

1. matriz de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas (2 fiadas)
2. matriz(?) de triângulos preenchidos com linhas caóticas entrecruzadas (2 fiadas)
3. matriz de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, com os vértices orientados para cima e para baixo
4. matriz de triângulos preenchidos com linhas que convergem para os vértices, dividida por um alinhamento horizontal simples; sobre linha quebrada simples (2 fiadas)
5. matriz de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, dividida por uma linha horizontal simples; sobre linha horizontal simples (2 fiadas)
6. matriz de triângulos em duas fiadas, sendo que a de cima se encontra preenchida por linhas oblíquas paralelas, e a de baixo “raizada”, dividida por linha horizontal simples

Grupo D – motivos “escalariformes”

1. motivo escalariforme vertical simples
2. motivo escalariforme vertical, dividido ao meio por um eixo vertical
3. duas faixas escalariformes verticais paralelas
4. quatro faixas escalariformes verticais paralelas
5. motivo escalariforme horizontal; as linhas internas da faixa são tracejadas

Grupo E – motivos compostos

1. motivo “saturado”; composto por agrupamentos de linhas oblíquas paralelas, linhas verticais paralelas, e linhas horizontais ondulantes paralelas
2. motivo “saturado”; triângulos (?) preenchidos com linhas horizontais e oblíquas paralelas

3. banda preenchida por linhas oblíquas que divergem de um eixo central, ladeada por uma sequência vertical de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas
4. faixa quebrada, vagamente ondulante, preenchida por traços paralelos, combinada com um motivo em espiga vertical
5. organização caótica de linhas, vagamente formando um triângulo
6. motivo em “olhos raiados” (?) sobre linha horizontal simples
7. dois círculos concêntricos combinados que se prolongam numa faixa
8. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos

O CASTRO DA SENHORA DA GUIA (BAIÕES)

Grupo A – motivos simples

1. linha horizontal simples
2. linha quebrada larga (ou triângulos “abertos”)
3. duas linhas quebradas simples paralelas
4. três linhas quebradas simples paralelas
5. linha quebrada simples sobre linha horizontal simples
6. linha quebrada simples sob linha horizontal simples
7. duas linhas quebradas simples paralelas, separadas por uma linha horizontal simples
8. duas linhas quebradas simples suspensas de duas linhas horizontais simples

Grupo B – sequência de triângulos

1. sequência de triângulos preenchidos com linhas que convergem para os vértices
2. sequência de triângulos raiados
3. sequência de triângulos preenchidos com linhas horizontais paralelas
4. sequência de triângulos preenchidos com retícula

5. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, separados por eixos verticais
6. motivo em espiga “quebrado”, formando triângulos
7. linha quebrada “raiada” de ambos os lados
8. sequência de triângulos “raiados”, entremeada com outra semelhante, desenhada de forma caótica

Grupo C – motivos compostos

1. linha quebrada simples, suspensa de linha horizontal simples, sob a qual se desenvolve uma sequência de traços verticais paralelos
2. duas linhas quebradas (sendo que a inferior é bastante larga) entre as quais se desenvolvem traços oblíquos paralelos
3. sequência de triângulos oblíquos paralelos, sobre linha quebrada simples
4. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, sob linha quebrada simples
5. sequência de triângulos preenchidos com feixes de linhas paralelas, perpendiculares entre si
6. sequência de triângulos preenchidos com linhas oblíquas paralelas, sob linha quebrada simples
7. sequência de triângulos parcialmente preenchidos com linhas oblíquas paralelas, sob linha quebrada simples; elementos separados por linha horizontal da qual partem pequenos traços verticais paralelos
8. sequência de triângulos preenchidos com outros pequenos triângulos decrescentes, sob linha quebrada simples
9. sequência de triângulos preenchidos com outros pequenos triângulos decrescentes, sob duas linhas quebradas simples paralelas
10. sequência de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas, suspensos a partir dos vértices de uma linha horizontal simples, sob duas linhas quebradas simples

11. faixa quebrada, formando triângulos, preenchida por traços paralelos, que se desenvolve entre duas linhas quebradas simples
12. sequência de triângulos em que os respectivos lados direitos se prolongam significativamente, formando linhas oblíquas paralelas entre si, cortadas por duas linhas horizontais
13. duas linhas quebradas simples paralelas; da inferior partem, para cima, traços verticais paralelos
14. sequência de losangos, da qual parte, para cima, traços verticais paralelos, e para baixo, traços oblíquos paralelos
15. faixa de traços oblíquos paralelos, limitada por duas linhas horizontais paralelas
16. faixas horizontais preenchidas por linhas verticais paralelas organizadas dentro de dois eixos verticais paralelos

SANTA LUZIA

1. sequência de traços verticais paralelos
2. sequência de traços oblíquos paralelos (1)
3. sequência de traços oblíquos paralelos (2)
4. sequência de traços oblíquos paralelos pontilhados
5. sequência de depressões ovaladas
6. duas linhas quebradas simples paralelas
7. matriz de triângulos preenchidos com linhas verticais paralelas (2 fiadas)
8. sequência de triângulos raiados
9. faixa quebrada, formando triângulos, preenchidos por traços paralelos
10. forma quadrangular pontilhada
11. forma semi-circular pontilhada, suspensa de duas linhas horizontais pontilhadas
12. eixo vertical do qual divergem, obliquamente e em sentido ascendente, quatro bandas preenchidas por linhas paralelas
13. duas espigas

ESTATÍSTICA COMPARADA

Espessura das paredes dos recipientes

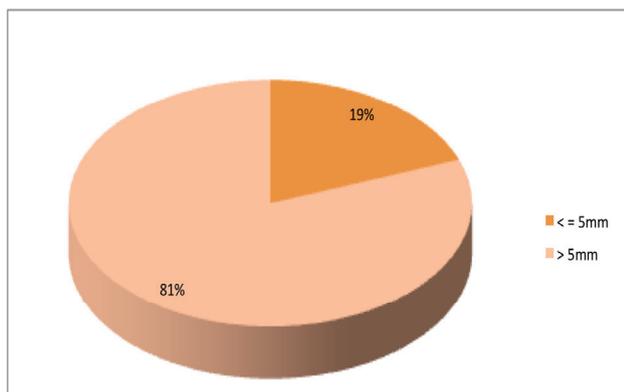


Fig. 1 - Cabeço do Crasto de São Romão

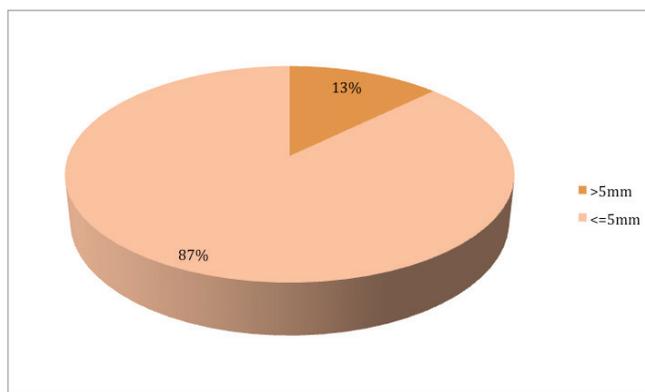


Fig. 2 - Outeiro dos Castelos de Beijós

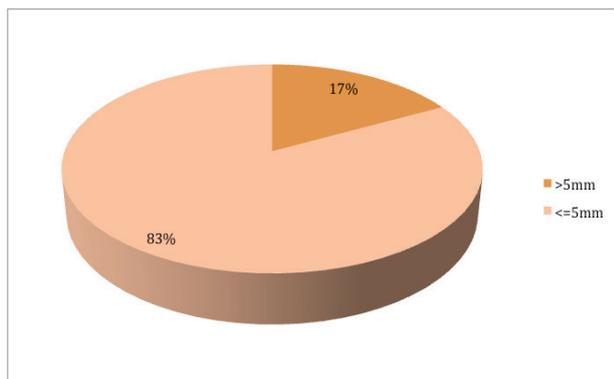


Fig. 3 - Alto da Cavada

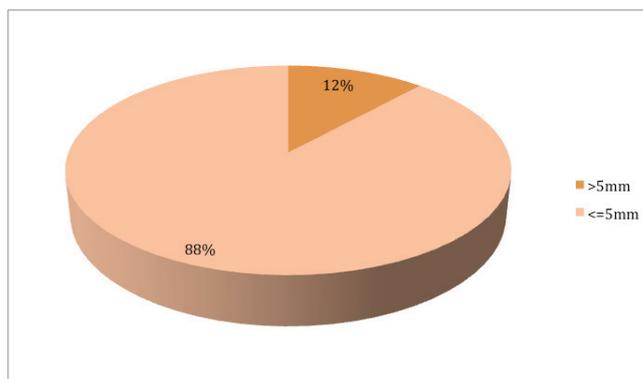


Fig. 4 - Cabeço do Cucão

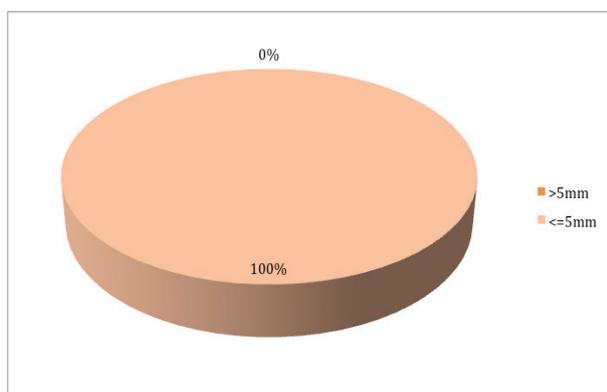


Fig. 5 - Malcata

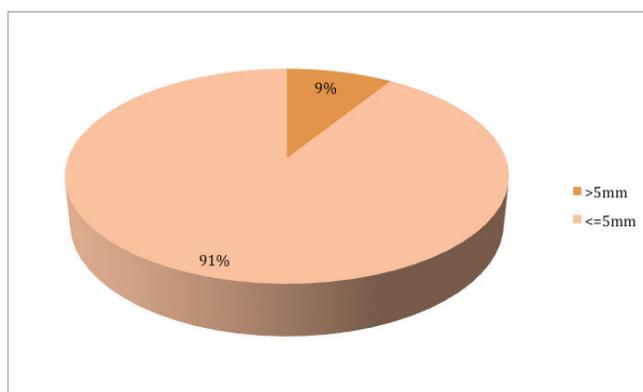


Fig. 6 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

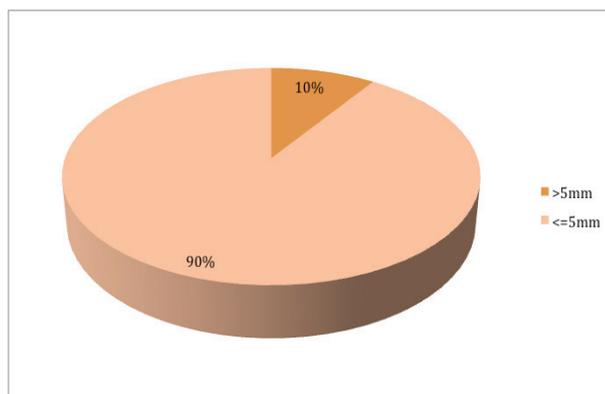


Fig. 7 - São Cosme

Pastas Consistência

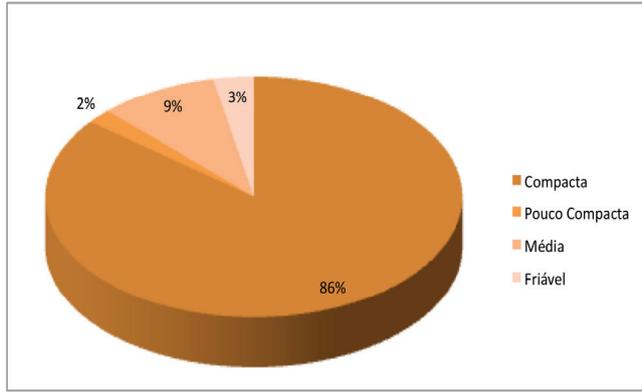


Fig. 8 - Cabeço do Crasto de São Romão

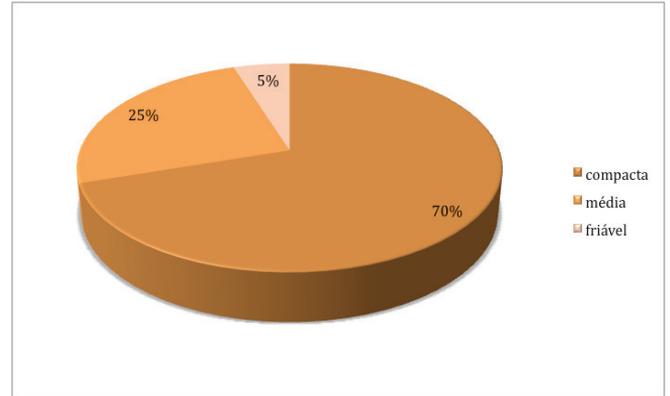


Fig. 9 - Outeiro dos Castelos de Beijós

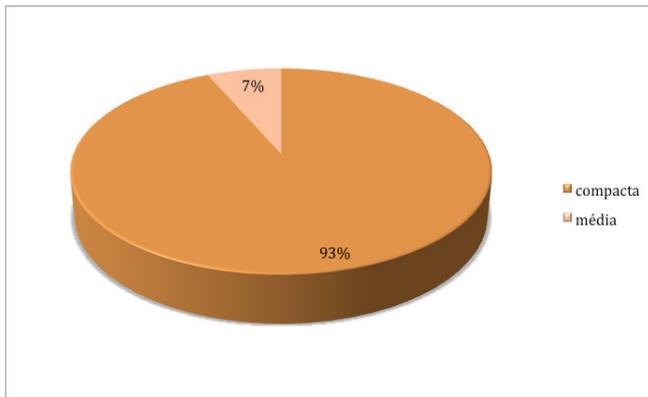


Fig. 10 - Alto da Cavada

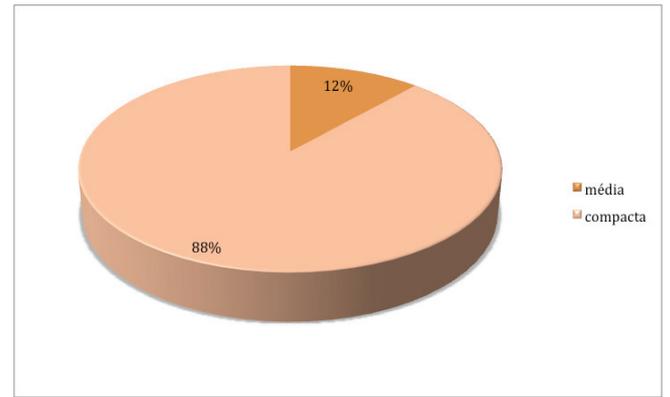


Fig. 11 - Cabeço do Cucão

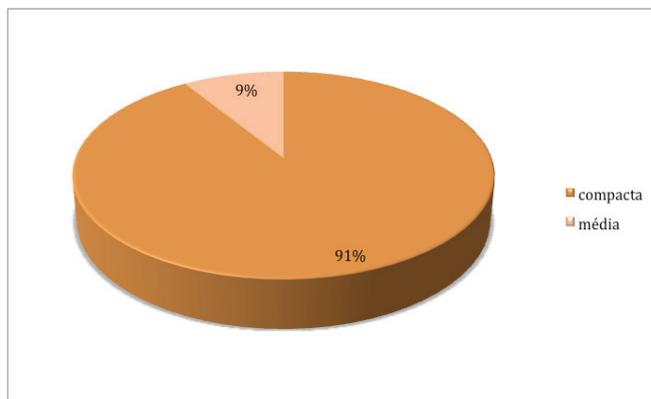


Fig. 12 - Malcata

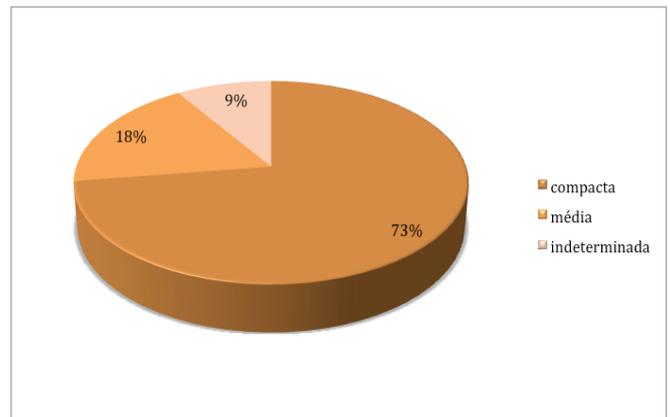


Fig. 13 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

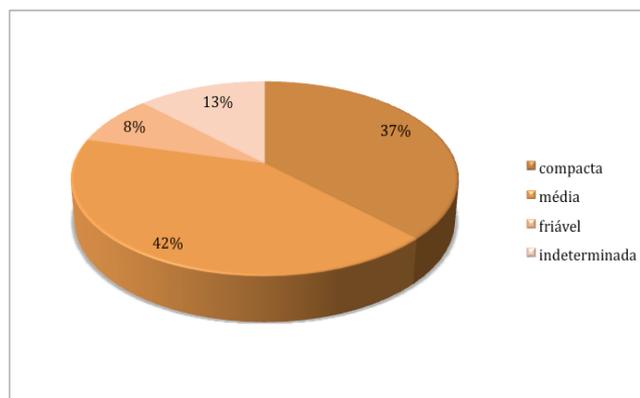


Fig. 14 - São Cosme

Textura

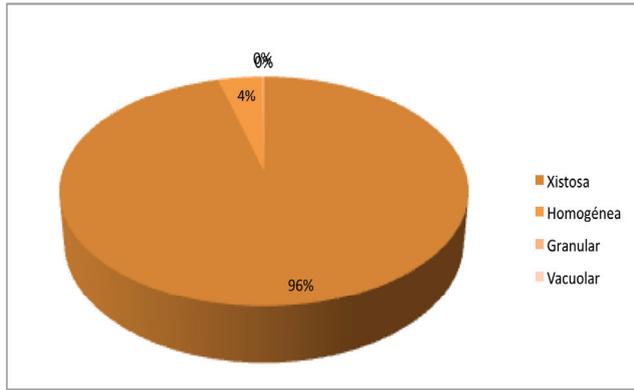


Fig. 15 - Cabeço do Crasto de São Romão

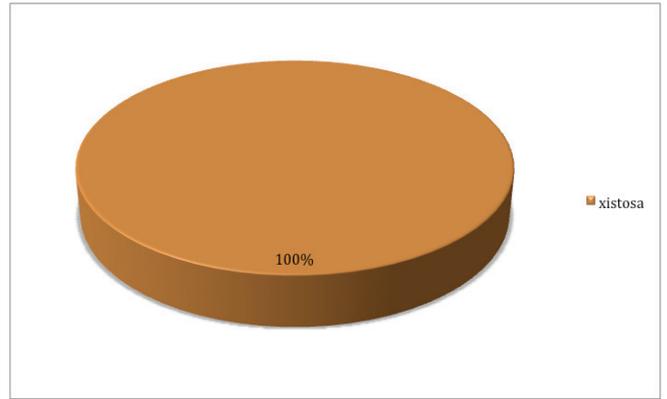


Fig. 16 - Outeiro dos Castelos de Beijós

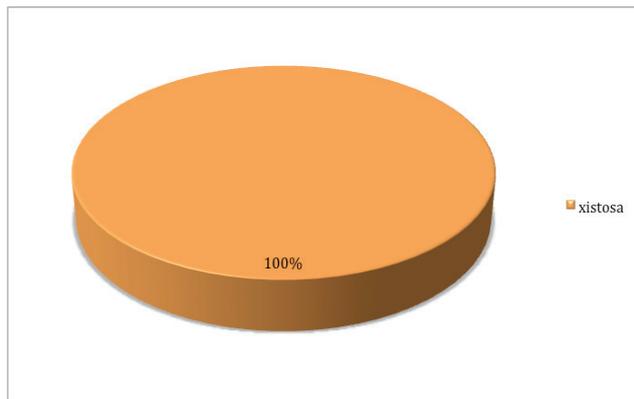


Fig. 17 - Alto da Cavada

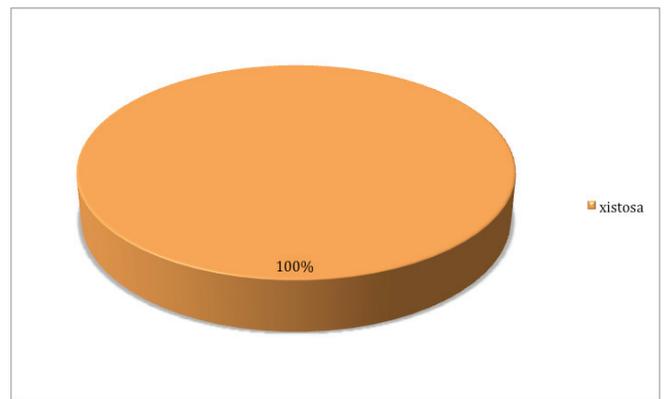


Fig. 18 - Cabeço do Cucão

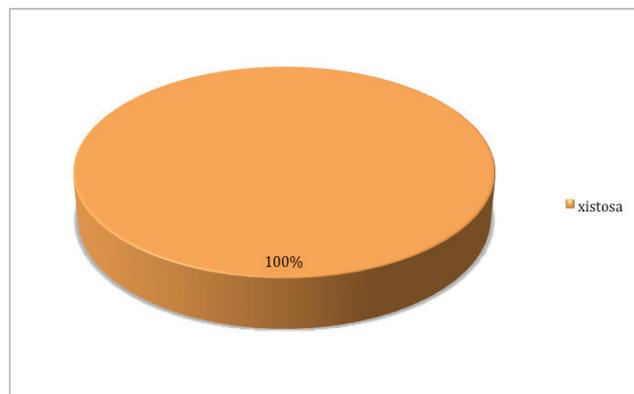


Fig. 19 - Malcata

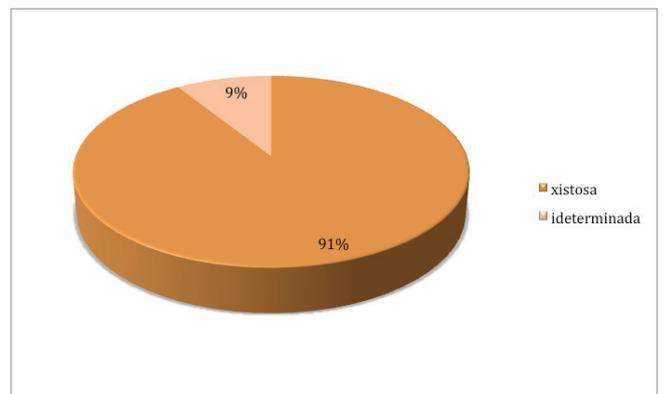


Fig. 20 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

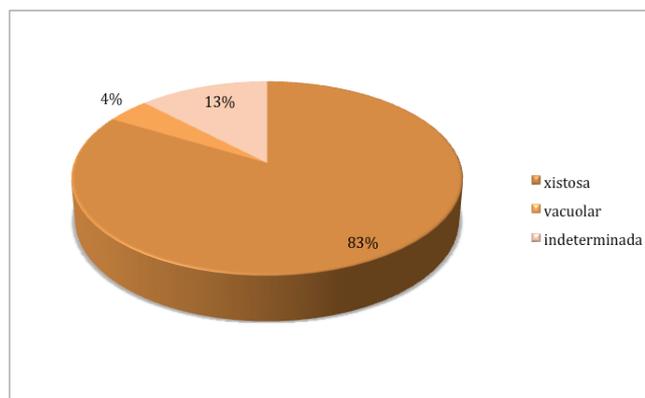


Fig. 21 - São Cosme

Cozedura

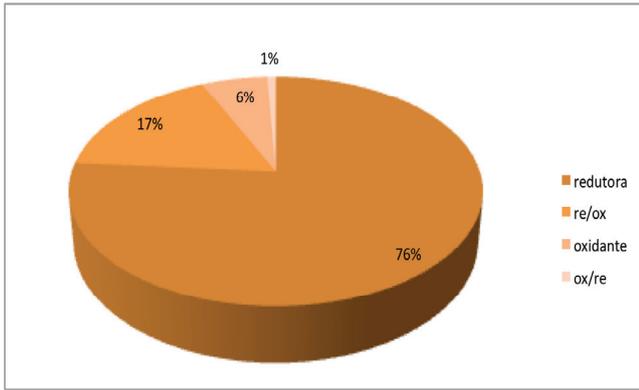


Fig. 22 - Cabeço do Crasto de São Romão

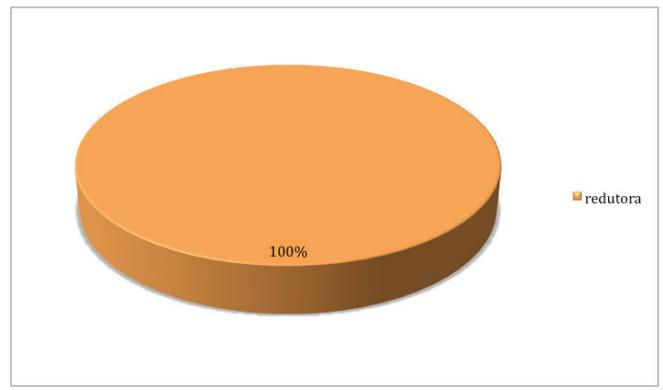


Fig. 23 - Outeiro dos Castelos de Beijós

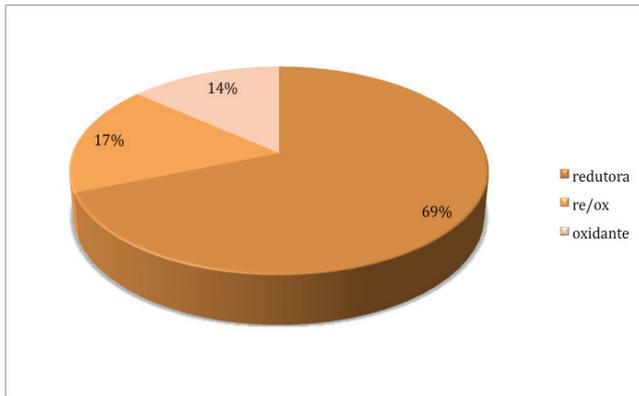


Fig. 24 - Alto da Cavada

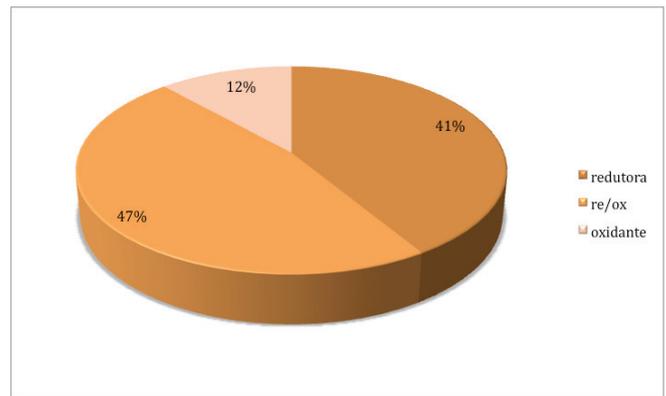


Fig. 25 - Cabeço do Cucão

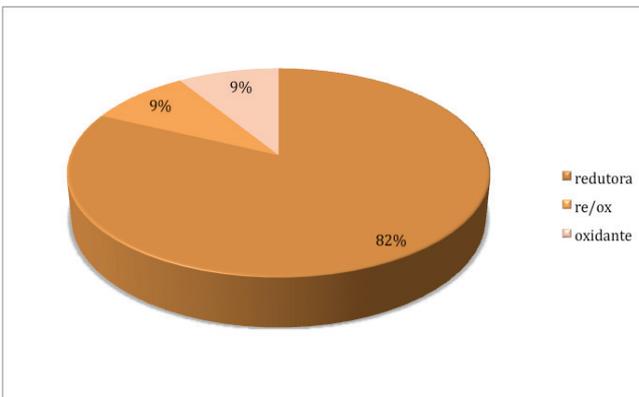


Fig. 26 - Malcata

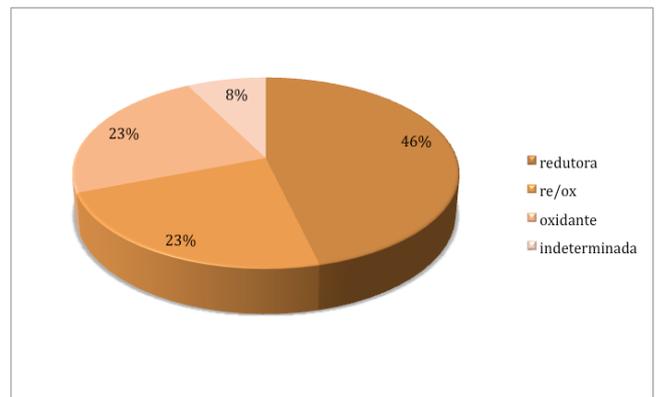


Fig. 27 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

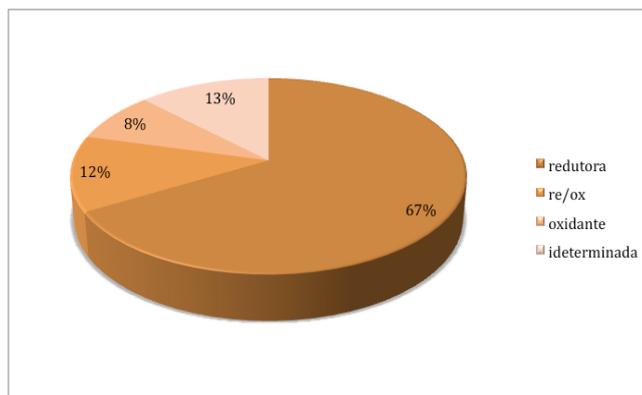


Fig. 28 - São Cosme

Elementos Não Plásticos (E.N.P.)

Frequência e Calibre

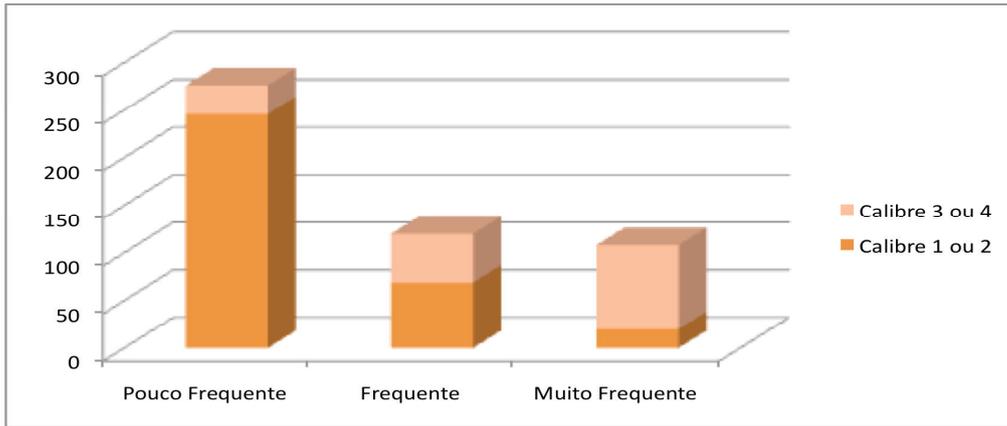


Fig. 30 - Cabeço do Crasto de São Romão

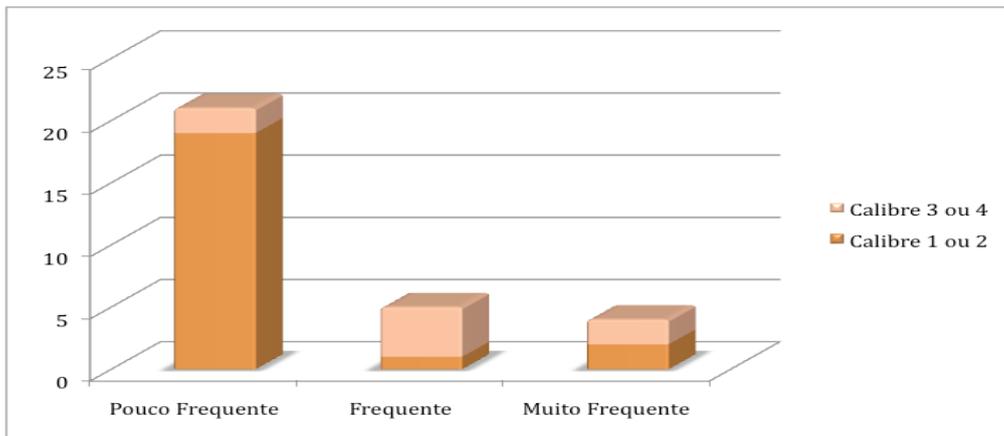


Fig. 31 - Outeiro dos Castelos de Beijós

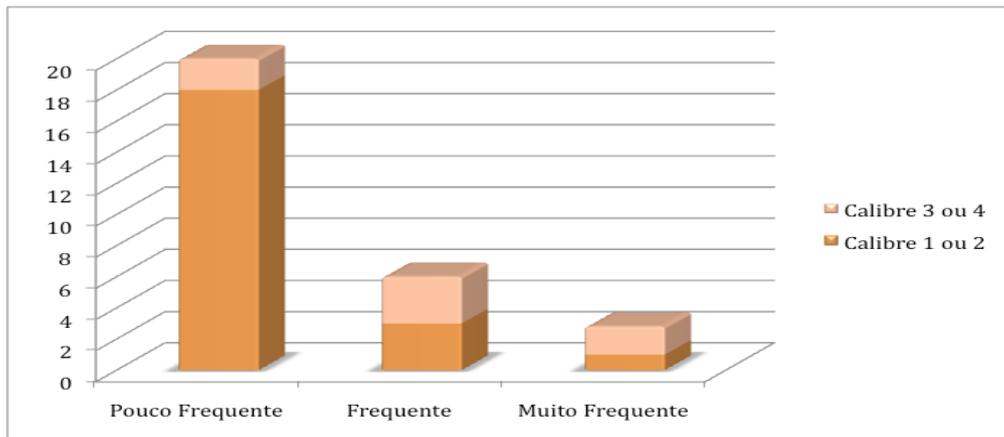


Fig. 32 - Alto da Cavada

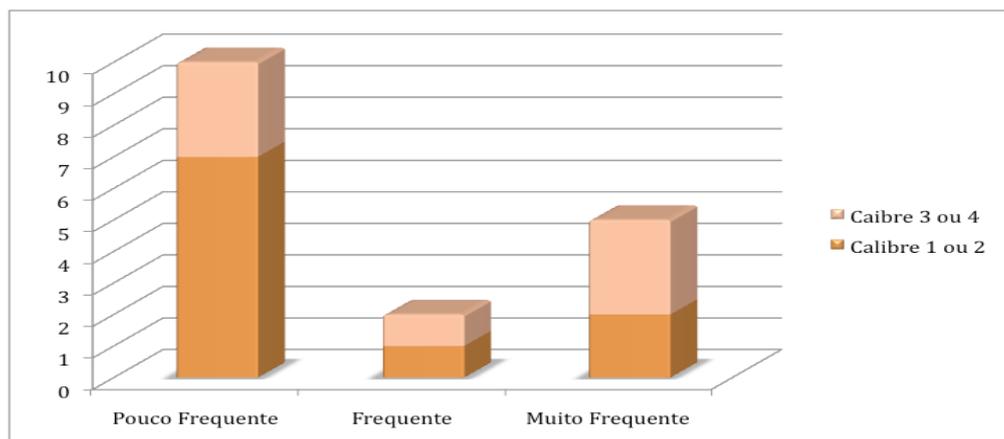


Fig. 33 - Cabeço do Cucão

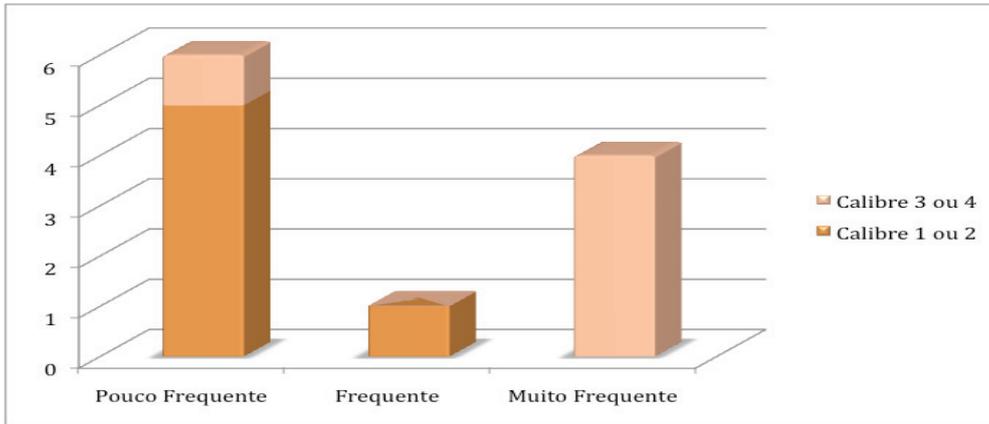


Fig. 34 - Malcata

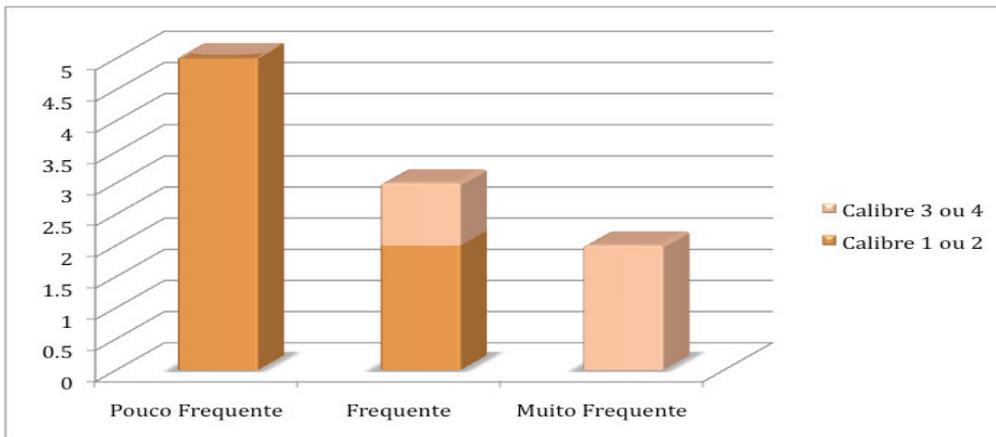


Fig. 35 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

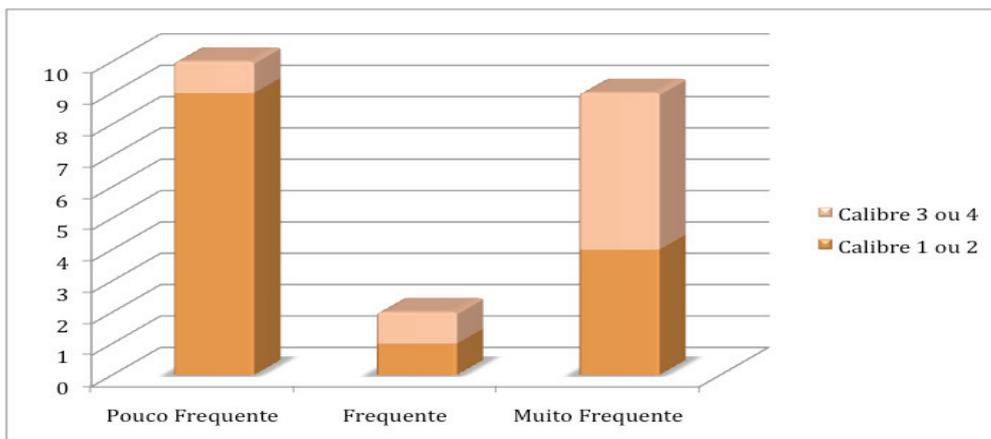


Fig. 36 - São Cosme

Tratamentos de Superfície

Internos e Externos

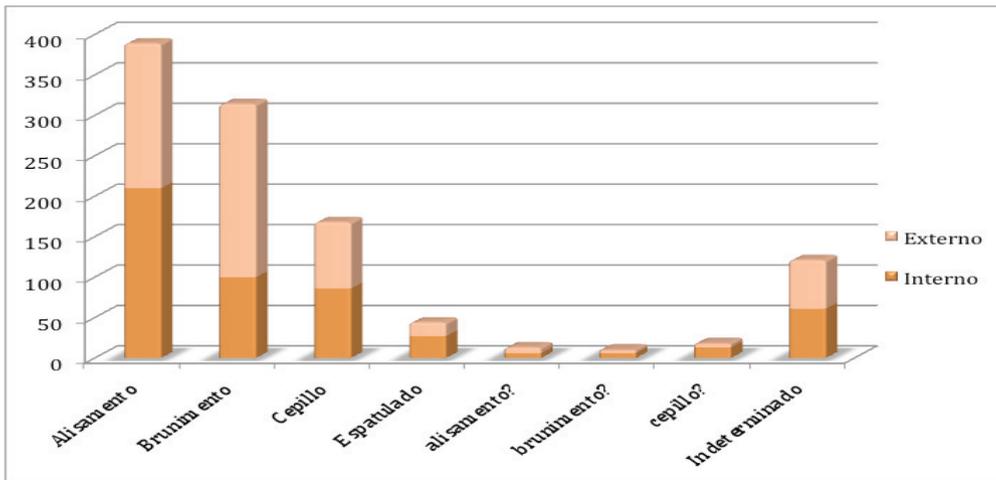


Fig. 37 - Cabeço do Crasto de São Romão

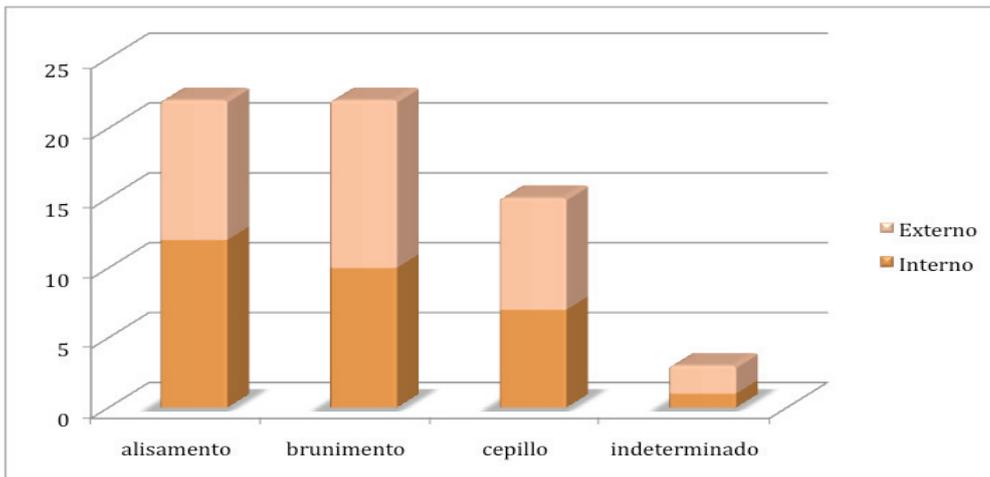


Fig. 38 - Outeiro dos Castelos de Beijós

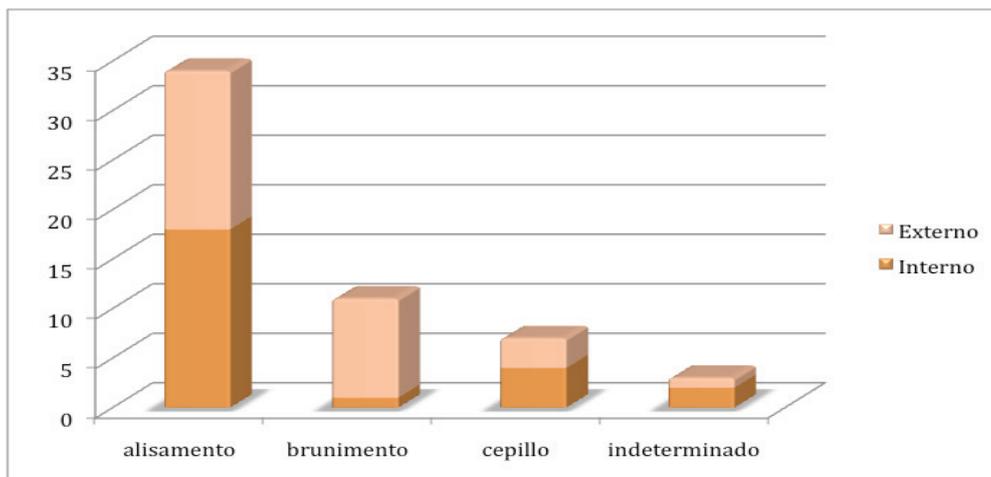


Fig. 39 - Alto da Cavada

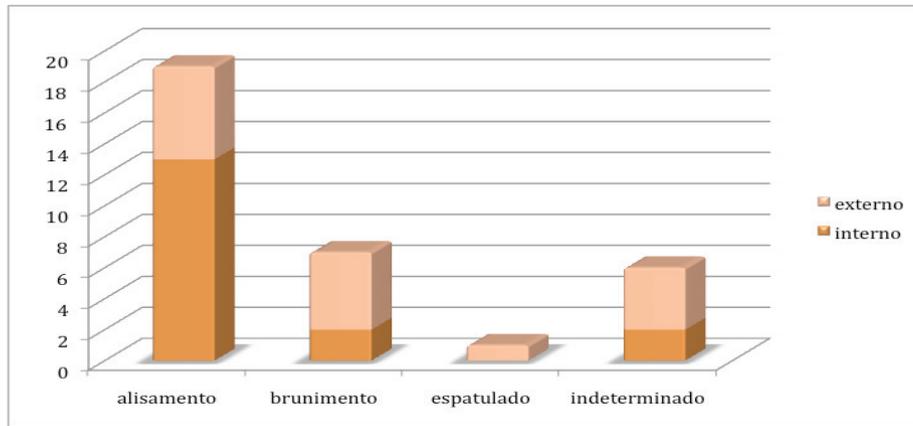


Fig. 40 - Cabeço do Cucão

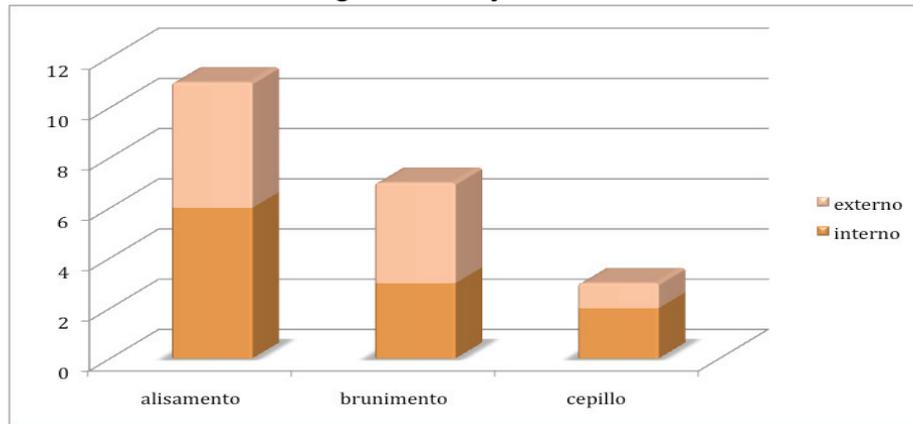


Fig. 41 - Malcata

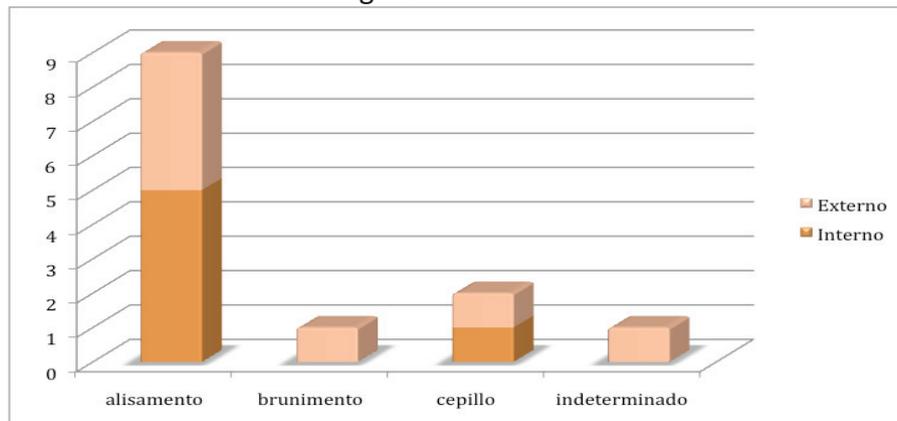


Fig. 42 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

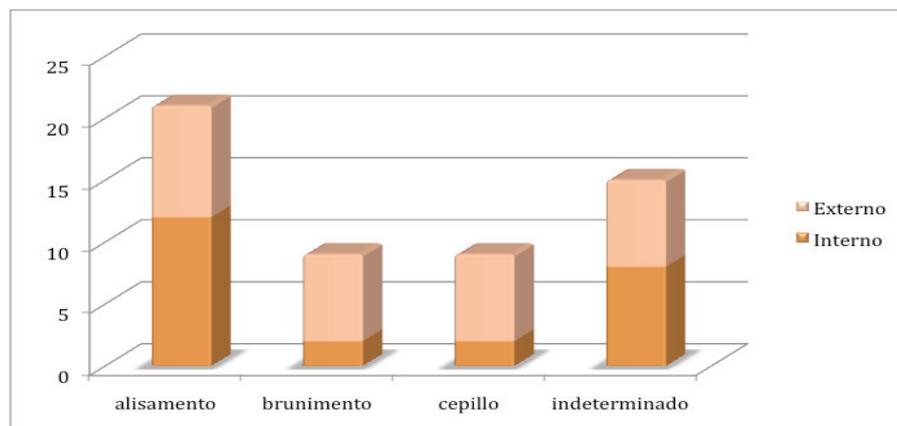


Fig. 43 - São Cosme

Bordos

Perfil

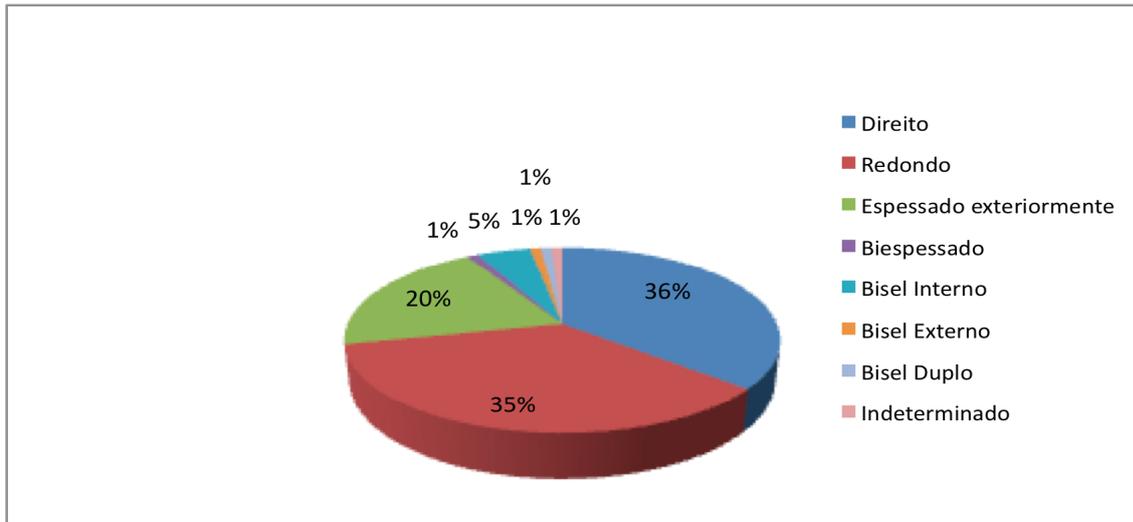


Fig. 44 - Cabeço do Crasto de São Romão

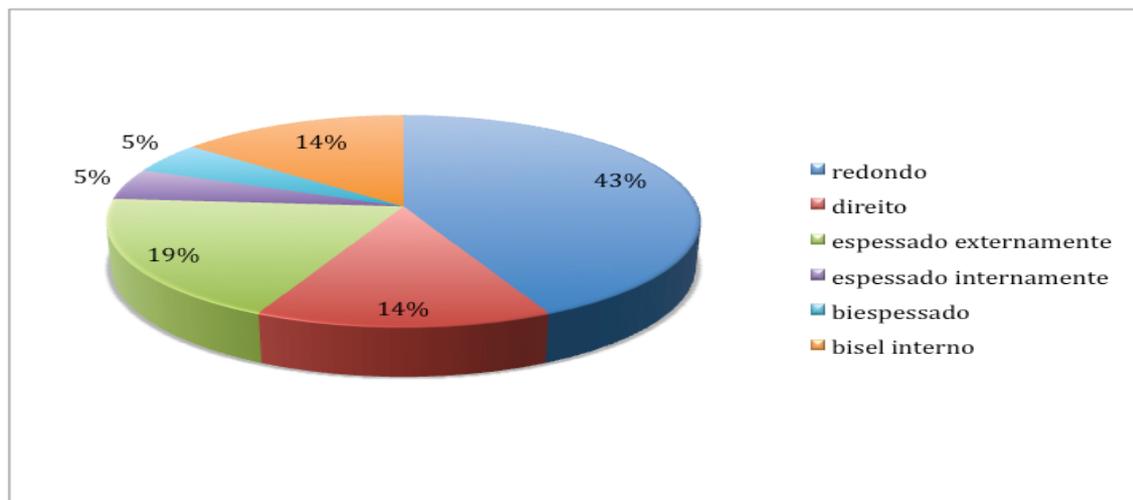


Fig. 45 - Outeiro dos Castelos de Beijós

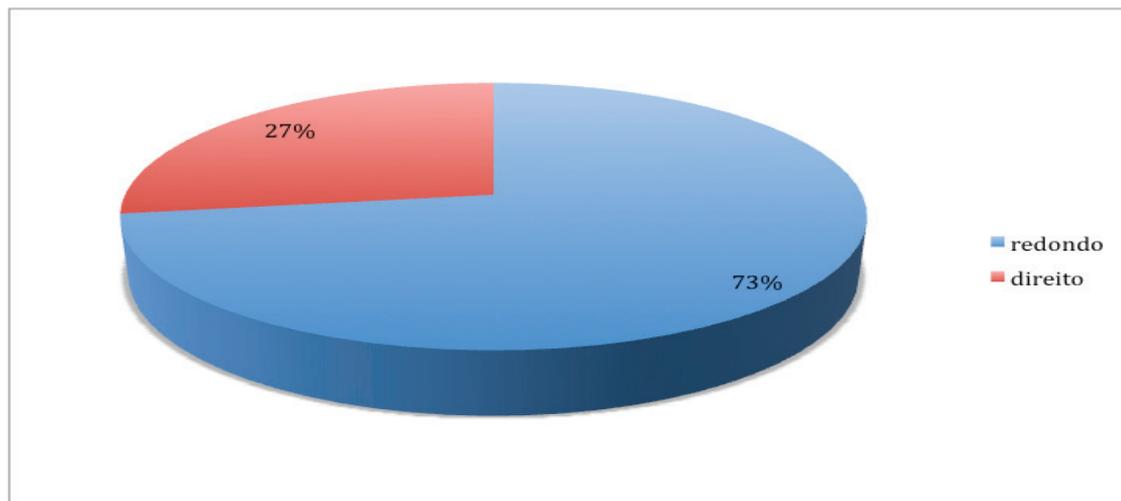


Fig. 46 - Alto da Cavada

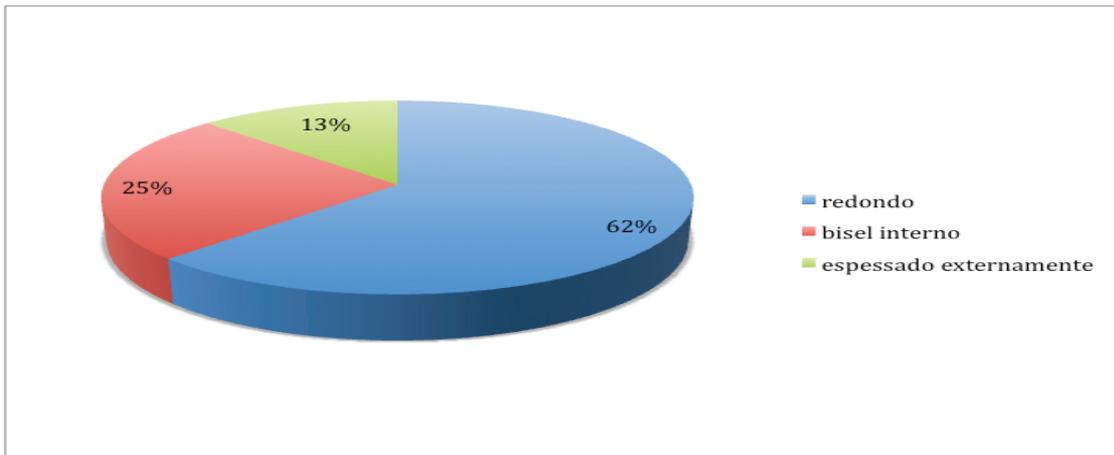


Fig. 47 - Cabeço do Cucão

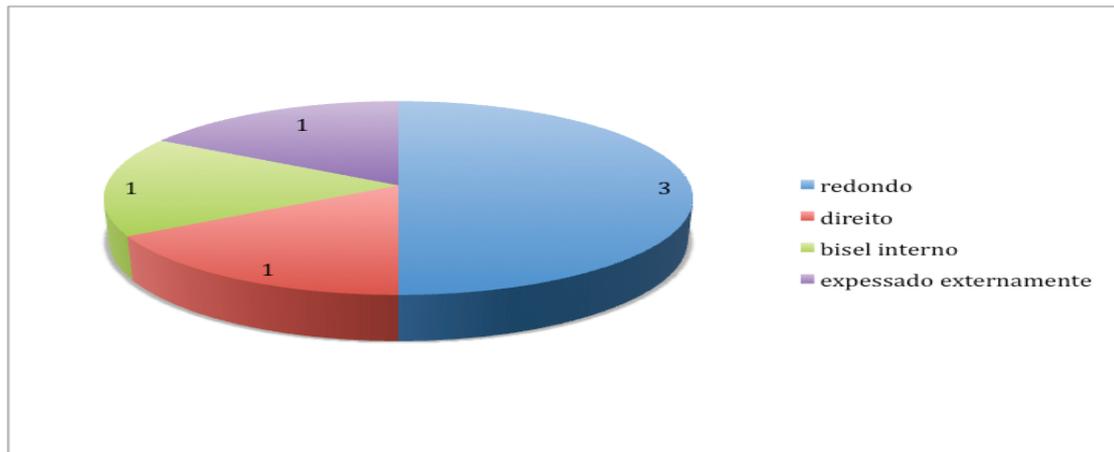


Fig. 48 - Malcata

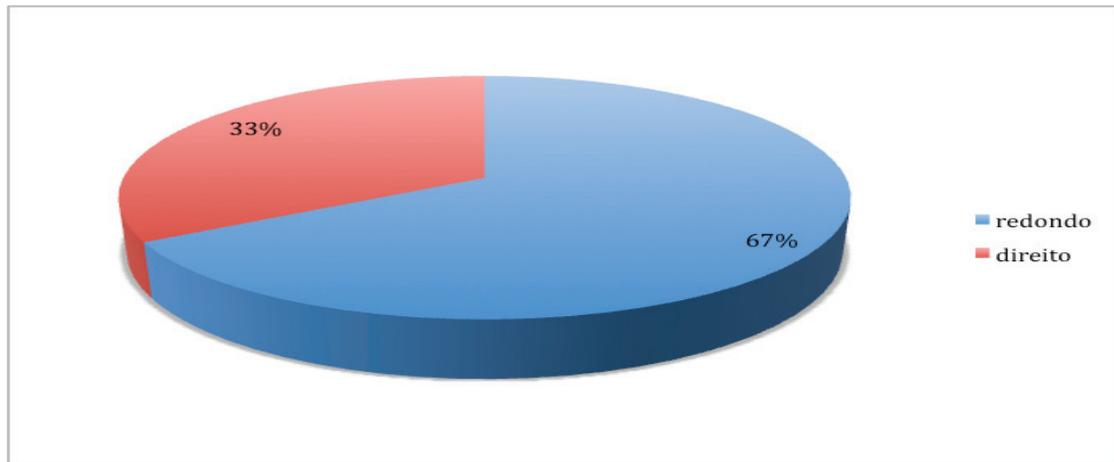


Fig. 49 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

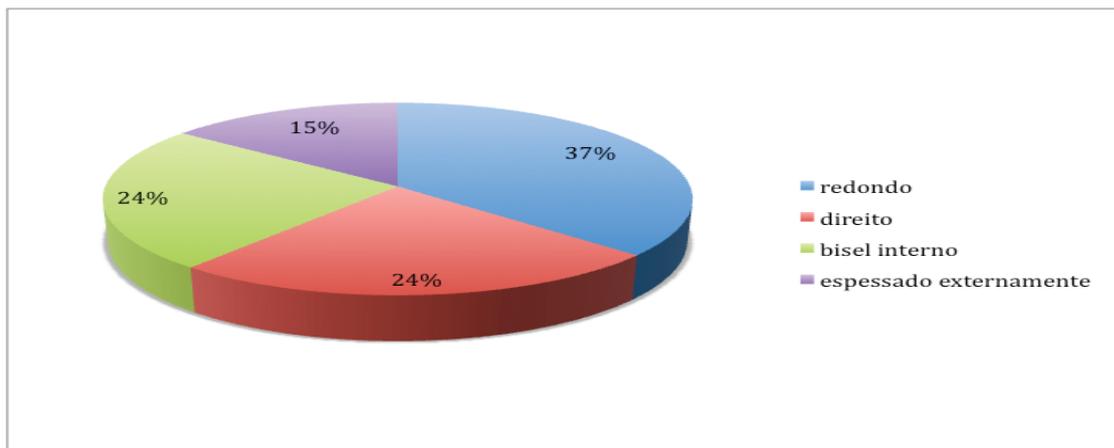


Fig. 50 - São Cosme

Orientação

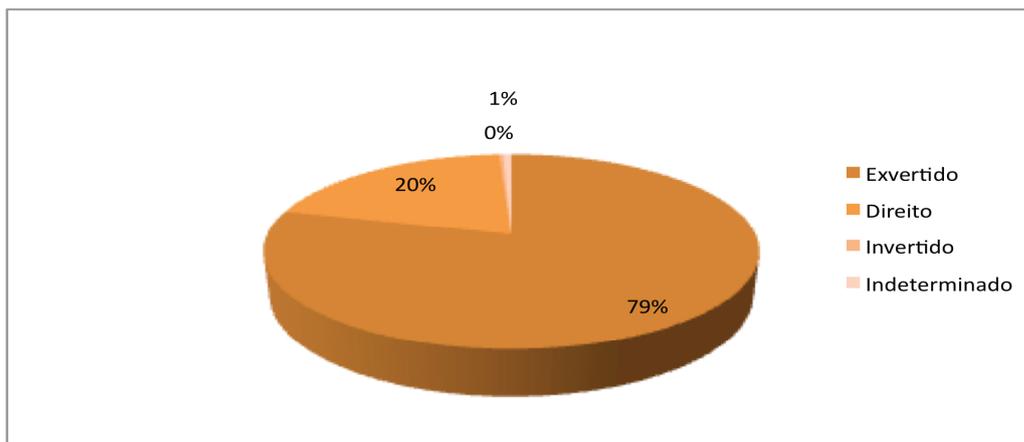


Fig. 51 - Cabeço do Crasto de São Romão

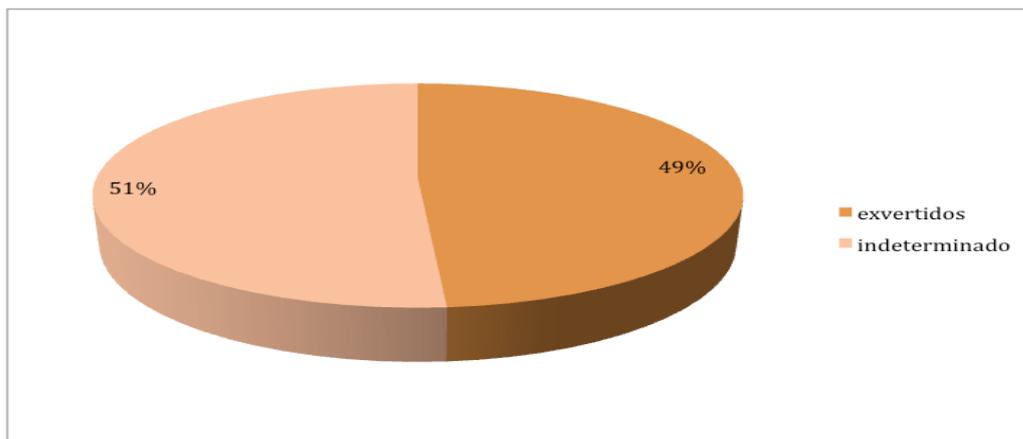


Fig. 52 - Outeiro dos Castelos de Beijós

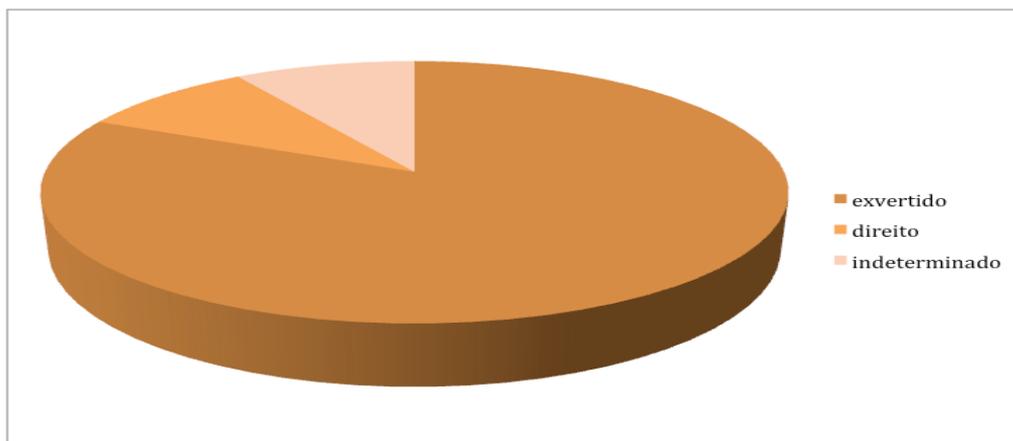


Fig. 53 - Alto da Cavada

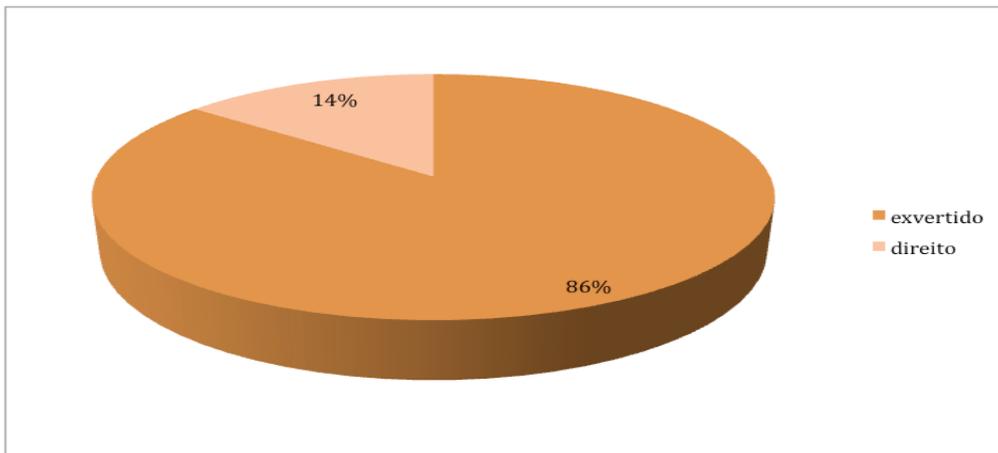


Fig. 54 Cabeço do Cucão

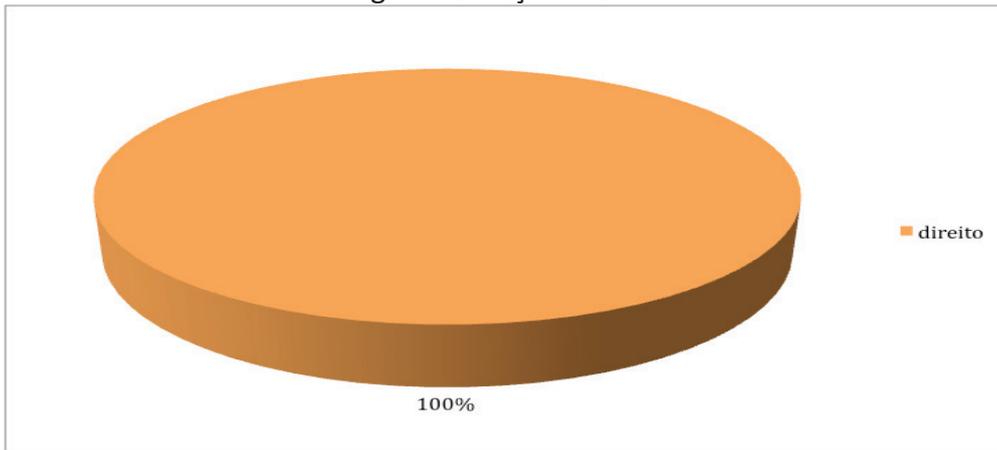


Fig. 55- Malcata

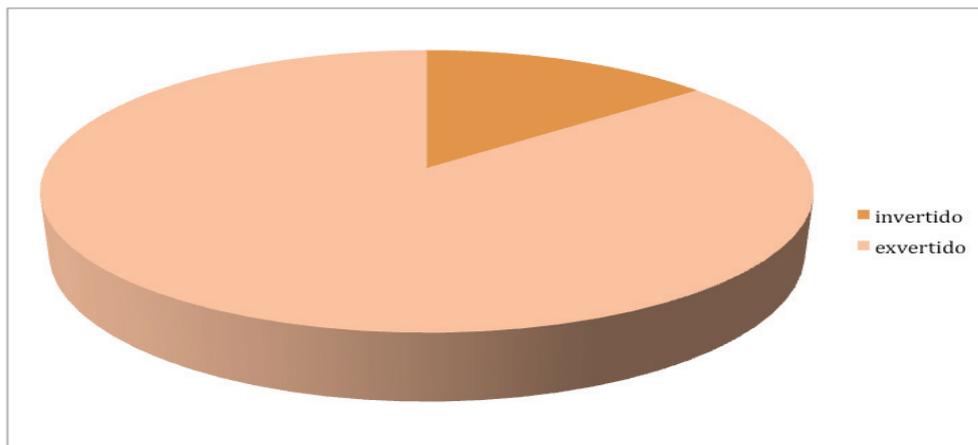


Fig. 56 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

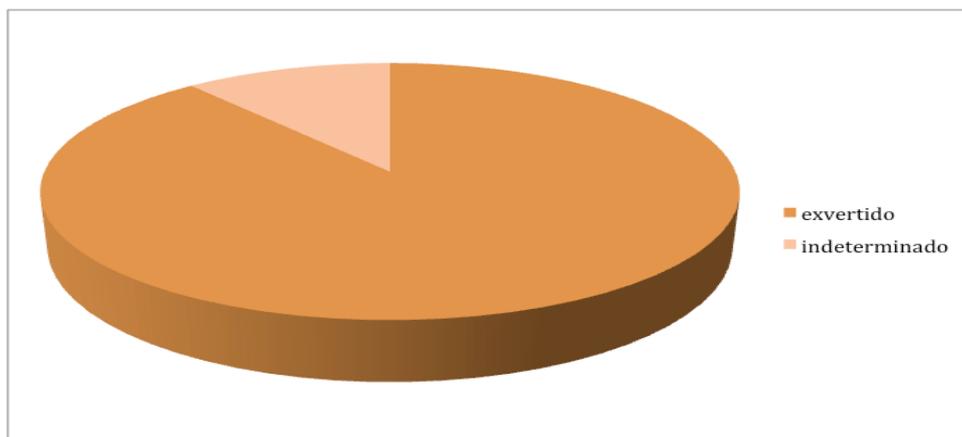


Fig. 57 - São Cosme

Caracterização dos fragmentos decorados (localização da decoração)

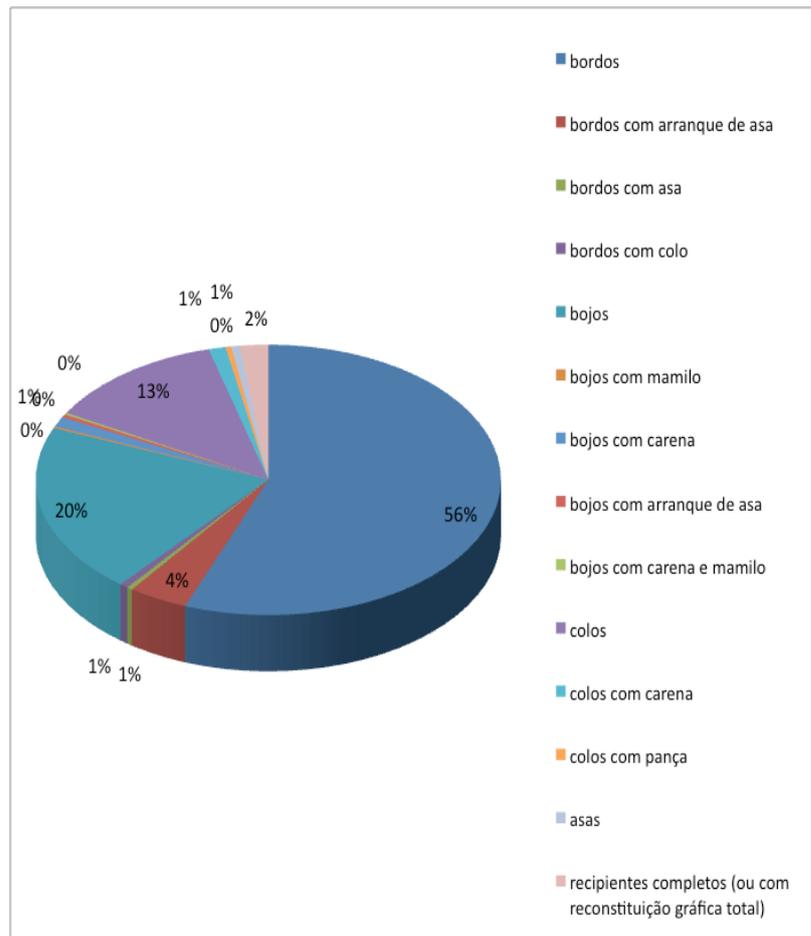


Fig. 58 -Cabeço do Crasto de São Romão



Fig. 59 - Outeiro dos Castelos de Beijós

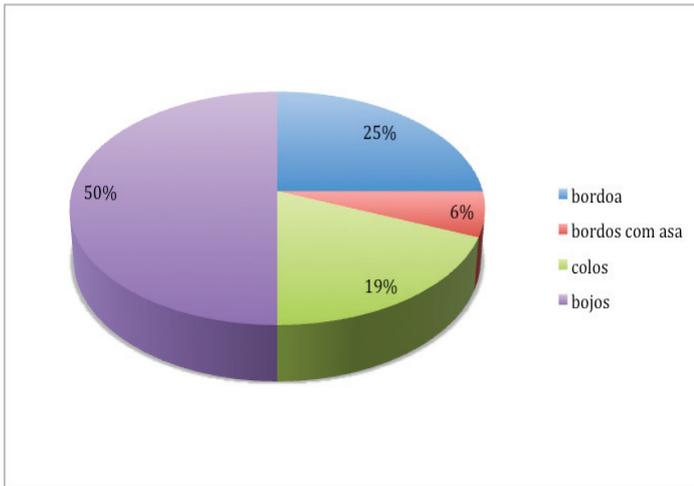


Fig. 60 - Alto da Cavada

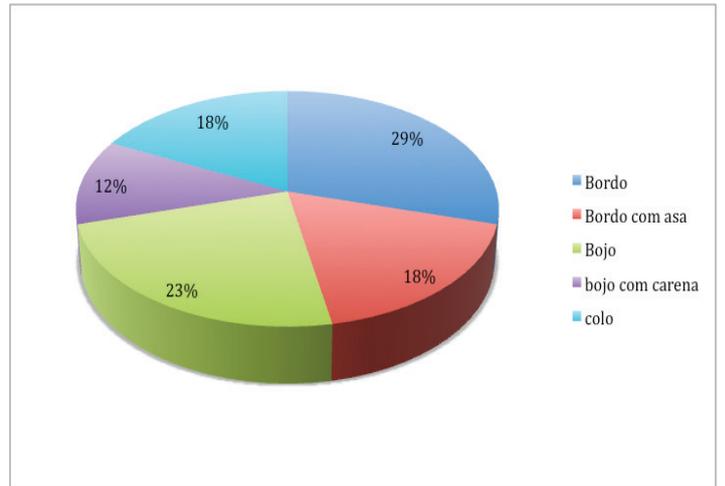


Fig. 61 - Cabeço do Cucão

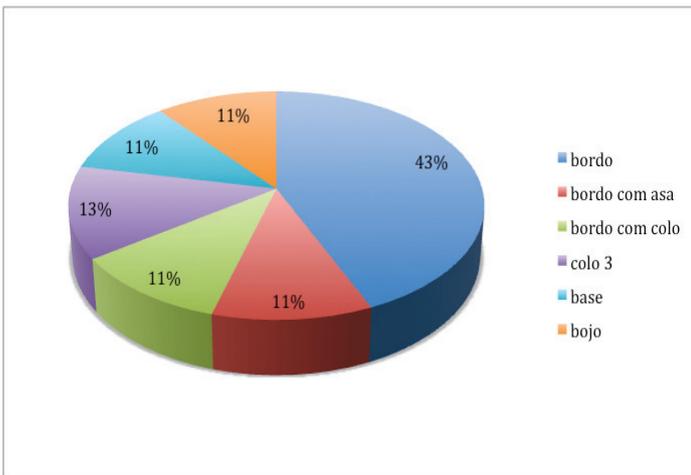


Fig. 62 - Malcata

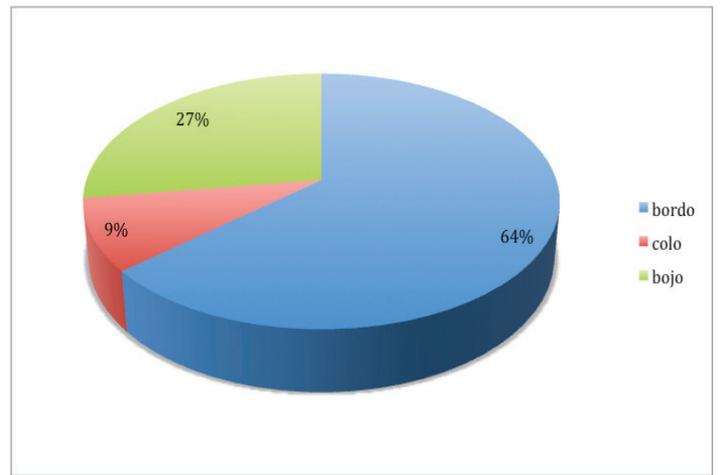


Fig. 63 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

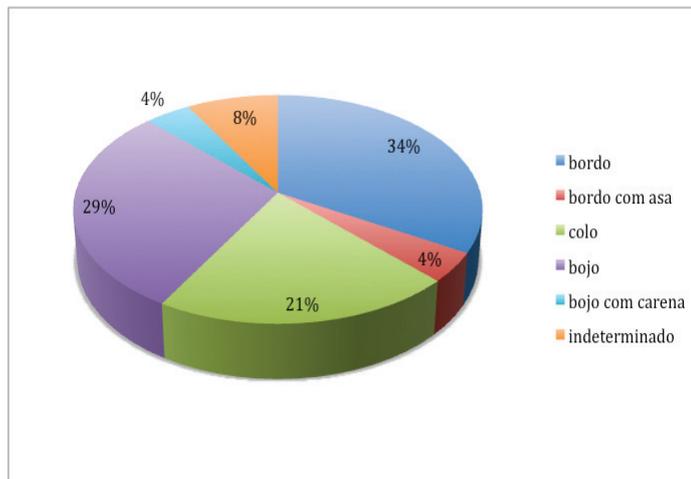


Fig. 64 - São Cosme

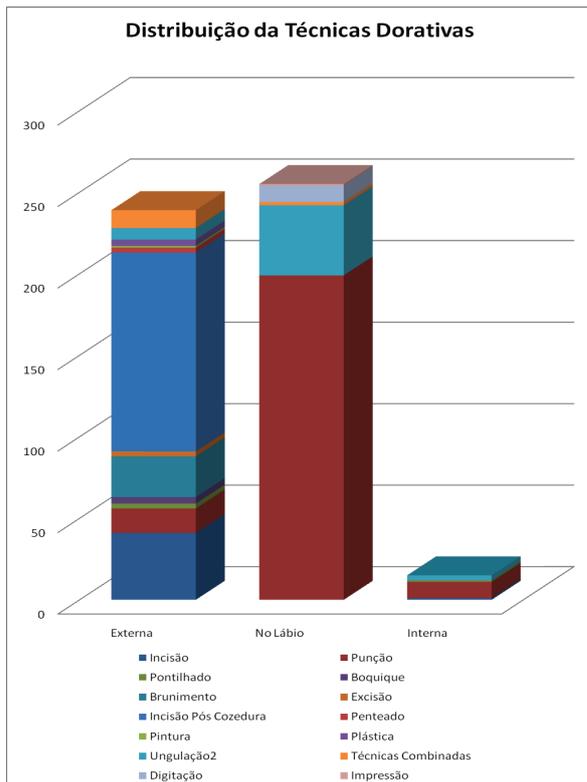


Fig. 65 - Cabeço do Crasto de São Romão

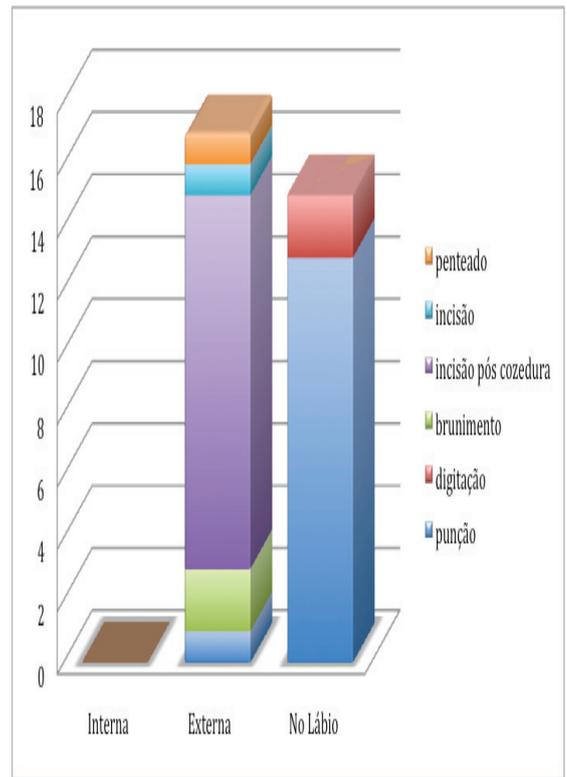


Fig. 66 - Outeiro dos Castelos de Beijós

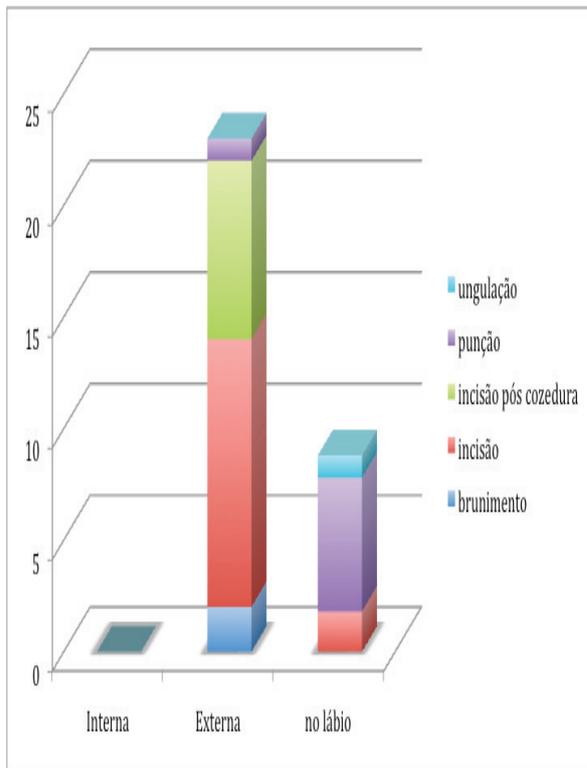


Fig. 67 - Alto da Cavada

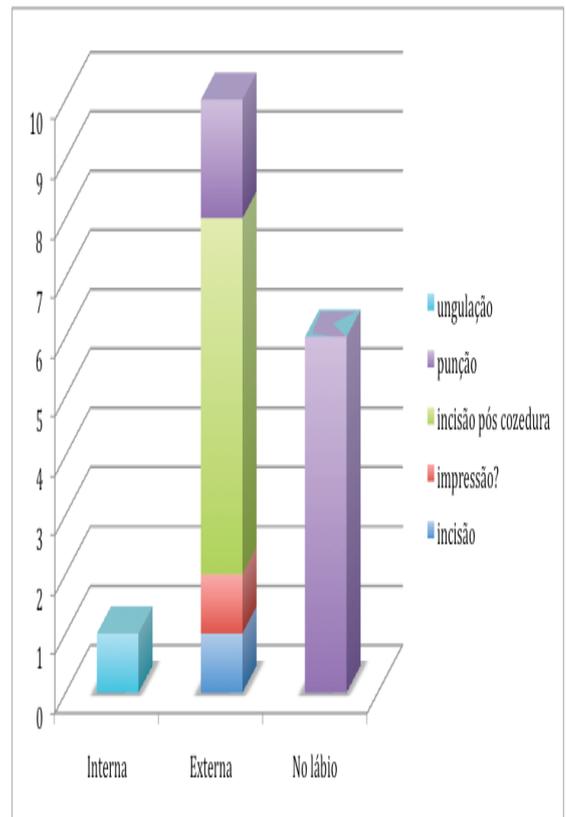


Fig. 68 - Cabeço do Cucão

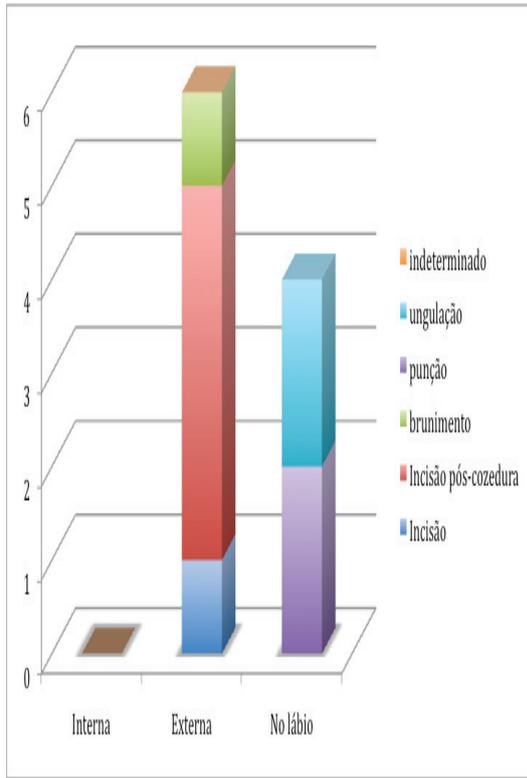


Fig. 69 - Malcata

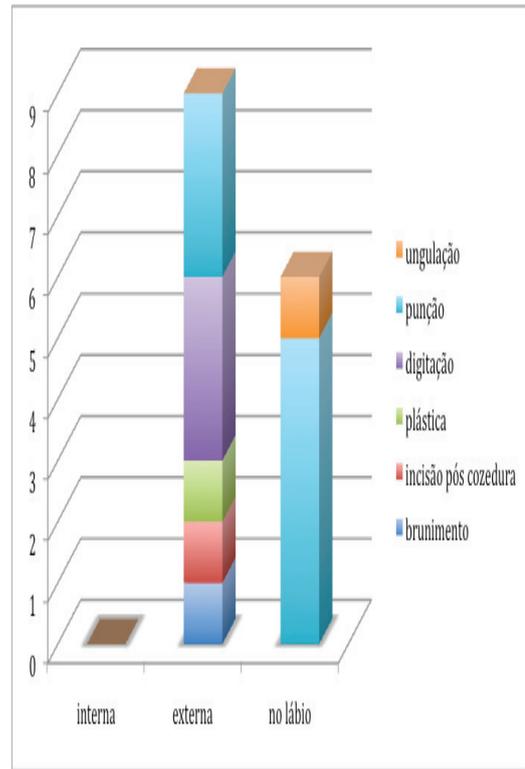


Fig. 70 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

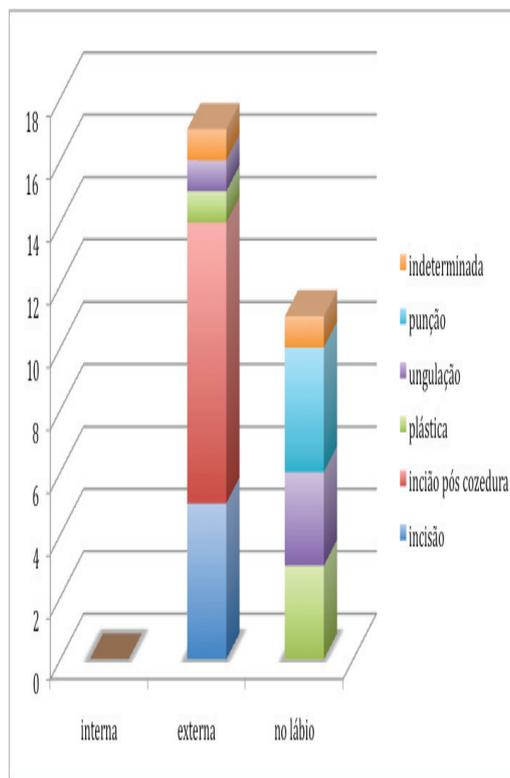


Fig. 71 - São Cosme

Estado de Conservação dos Fragmentos Decorados

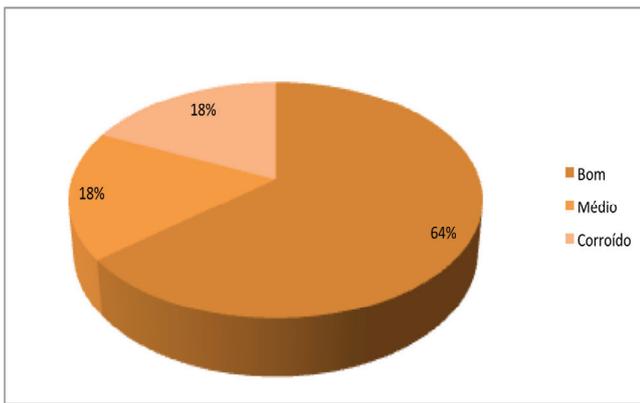


Fig. 72 - Cabeço do Crasto de São Romão

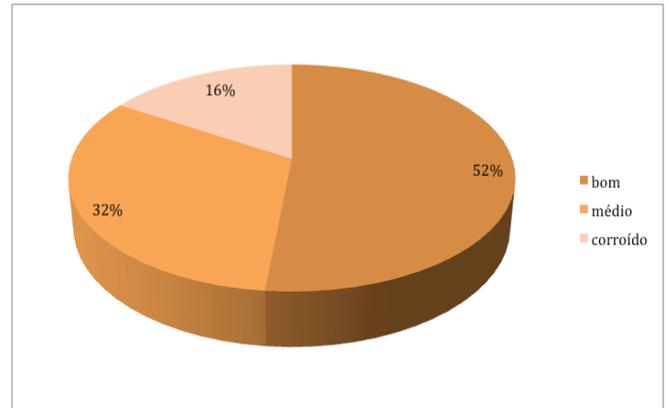


Fig. 73 - Outeiro dos Castelos de Beijós

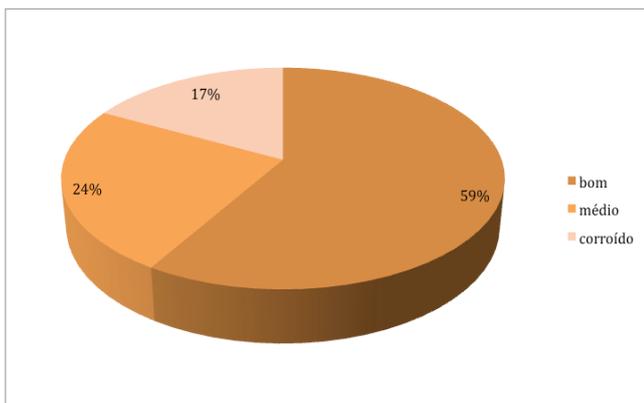


Fig. 74 - Alto da Cavada

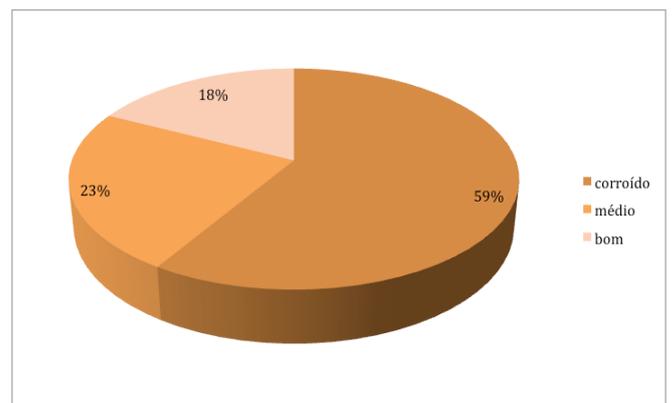


Fig. 75 - Cabeço do Cucão

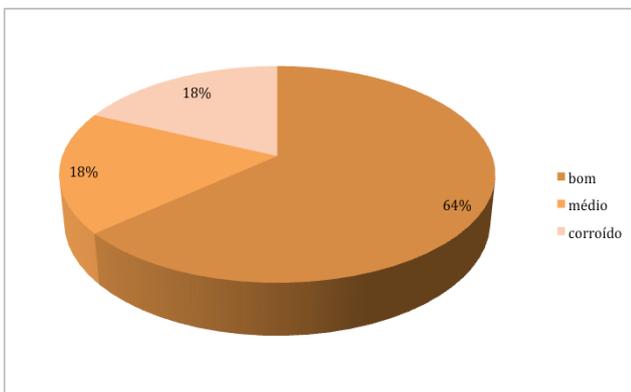


Fig. 76 - Malcata

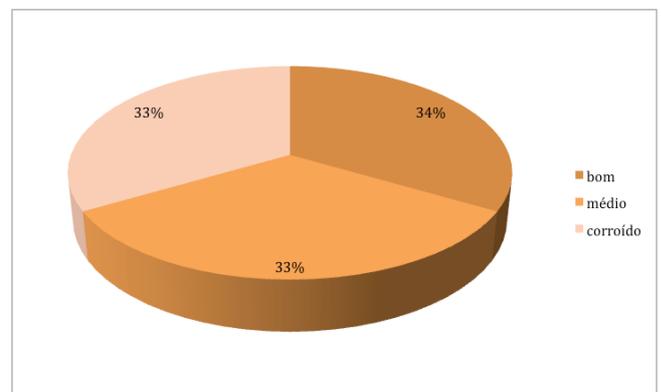


Fig. 77 - Nossa Senhora do Bom Sucesso

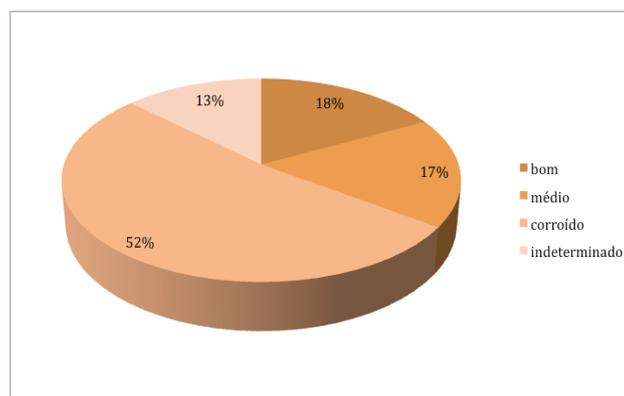
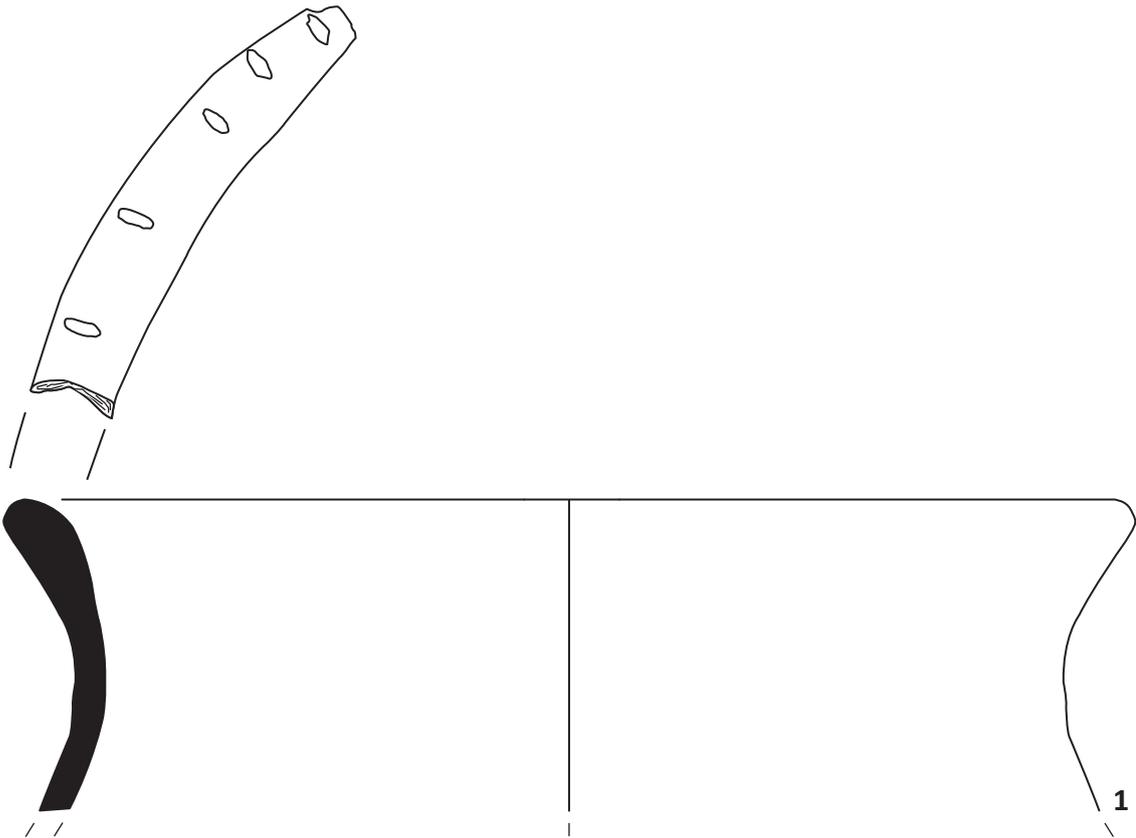
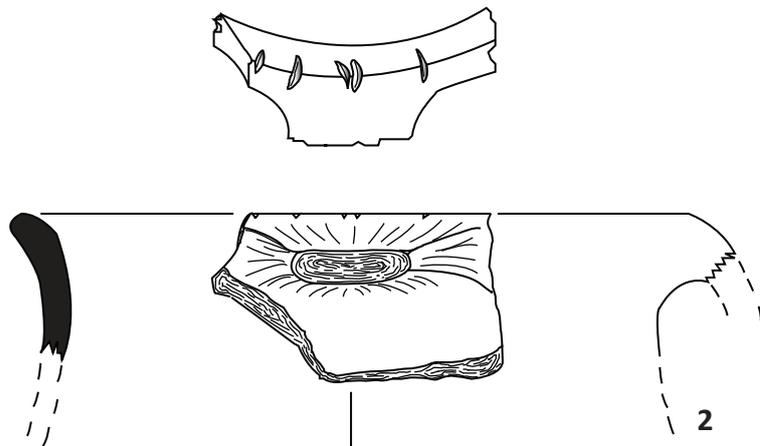


Fig. 78 - São Cosme

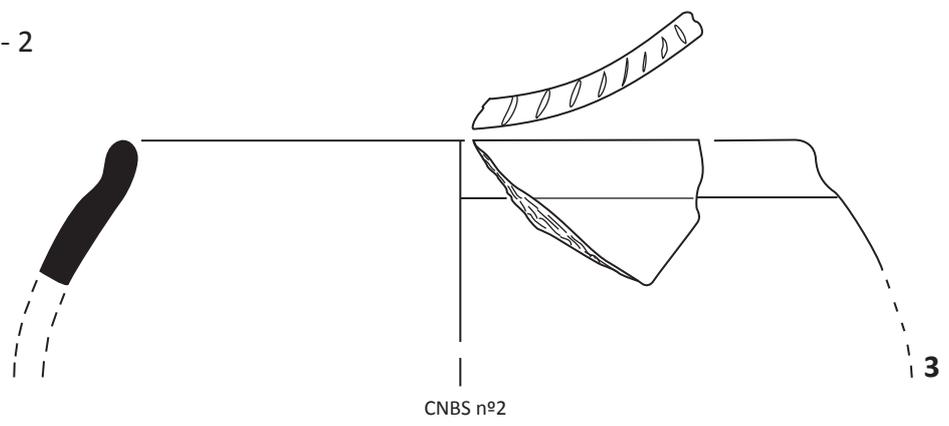


COCB-A
n°1123

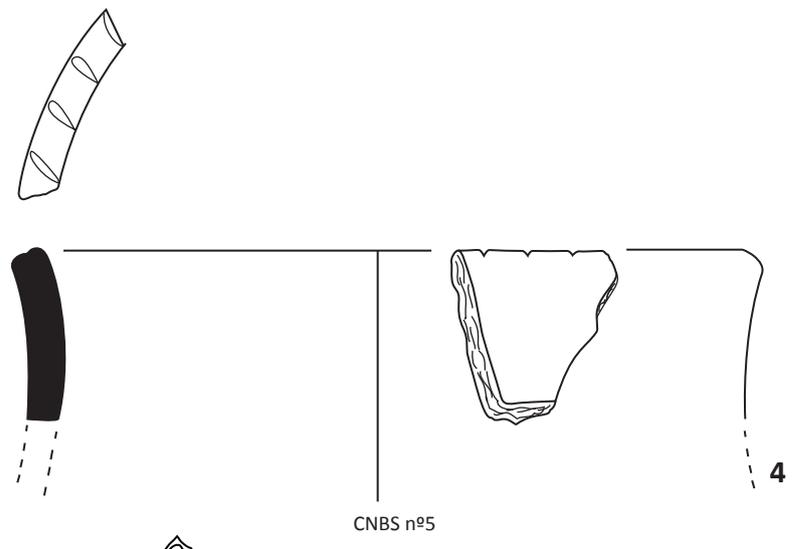


CSC-A
n°159

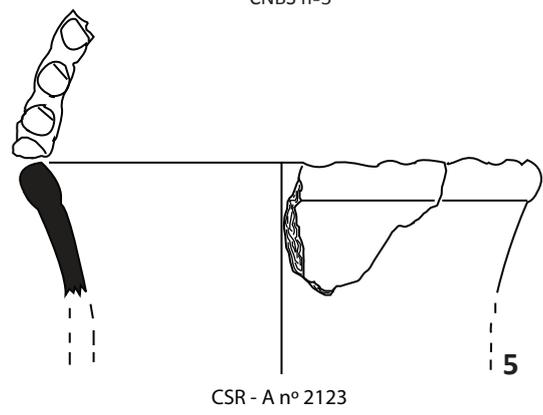




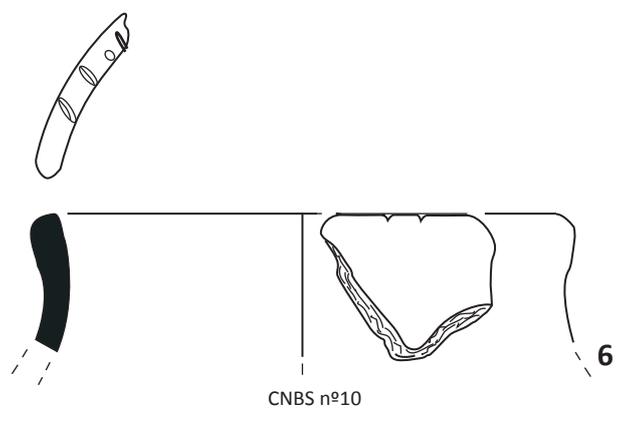
CNBS nº2



CNBS nº5



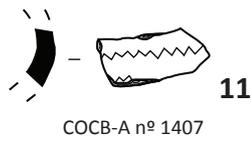
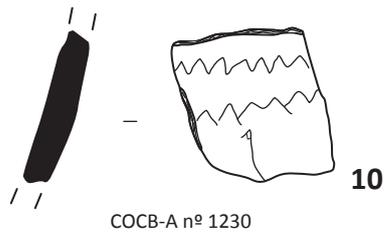
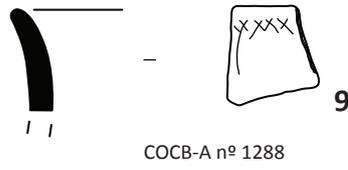
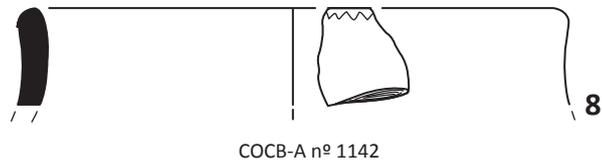
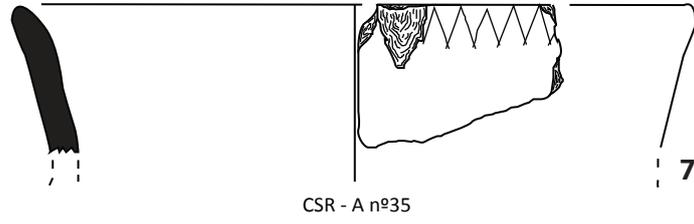
CSR - A nº 2123

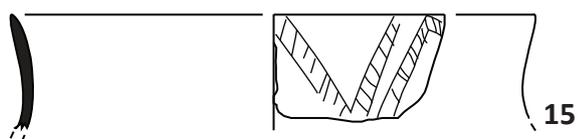


CNBS nº10

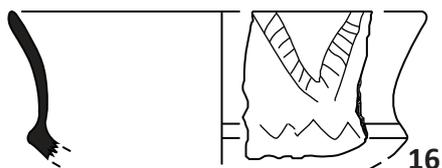


MOTIVOS SIMPLES

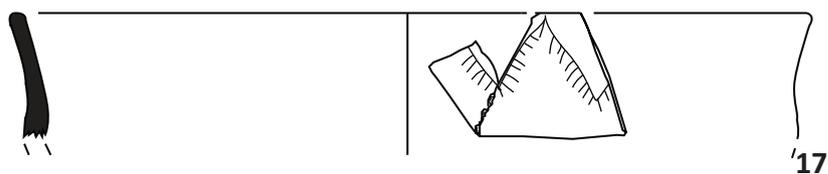




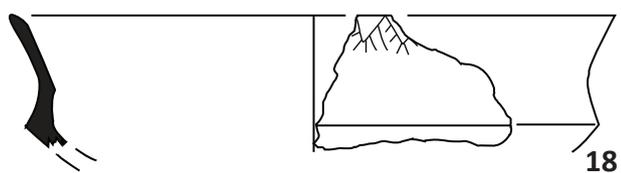
CSR-A nº 5933



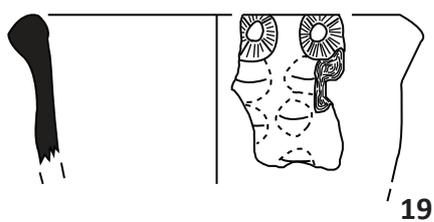
CSR-A nº 6584



CSR-A nº4210



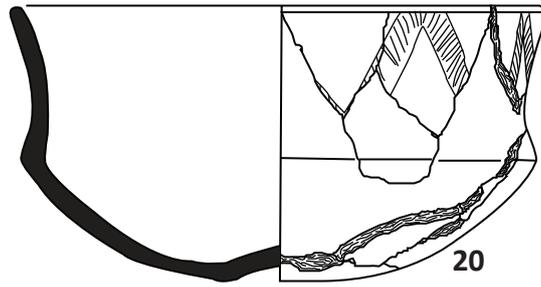
CSC - A nº 2189



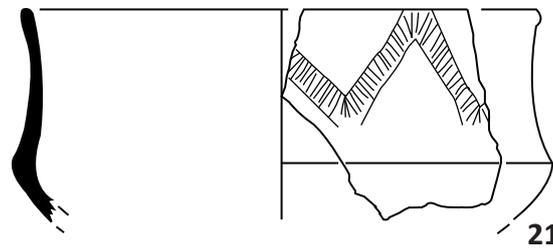
CSR-A nº 3265



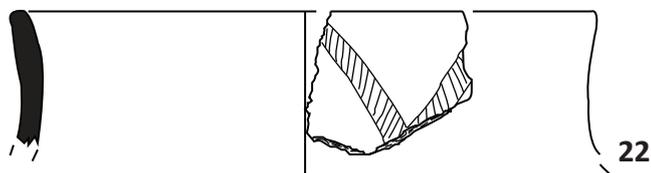
SEQUÊNCIA DE TRIÂNGULOS E MOTIVOS COMPOSTOS



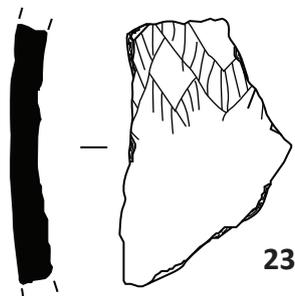
CSR - A nº 1830



CSR - A nº 2339

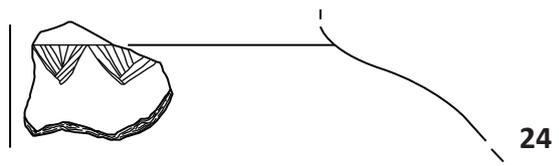


CSR - A nº 1973

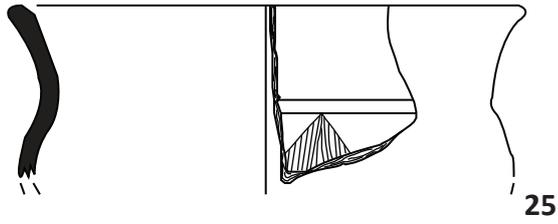


CSR-C nº 4097

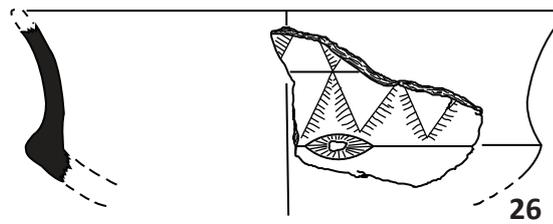




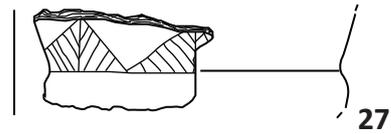
CSR-A nº 5837



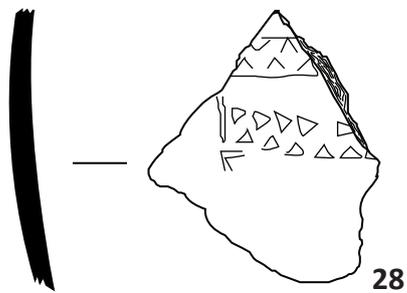
CSR-A nº6585



CSR-A nº10000

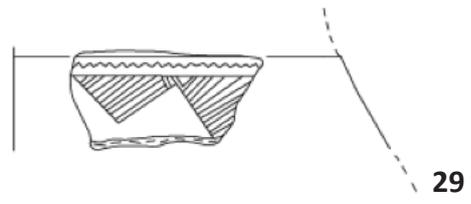


CSR-A nº 5832

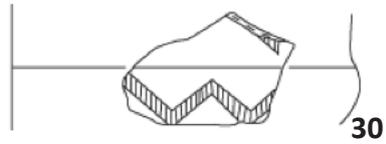


CSR-A nº 1849

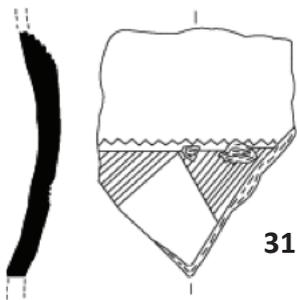




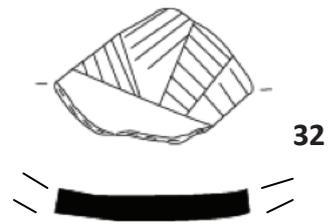
CAVADA - nº 130



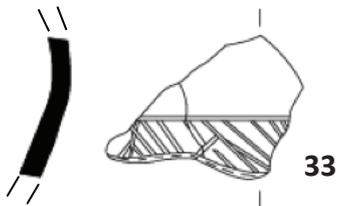
CAVADA - nº 9



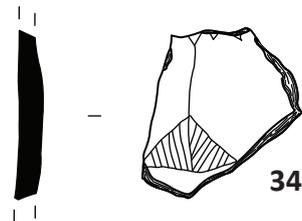
CAVADA - nº 131



CAVADA - nº 155



CAVADA - nº 156



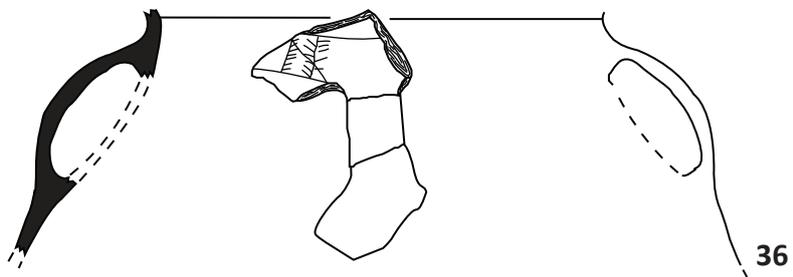
COCB-A - nº 1236



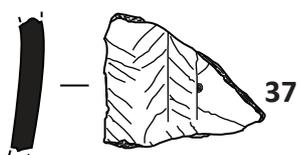
CSBS - nº 129



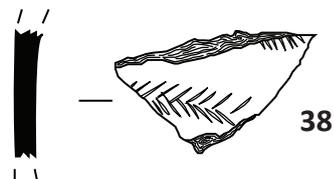
MOTIVOS EM ESPIGA



CSR-A nº 6102/6105



CSR - A nº4



CSR-A nº 3293



BORDOS DENTEADOS



1 - CSR-A, nº 664; 2 - CSR-A, nº 678; 3 - CSR-A, nº 5112; 4 - CSR-A, nº 4018

**MOTIVOS
SIMPLES**



**SEQUÊNCIAS DE
TRIÂNGULOS**



5 - CSR-A, nº 984. MOTIVO A7; 6 - CSR-A. Nº 1522. MOTIVO A8; 7 - CSR-A, nº 4210. MOTIVO B2; 8 - CSR-A, nº 5832. MOTIVO B6

MOTIVOS COMPOSTOS



9 - CSR-A, nº 6589 MOTIVO D4; **10** - CSR-A, nº 438. MOTIVO D6; **11** - CSR-A, nº 1849. MOTIVO D11; **12** – CSR-A, Nº 5837

**MATRIZ DE
TRIÂNGULOS**



**MOTIVOS EM
ESPIGA**



13 - CSR-A, nº1532. MOTIVO C2; **14** - CSR-A, nº 3293. MOTIVO E1; **15** - CSR-A, nº 8063. MOTIVO E2.